

TEATRO ANGRENSE

elementos para a sua história



Augusto Gomes



Teatro Angrense



Obra cofinanciada
pelo **F E D E R**

AUGUSTO GOMES



O TEATRO ANGRENSE

Elementos para a sua história



CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

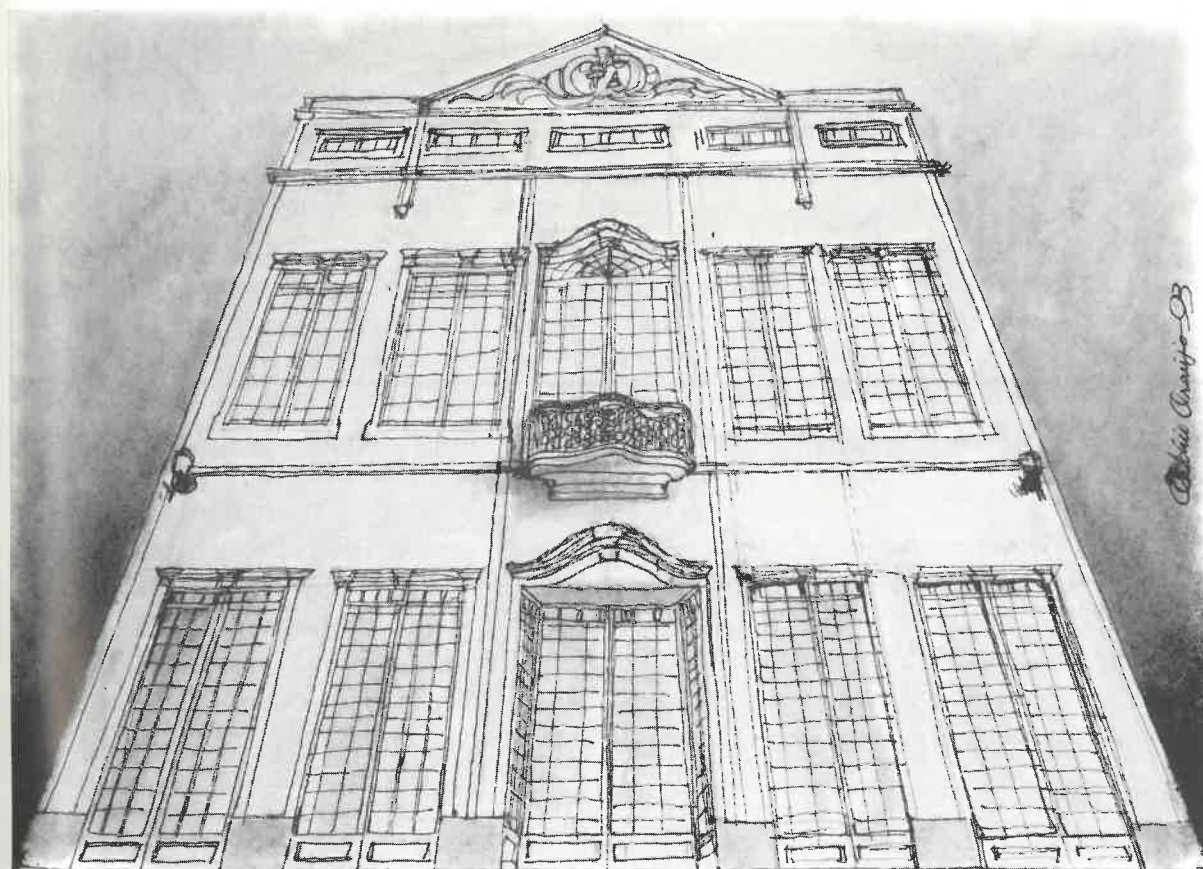
1993

Augusto Gomes



Teatro Angrense

Elementos para a sua história





ALGUMAS PALAVRAS

É com imensa satisfação que vemos reabrir as portas do nosso Teatro que assim retoma o papel para que foi concebido na sociedade Terceirense e Açoriana. Foram necessários cinco anos e um significativo investimento para que a realidade que hoje presenciamos acontecesse.

No ano de 1987 a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo deliberou por unanimidade dos seus membros adquirir o Teatro Angrense. Seguiu-se a elaboração do projecto de recuperação e restauro do edifício que uma vez concluído possibilitou o início das obras que agora terminaram. Angra do Heroísmo passa, assim, a dispôr de um espaço de grande dignidade e utilidade sócio-cultural e patrimonial. Muitos foram os esforços e diligências efectuadas para chegarmos até aqui.

Valeram, todavia, a pena, pois de outra forma não seria possível dispormos deste espaço renovado, adaptado ao que no futuro dele legítimamente se espera. Absolutamente fundamentais foram os apoios, que desde já agradeço, recebidos do Governo Regional e da Comunidade Económica Europeia que financiou a obra em setenta por cento do seu custo a fundo perdido. Igualmente importantes e de salientar foram os apoios da equipa projectista, dos empreiteiros que executaram os trabalhos, e dos técnicos da Câmara Municipal que os acompanharam. A competência e o zelo que sempre nortearam a sua acção foram o garante da qualidade de uma obra que muito nos honra. Chegámos ao fim da primeira etapa, mas outra não menos complexa e importante se inicia com a reabertura das portas do Teatro Angrense. Com efeito este espaço precisa viver para que cumpra a relevante missão que lhe está cometida. Apelo por isso à criatividade e apoio de todos já que para todos este espaço se destina, no sentido de lhe garantirmos um auspicioso futuro.

Tenho a certeza de que os Açores em geral, e os Terceirenses em particular se empenharão, com a tempera que nos é conhecida, neste projecto cultural de relevante interesse para a sociedade moderna que vamos construindo.

Finalmente, em meu nome pessoal, e da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo agradeço a todos quantos tornaram este acontecimento possível, colaborando graciosa e empenhadamente num projecto em que acreditaram tanto quanto nós próprios, e ao qual dispensaram o melhor do seu trabalho e saber.

Bem hajam por tudo.

JOAQUIM CARLOS VASCONCELOS DA PONTE

Presidente da Câmara

APRESENTAÇÃO

Ao avizinhar-se a conclusão duma das mais importantes obras realizadas na nossa cidade nos últimos anos - a recuperação do Teatro Angrense, edifício que se identifica com a urbe e a todos nós alguma coisa diz, pois raros serão aqueles que não o terão frequentado, entendeu a Câmara de Angra comemorar condignamente e ao longo de vários meses a reabertura deste magnífico equipamento colectivo.

Assim, foi programada uma série de manifestações revestidas da dignidade que a sala merece, com vista a marcar na memória de todos nós esta efeméride.

Como seria natural, coube à Divisão de Assuntos Culturais e Relações Públicas da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo por competência própria, a tarefa de promover, apoiar e supervisionar estas realizações que, diga-se em abono da verdade contaram com o maior esforço e empenho do Presidente Joaquim Ponte, da Vereação e a colaboração de muitos Funcionários do Município, todos ansiosos pela chegada do dia da subida do pano.

Uma destas iniciativas nasceu da ideia de aproveitar um manancial de conhecimentos e informações na posse dum sempre prestável e valioso colaborador da autarquia - Augusto Gomes, que acaba de ser justamente galardoado com a medalha de mérito municipal de ouro.

Penso que ao publicarem-se estes apontamentos em livro, perpetuam-se os mais significativos espectáculos que se realizaram até à fase que agora vai começar, a da modernidade. Aqui se regista muito da história e vida desta casa terceirense, o que, por si só, justifica plenamente tal monografia.

Quanto ao autor, a sua vida tem sido um notável exemplo de trabalho, a obter um lugar de destaque como das figuras que mais tem dado a conhecer os nossos valores culturais.

Certamente também, que ele, como filho do feliz autor do projecto original que provocou a construção desta infraestrutura em 1919 - 1926, sentiu grande satisfação em nos oferecer este trabalho.

Saibamos nós dar continuidade à valiosa herança que os nossos antepassados tão brilhantemente nos legaram.

Angra, 1993 - 09 - 05

JÁCOME DE BRUGES BETTENCOURT

PALAVRAS DO AUTOR

O Teatro Angrense conheceu noites de glória, um público vibrante de entusiasmo, com fama de conhecedor, aplaudindo os expoentes máximos do teatro nacional, ou as manifestações artísticas do nosso meio cultural, «Flores e Bandarilhas», «Com Papas e Bolos», «Agua Corrente», «Glória ao Divino», «Torneio Artístico Açoriano», «Centenário Garreteano», «Comemorações Henriquinas», as «récitas do liceu», as «actuações do Orfeão de Angra»...

A fina flor da intelectualidade terceirense deixou o seu nome ligado a muitas manifestações culturais na nossa casa de espectáculos: os irmãos João e Gabriel das Neves, Francisco de Paula Moniz Barreto, Luís Ribeiro, António Lino, Alfredo Sampaio, Joaquim Bartolomeu Flores, João Moniz, Henrique Vieira, Alfredo Campos, Gervásio Lima, Padre José de Avila, Raúl Coelho da Silva, Maduro Dias (pai), Dr. Henrique da Costa Brás, Frederico Lopes (pai) e Frederico Lopes (filho), em suma, uma infinidade de valores impossível de enumerar.

Pisar o palco do Teatro, era aspiração, digamos mesmo, a consagração de qualquer *amador* e muitos foram os que passaram pelo seu tablado.

No presente livro, procurei homenagear aqueles amadores que enriqueceram com o seu talento e dedicação o amadorismo teatral da nossa terra, e eles foram muitos: Angelo Teixeira, José Cruz, Francisco Leonardo, José Braulio, Arnaldo Pimentel, Eduina, Carlota Pereira, Lima Gomes, Antonieta Pinto, Florival Sancho, etc., etc....

Mas se sem autores e intérpretes jámais será possível montar um espectáculo, não é menos verdade que sem alguns humildes e obscuros colaboradores, dificilmente funcionaria uma casa de espectáculos.

Uns e outros interligam-se, criando uma atmosfera de sonho e fantasia, arrancando ao silencio de um velho edificio, as vibrações de entusiasmo, as perfumances da arte, o deleite inebriante da música, metamorfoseando o sonho em realidade.

Volidos muitos anos ainda me sinto envolvido nas sensações dos espectáculos do Teatro, onde as mais lindas mulheres dos Açores, envergando deslumbrantes trajes, davam nota de sumptuosidade, brilhando na feérica luminosidade, num ambiente aromatizado por uma mistura dos mais rescendentes perfumes.

Ainda me parece ouvir o afinar dos instrumentos da Orquestra Henrique Vieira, prelúdio do início das sessões, à mistura com o vozear e o som cavo do bater de assentos, a anteceder a ansiedade das pancadinhas de Mollière.

Oh! velho teatro!... Foste e continuarás a ser uma relíquia, o testemunho de uma época de fausto e um futuro cenáculo para o desenvolvimento da nossa cultura.

PORMENORES CIRCUNSTÂNCIAIS QUE TERÃO DESPERTADO O GOSTO DOS TERCEIRENSES PARA A ARTE DE REPRESENTAR

Desde os primórdios do povoamento que os terceirenses exteriorizaram-se em manifestações culturais e apesar das problemáticas criadas por condicionalismos naturais, tais como, isolamento e emigração, este último resultante da densidade populacional, pudemos orgulhar-nos da nossa cultura, a espalhar-se nas mais variadas manifestações artísticas.

Difícil se torna a qualquer estudioso, precisar como e quando terão brotado as primeiras manifestações artísticas na nossa ilha, sabendo-se contudo, que a nossa cultura popular assentou em autos, folias, descantes e bailados.

E terão sido os autos as primeiras representações com cariz teatral, representados em tablados armados em frente dos impérios, havendo até quem veja na designação popular «treatro», como uma alusão derivativa e sinónimo do vocábulo *teatro*; outros, porém contrapõem, obtemperando com uma versão mais simplista, apresentando a palavra como derivativa de *triologia*, com base nas três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

De qualquer forma, muitas são as provas documentais a atestarem ter o teatro a sua origem na religião, dela se emancipando à medida que o arrojo dos textos o arrastava para o profanismo, assim nos dando conta as constituições, publicadas em 1500 e nas quais aparecem as primeiras proibições a peças teatrais.

Numa continuidade palpitante, perenê e latente na alma do nosso povo, os autos de inspiração vicentina, jámais se apagariam do agrado dos terceirenses, pois que Mendo Bem, em 1899, dá-nos notícia de terem existido nesta cidade três teatros particulares: o primeiro, instalado em um granel sito ao Alto da Covas, pertença de João Maria Afonso; o segundo, de João Maria Gonçalves Branco, à rua das Frigideiras, presentemente *dos Minhas Terras*, o terceiro, que possuía melhores estruturas, funcionava na Sociedade Filarmónica, com séde na rua dos Cavalos, a fazer esquina com a do Barcelos e no qual, segundo Mendo Bem, terá actuado como amador, seu irmão Camilo.

Muitos outros teatros foram improvisados em casas particulares, tal como o que funcionou no palácio do Conde da Praia, onde hoje se acha erigido o Observatório Meteorológico.

Nos finais do séc. XIX já existiam dois pequenos teatros, o primeiro chamado «Príncipe Real», na rua de Jesus, nos baixos da residência da ilustre família do Visconde das Mercês, e o segundo, o teatro Marquês de Pombal, no rés-do-chão da residência da respeitável família Homem de Morais, na denominada rua do Marquês.



Palácio do Conde da Praia, onde funcionou um Teatro particular.

A PRIMEIRA CASA DE ESPECTÁCULOS NESTA ILHA

COM ESTRUTURAS DE TEATRO

Pelo acordão N° 532 do Conselho de Distrito proferido em Sessão de 4 de Janeiro de 1851, foi presente um officio da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, datado de 29 de Dezembro do ano transacto, cujo teor assim rezava: «Sendo de necessidade e conveniência pública, como a Camara reconhece, o haver nesta Cidade um Teatro, onde possam os cidadãos achar decente divertimento e simultaneamente presenciar exemplos de heroicidade e de virtude, como acontece nas cidades mais policiadas e de maior civilização, onde há tais estabelecimentos, que os Governos promovem e auxiliam, deliberou a Camara, sobre proposta do Vereador Tomaz José da Silva, de aforar-se um pardieiro com o seu quintal que existe na rua da Esperança, e tem para o indicado fim as necessarias proporções, pertencente ao cidadão António Tomé da Fonseca, proprietário nesta cidade, o qual segundo afirma o dito vereador, se ofereceu a dá-lo de aforamento unicamente para o sobredito fim pelo foro anual de trinta mil reis, pensando a Camara facilitar a empresa de um Teatro público nesta Cidade, aprontando o terreno à custa do municipio. E como no Orçamento municipal se não acha verba alguma para semelhante objecto, deliberou outro sim se peça autorização ao Conselho de Distrito para poder esta Camara aforar aquele pardieiro e seu quintal pelo expressado fôro, para ali se estabelecer o referido Teatro com as condições que parecerem arrazoadas e justas.

O Conselho reconhecendo com a Camara a necessidade e conveniência pública que há em se levar a efeito a construção de um Teatro nesta Cidade, prestou a sua plena aprovação a esta deliberação municipal para o aforamento do terreno de que se trata afim de que possa produzir efeito legal nos termos do artigo 121 do Código Administrativo».

Este documento datado de 13 de Janeiro de 1851, vai assinado pelos vereadores, Betten-court, Abreu, Barreto, Silva, Reis, Azevedo, Amorim e Campos.

O terreno acima mencionado, refere-se ao sitio onde hoje se acha erigido, na rua da Esperança, o Teatro Angrense, mais precisamente na esquina da rampa que dá acesso ao Mercado Duque de Bragança, onde em 1539 existiu um prédio que servia de armazém para mercadorias importadas e foi numa caixa de fazendas originária da India que deflagrou a epidemia da peste que grassou naquele ano, vitimando milhares de pessoas, sendo por tal motivo e como medida profilática, destruido pelo fogo.

Quatro anos volvidos após esta cedência e Angra continuava sem o almejado teatro, o que facilmente se depreende da petição apresentada à Camara por uma comissão nomeada pela Sociedade Filarmónica Angrense, que chamou a si a tarefa de erigir um teatro condigno, a acompanhar o desenvolvimento da nossa cidade, cujo texto se transcreve na íntegra: «Os abaixo assinados membros da Comissão, nomeada pela Sociedade Filarmónica Angrense, para promover donativos para a erecção de um Teatro, que a mesma Sociedade pretende fundar nesta Cidade, vem hoje respeitosamente solicitar desta Exm^a Municipalidade a sua eficaz cooperação para tão útil fim, esperando com justa razão, que se dignará acolher benignamente a súplica, que por este meio tem a honra de depositar nas suas mãos.

Por mais de uma vez, Exm^a Camara, se tem tentado nesta Cidade a empresa da construção de um Teatro, com as proporções necessárias, e em proporção a esta populosa Cidade, porém infelizmente tem abortado todos os planos pela deficiência de meios, ou por falta de resolução, limitando-se apenas os influentes e amadores destes divertimentos cénicos a formarem Teatros em casas alugadas, onde dispendem avultadas somas pecuniárias, sendo depois obrigados a largar o prédio, inutilisando-se deste modo tantas fadigas e esforços, que se porventura fossem empregados em um local, em que não estivessem dependentes destas vicissitudes e alternativas, já há muito, que os Angrenses teriam um Teatro, que nada deixaria a desejar.

E na verdade é para lastimar, que numa Cidade, como esta nossa, se não tenha podido até hoje realizar este pensamento eminentemente civilizador, e que os estranhos, que nos visitam, não encontrem mais do que uma mesquinha sala, com o título de Teatro, que nada depõe em favor do bom gosto e civilização dos terceirenses.

Para obviar este desaire, a Sociedade Filarmónica vai meter ombros à empresa, e com quanto reconheça as dificuldades e obstáculos que o rodeiam, não desespera contudo do bom resultado, porque confia muito no patriotismo de seu concidadões, e na generosa protecção e auxilio de uma Municipalidade ilustrada, como a de Angra do Heroísmo, que apreciando devidamente as vantagens que resultam deste útil estabelecimento, não deixará por certo infrutíferas as suas intenções.

Sendo o Teatro, por assim dizer, a arena pública, onde as paixões se combatem, onde o vicio contende com a virtude, tem por isso estes espectáculos o poder de excitar os affectos, de produzir sensações úteis e agradáveis, de despertar vivo interesse pela desgraça e infortunio de nossos semelhantes, tornando-se por este meio uma escola de moralidade, e é por isso que as Nações cultas e civilizadas mantêm à custa de enormes dispêndios estes uteis Estabelecimentos, para com eles não só oferecer lícito entretenimento, mas também para chamar ao seio das Cidades a virtude, pintando-a com vivas cores, para nos excitar a seguir às acções louváveis, desenhando também debaixo do seu aspecto ascoroso e hediondo o vicio, para no-lo fazer aborrecer e desprezar.

Se pois nas grandes Cidades de dia para dia se vai aumentando o número destes profícuos Estabelecimentos, que os Governos procuram por todos os modos animar e auxiliar, pelos motivos ponderados, com muito mais razão, confiam os abaixo assinados que a Exm^a Camara tomará debaixo da sua protecção valiosa esta nascente empresa, não só pela absoluta carência de recursos, que há nesta Cidade, para o decente entretenimento das famílias como também pelos resultados morais, que dela forçosamente se há-de colher.

Animados por tanto de tam louváveis desejos e convictos do bom acolhimento que esta Exm^a Municipalidade se dignará prestar a esta sua rogativa, certos além disso do incansável empenho com que a mesma Municipalidade procura fazer animar e prosperar todos os ramos da publica utilidade, os abaixo assinados ousam desta Exm^a Camara o impulso necessário para se realizar a empresa que intentam, dignam-se subscrever para a fundação do mesmo Teatro com aquela quantia que os encargos da sua administração sentirem que seja dimanado para tão útil fim.

Digne-se V. Ex^a aceitar os protestos da consideração, respeito com que temos a honra de ser. De V. Ex^a - Att's Vres. - Angra do Heroísmo, 10 de Julho de 1855».

Assinam a petição: Tomaz José da Silva, Joaquim António Mendonça Menezes, João Eduardo da Silva Carvalho, Teotónio de Bettencourt Pitta e Francisco de Lemos Machado.

Três meses depois iniciavam-se as obras de construção do que viria a ser o nosso Teatro Angrense e a 13 de Março de 1859 seria nomeada uma comissão de accionistas, destinada a acelerar o seu acabamento e que ficaria assim constituída: João Pereira Forjaz de Lacerda, Jacinto Candido da Silva, Gabriel de Sousa Pereira, Álvaro Borges Fournier, António Sieuve de Seguiet, João António Nogueira, José da Silva, Francisco de Lemos e Teotónio Pita.

A 22 de Novembro de 1860 seria finalmente inaugurado o tão almejado Teatro, entre os acordes musicais da Harmonica Terceirense, girandolas de foguetes e um indiscreto entusiasmo da população.

Após a inauguração seria dissolvida a comissão acima referida e nomeada a Assembleia Geral e respectiva Direcção composta de 5 membros, tendo cada qual a sua missão específica e redigidos os estatutos que seriam aprovados por Alvará de 4 de Junho de 1862, assinados pelo Marquês de Loulé e pelos quais passaria a ser regida a «Sociedade Proprietária do Teatro Angrense» e cujo texto se transcreve na íntegra:

- Art' 1' - E' formada uma sociedade com o fim de construir e conservar na cidade d'Angra do Heroísmo um edificio para um Teatro, com o título da Sociedade Proprietária do Teatro Angrense.
- Art' 2' - O número de sócios é indeterminado, e o capital, com que concorrem para esta empresa, é dividido em acções de doze mil reis cada uma.
- Art' 3' - O pagamento das acções poderá ser feito por uma só vez, ou em prestações da décima parte, com intervalo de trinta dias.
- Art' 4' - As acções são transmissíveis por venda, doação, herança, ou por qualquer transacção ou contracto, mas nenhum accionista poderá ter voto nas eleições da sociedade, sem que a sua acção esteja averbada no livro da sociedade, com um mês pelo menos de antecedência.
- Art' 5' - O accionista é responsável pelo pagamento das acções que tomar, e nos prazos que lhe são marcados pelo artigo terceiro. Se findos estes não satisfazer o pagamento reclamado, perderá não só o direito de accionista, mas também as quantias que tiver pago por conta. Esta pena porém não se tornará efectiva, sem ser confirmada pela Assembleia Geral, perante a qual poderá o accionista, que se reputar lesado, fazer a sua reclamação.
- Art' 6' - As deliberações da sociedade serão tomadas pelos accionistas que comparecerem em Assembleia Geral, convocada e presidida pelo seu respectivo Presidente, precedendo aviso aos accionistas, com antecipação de três dias pelo menos.
- Art' 7' - A administração e edificação do teatro compete a uma comissão de nove membros, que d'entre si escolherão Presidente, Secretário e Tesoureiro, eleita pela maioria dos accionistas presentes.
- Art' 8' - Compete à Comissão:
- 1' - A gerência económica da Sociedade.
 - 2' - Representar a Sociedade em todos os actos públicos.
 - 3' - Passar os títulos aos sócios e faze-los averbar competentemente.
 - 4' - Dirigir as obras do mesmo teatro.
 - 5' - Convocar a Sociedade quando o julgar conveniente.
- Art' 9' - Concluido o teatro, e aprovadas em Assembleia Geral as contas da comissão constructora, será esta dissolvida, e se procederá à eleição por tempo de um ano, não só da mesa da Assembleia Geral, composta de um Presidente, de um Vice-Presidente e de dois Secretários, mas também da Direcção, composta de cinco membros, com a designação dos cargos para que são eleitos.
- Art' 10' - Compete à mesa da Assembleia Geral:

1º - Convocar os accionistas, para tomarem conhecimento de qualquer reclamação ou recurso, que para ele seja interposta.

2º - Dirigir a ordem dos trabalhos nas reuniões da mesma Assembleia.

3º - Fazer proceder em tempo competente a eleição dos cargos da Sociedade.

Artº 11º - Compete à Direcção:

1º - Administrar, com responsabilidade solidária, os fundos da Sociedade.

2º - Dirigir e regular tudo o que fôr concernente ao Teatro.

3º - Executar e fazer executar os presentes estatutos e para boa direcção do Teatro, formar os regulamentos internos, que submeterá à apreciação da Assembleia Geral.

Artº 12º - A parte do fundo social que vier a sobrar do fundo de edificação do Teatro, e bem assim quaisquer rendimentos que ele possa produzir, serão aplicados, ou para comprar as acções emitidas, ou para distribuir em dividendos aos sócios, ou para qualquer outro destino em que estes concordem, por deliberação tomada em Assembleia Geral.

Artº 13º - A sociedade dissolver-se-ha, quando duas terças partes dos sócios existentes assim o resolverem.

Artº 14º - Na mesma sessão em que fôr acordada a dissolução, se regulará o modo de liquidar os interesses dos sócios e de alienar o Teatro.

Artº 15º - Para se tomarem as resoluções contidas nos dois artigos antecedentes, deverão os sócios ser convocados por carta fechada, dirigida a cada um deles e com antecipação, pelo menos, de quinze dias.

§ único - Sómente neste caso fica sendo permitido a todo aquele sócio, que não poder comparecer, a comunicar o seu voto por escrito.

Paço, em quatro de Junho de mil oitocentos sessenta e dois.

as) *Marquez de Loulé*



João Pereira Forjaz Sarmento de Lacerda, Presidente da Comissão nomeada a 13 de Março de 1859 afim de acelerar a construção do Teatro Angrense.

Actuou na estreia do Teatro Angrense uma companhia continental, tendo como titular Porfírio Martins e com um elenco assim constituído: Lino Mesquita, Antonio Mendes Leal, Joaquim Silva, Nunes da Silva, Cordeiro, Maria da Assunção e Brito e Maria do Carmo.

A Banda de Infantaria 8 abrilhantou o espectáculo com um selecto reportório e os poetas José Augusto Cabral de Melo e João Marcelino Mesquita Pimentel declamaram versos por eles compostos, sendo os do segundo alusivos a Santa Cecília, cuja evocação se fazia naquele dia.

Segundo Félix José da Costa na sua valiosa obra intitulada *Angra do Heroísmo*, publicada em 1867, o aludido teatro foi construído à semelhança do «Ginásio» de Lisboa e na sua construção só se empregaram moldes e artistas da ilha.

Mendo Bem descreve-o como uma sala elegante e ridente nas suas brancuras e dourados, dizendo ainda, ser o átrio e o salão pouco vastos, mas a satisfazerem a afluência de espectadores. Queixa-se da caixa e do palco não corresponderem em dimensões ao resto do edifício e serem asoberbados pelo mercado Duque de Bragança e quintais do Barão de Ramalho.

Quanto ao resto do edifício diz que os camarins sobem em quatro ordens, quase à altura dos tetos, possuindo três ordens de camarotes, num total de 50, 43 cadeiras e 216 lugares de plateia.

Nos dias 2, 20 e 30 de Março de 1862 o actor Joaquim Silva e a actriz Maria do Carmo realizaram as suas festas artísticas e a 7 e 21 de Abril realizar-se-iam os espectáculos de benefício dos artistas Lino António de Mesquita e Porfírio Martins.

A 26 de Dezembro do mesmo ano realizou-se uma festa de homenagem a José Estevam de Magalhães com o teatro repleto, a fim de angariar fundos para a erecção de um monumento a tão notável tribuno.

Muitos outros espectáculos ter-se-ão realizado nos anos seguintes, no entanto, e a fazer fé por aquilo que nos diz Miguel Forjaz em «A Arte de Talma Terceirense (Subsídios)», só a 25 de Março de 1865 há notícia de um espectáculo de beneficência a favor de António José da Rocha, cenógrafo português.

Em 1866 trabalharam no Teatro o prestidigitador Sezinando, Henricheta Sauretti, pianista, Paulo Martins e Maria Emilia. Em Outubro efectuou-se um espectáculo organizado por Henrique Pereira de Lima e Elvira Durval de Lima, actuando em fim de espectáculo a Banda Militar de Caçadores 10.

O ano seguinte seria mais fértil em espectáculos teatrais, pois que a 29 de Outubro se realizou uma récita de gala em comemoração do aniversário natalício de El-Rei D. Fernando; a pianista Henricheta Saurett, alguns artistas teatrais e ainda com a colaboração da amadora terceirense Emilia Serra, realizaram vários concertos de piano, sendo o último a 26 de Dezembro, sem Henricheta Saurett.

A 21 de Janeiro de 1868, novamente Henricheta Saurett brinda os terceirenses com mais um concerto de piano e a 26 e 30 do mesmo mês, respectivamente um baile de mascaras e uma récita em benefício de Elisa da Conceição e Sousa.

De 9 de Março a 28 de Maio realizaram-se 8 récitas de beneficência estreitando-se a 25 de Junho a Companhia Dramática Portuguesa com a ópera cómica «O Tio Braz», que efectuou 4 espectáculos.

Esta Companhia voltou a actuar, sob a direcção de Joaquim Silva, em Outubro, com um elenco do qual constavam os artistas Sanguinetti, Figueira, Porfírio, Elisa, Amélia, Carmo e Emilia.

Em 1869 estreia-se a Companhia Lírica Dramática Espanhola, sob a direcção de D. José Lartiller, estreando-se a 1 de Março com a peça «El Juramento» seguindo-se mais 12 espectáculos.

No mesmo ano voltou a actuar a Companhia Dramática Portuguesa e dois espectáculos de amadores e ainda dois espectáculos pela Companhia de Zarzuela, sob a direcção de José Garcia, Andres Ortiz e Ramon Torres.

A 18 de Junho um grupo de amadores promove um espectáculo em benefício da Companhia de Zarzuela e a 18 de Agosto outro a favor dos actores José Gomes de Macedo e Alexandre Ferreira.

A 27 de Março de 1870 abre a temporada no Teatro Angrense a Companhia Dramática Açoriana, tendo realizado 17 espectáculos, seguindo-se uma Companhia Dramática-Acrobática em que o artista António Victor executou o Torniquete Ginástico, Torturas em Bamboleio e Corda Frouxa com sarilhos diabólicos.

Até 1872 realizaram-se espectáculos de beneficência a favor de Ivo Whiton Pereira Sarmiento, actriz Máxima Ferreira, Úrsula Filomena Martins Pamplona, José Gonçalves Valadão e o maestro F. S. Noronha, acompanhado ao piano por José Candido Furtado, e a 8 de Junho um grupo de amadores realiza um espectáculo cujo produto reverte a favor de António Mariano Picão.

O ano de 1873 abre com o prestidigitador Miguel da Fonseca, o qual dá 3 espectáculos, seguindo-se-lhe a Companhia Carolina Falco-César de Lacerda que realiza seis espectáculos.

A 15 de Abril de 1882 sobe à cena «O Mártir do Japão», oratória em 3 actos e 10 quadros, musicada, sendo autor da música Eduardo Augusto de Sousa Ribeiro e da letra o Dr. José Maria Leite Pacheco. Esta peça que obteve assinalado êxito, voltaria à cena a 21 do mesmo mês e a 14 de Maio.

Em 1888 actua no nosso Teatro a Companhia Dramática Taveira, constituída pelos artistas: Teresa Aço Taveira, Maria Del Carmo, Maria das Dores de Aço, Derotêa Coutinho, Emilia Brazão, Adelaide Rosa da Silveira, Maria Aço Estanislau, Afonso dos Reis Taveira, António José dos Santos, Francisco dos Santos Melo, Vitorino Veloso, Antonio José Alves, Ernesto Porutiez, Amaro José, Tomé da Veiga e Antonio Malheiro.

A 7 de Março a artista ilusionista e concertista Maria Antonieta, o prestidigitador J. G. Gomes e o actor Santos e ainda o célebre violinista Gabriel Aman Neuser, realizam um concerto com a colaboração da Orquestra «Lira Angrense» sob regência de Jácome de Sousa Ribeiro, estando ao piano João Teixeira Soares da Luz e cornetim Francisco Norberto dos Santos Pinto.

A 8 de Junho de 1890 foi levada à cena o drama em 3 actos «Honra e Pátria», original de Frederico Augusto Lopes da Silva, sendo intérpretes, para além do autor, Francisco de Paula Moniz Barreto, Alfredo Luis Campos, João Maria Cordeiro, Adriano Augusto dos Santos, José Maria Coelho de Lima, Ferreira Giraldes e Fernandes, Francisco de Paula Bastos, Teodoro Vieira e Alberto Costa.

O produto deste espectáculo reverteu a favor da grande Subscrição Nacional.

Nos dias 14, 27 e 31 de Março de 1892 foi apresentada a linda comédia «Fidalgos e Plebeus», da autoria de Alfredo Luís Campos, tendo como ensaiador Moniz Barreto, sendo intérpretes quase todos os componentes do elenco de «Honra e Pátria» e ainda José Gonçalves Lestinho, Manuel Augusto de Sousa, Manuel de Sousa Ribeiro, Miguel Peixoto Palhinha, Teodoro Bonifácio Lopes, Augusto Cesar Vieira (ponto), Gregorio Sanches Franco, Joaquim Mendes, Francisco Augusto Teixeira (Contra-regra) e João de Sousa Ribeiro (caracterizador).

Estes espectáculos foram abrilhantados pela Orquestra «Lira Angrense».

Muitos foram os espectáculos que se realizaram em 1893, iniciando-se com 10 actuações da Companhia Dramática Portuguesa sob a direcção de Santos Júnior.

Seguiu-se «Gabriel e Lusbel» ou «Milagre de Santo António», representado por um grupo de amadores composto por Manuel Bernardo, Guilhermina Silva, Jacinto de Sousa, Augusto Pereira, Manuel Vieira da Silva, Maria Silva, Maria Filomena, Vasco Pamplona, Fernandes, Agostinho Pereira e Hipólito Pereira.

Mais uma vez abrilhantou o espectáculo a Orquestra «Lira Angrense», tendo João de Sousa Ribeiro fornecido o guarda-roupa e foi António de Sousa (Craca), quem montou o maquinismo cénico.

O último espectáculo reverteu a favor do menor José Francisco de Paula Borges, cinco vezes operado e que acabou por amputar uma perna.

A 21 de Janeiro de 1894 os ilustres cavalheiros Dr. Alfredo Sampaio, Dr. Manuel António Lino, Francisco de Paula Moniz Barreto, Adriano Augusto dos Santos e Alfredo Luis Campos fazem um apelo aos angrenses para se reunirem no nosso Teatro a fim de apresentarem o

projecto para a comemoração do 5º Centenário do Infante D. Henrique, tendo o Dr. Alexandre Meireles de Távora proferido a 3 de Março uma palestra versando a acção do Infante de Sagres.

A temporada teatral de 1895 inicia-se a 2 de Janeiro com a companhia Santos Júnior que tinha como galã Justino Marques e estrelas Carolina Santos, Elisa Aragonez, terminando a digressão a 27 do mesmo mês.

Justino Marques, o já citado galã da Companhia Santos Júnior, por sua vez, forma a sua Companhia que inicia a actividade a 5 de Março, com uma série de 13 representações, sendo a última com a peça «Alda, a filha do sargento», da autoria do terceirense Alfredo Luis Campos.

Justino Marques prolongaria a digressão com mais 5 espectáculos, contratado por Joaquim Mendes.

Em Maio, Santos Júnior regressa com a Companhia de Opereta Cómica Portuguesa, tendo como maestro Francisco Simaria, ensaiador Estevam Moniz e actores Carolina dos Santos, Luiza de Oliveira, Júlia Anjos, Ema de Amorim, Elvira de Jesus, Iria Faria, Matias de Almeida, Júlio Barros, Jaime Silva, J. Rebocho, Pato Moniz e A. Sousa, J. Coutinho (ponto), António da Cruz (contra-regra) e A. Franco (costumier).

A 30 de Junho chega a esta cidade uma Companhia de «Vandeville» do Teatro da rua dos Condes, de Lisboa, dando 13 espectáculos, estreitando-se com «A Marechala».

Funcionando sob a direcção artística de Carlos Posser, contava no seu elenco com Ana Pereira, Lucinda do Carmo, Emilia Rochedo, Amélia Pereira, Amélia Viana, J. Berardy, Pepita Abreu, Emília Abreu, Pedro Cabral, Setta da Silva, Luis Pinto, M. de Almeida, Ramalhet, Ricardo e Caetano de Abreu.

No ano de 1897 fomos visitados por duas Companhias de Zarzuela, tendo a primeira, sob a direcção de D. Ramon Navarro, realizado 26 espectáculos, e a segunda sob a direcção de D. Rafael Queralt e D. Luis Carbonel, 14 espectáculos.

A primeira actuou de 13 de Janeiro a 16 de Fevereiro e a segunda, estreitou-se a 27 de Outubro.

Em 1898 uma Companhia de Variedades dirigida por Francisco Franco actuou no Teatro Angrense, realizando 21 espectáculos.

A temporada de 1899 inicia-se com a Troupe Artistica Excentro-Cómica Burlesca-Mímica, composta dos artistas Jaime Silva, Fregoli português, João Rebocho, imitador e cantor cosmopolita, Alexandre de Azevedo, excentro-mímico-dramático e Martins Rodrigues, projeccionista-diafanorâmico, que realizou 5 espectáculos.

Efectuou-se a 8 de Julho um sarau destinado a angariar fundos para o hospital da Horta, colaborando para além dos oradores Teotonio Simão Paim de Ornelas Bruges e o capelão-militar, Padre Elísio Campos, os amadores, Elvira Reis, Clara Olga Teixeira, Maria das Mercês Toledo, Ema Avelar Borges de Ayila, Adelina Silva, Gabriel das Neves, Luis Pamplona, Manuel Vieira Mendes da Silva, Victor José de Oliveira, Jácome de Sousa, Luis Ribeiro, Francisco de Paula Moniz Barreto, José Maria Coelho de Lima, Ilidio Mourato e João das Neves.

A 27 do mesmo mês somos visitados pela Companhia da Sociedade de Artistas Dramaticos Portugueses Constituida pelos seguintes artistas: Carolina Falco, Barbara Wolkart, Josefa de Oliveira, Maria Falcão, Adelia Soller, Alda Soller, João Gil, Telmo Larcher, Luis Pinto, António Pinheiro, Alfredo Santos, Carlos de Oliveira, Carlos Bayard, Luis Ramos, Sebastião Alves, Frederico Ferreira (contra-regra) e Silva Pinto (ponto).

Esta Companhia estreou-se com a peça «João José» e encerraria com o drama histórico «Leonor Teles», tendo ainda dado um espectáculo extraordinário a favor da Cozinha Económica Angrense.

No seu regresso do Faial, representou a comédia «O Fiscal dos Wagons Leitos».

Em 1900, Angelo Pinto Ribeiro organizava um Grupo Cómico composto pelas meninas Idalina Correia de Melo, Isabel Rosa Linhares e José Maria dos Santos, iniciando a sua série de espectáculos a 21 de Janeiro dedicada aos seus colegas liceais e o terceiro ao Dr. Manuel António

Lino, contando então com mais um elemento - Aurélio Botelho Moniz, o quarto realizado a 10 de Maio foi a despedida do Grupo.

Intercalados com estes espectáculos o artista cómico transformista vocal Vargas, actuou por três vezes.

A 12 de Junho faz a sua estreia nesta cidade, a Companhia do Teatro Príncipe Real de Lisboa com a peça «Dama das Camélias», dando 13 espectáculos, sendo o da despedida com a comédia em 5 actos «A Voz do Sangue».

O seu elenco era constituído pelos artistas: Adelina Ruas, Maria das Dores, Rosa de Oliveira, Elisa Aragonez, Júlia da Assunção (com apenas 8 anos), Aurora Ruas, Ernesto do Vale, Pato Moniz, Luciano, José Baptista, Augusto Torres, Eduardo Soares, Rodrigo, Roldão, Augusto Machado, Henrique Peixoto, Manuel Ferreira, Francisco Mendonça, Avelar Pereira e Venâncio.

Alfredo dos Santos surge novamente entre nós, desta vez como director da Companhia da Sociedade de Artistas Dramáticos, cujo elenco era assim constituído: Carolina Falco, Barbara Wolkart, José de Oliveira, Amélia Pereira, Adélia Soller, Jesuina Saraiva, Isabel Malheiro, Luis Pinto, Augusto Antunes, Carlos Bayard, Setta da Silva, António Pinheiro, João Gil, Caetano Reis, Frederico Ferreira, Henrique Alves e Sebastião Alves.

Esta Companhia totalizou 14 récitas, sendo a última em benefício da Cozinha Económica Angrense.

O resto do ano foi preenchido com dois espectáculos de amadores, em benefício dos impérios do Outeiro e Guarita, levando à cena as peças, «Dúvidas do Coração» (estreia de Miguel Forjaz), «Preciosidades de Família», «Gaspar, o Serralheiro» e «Amores de Leoa».

Tomaram parte nestas récitas os amadores: José Gonçalves Lestinho, José Maria Coelho de Lima, Gregório Sanches Franco, João Maria da Encarnação Cordeiro, Estevam da Fonseca Júnior, João Narciso do Canto, Francisco de Paula, Pimentel Correia, Miguel Forjaz, Guilhermina Silva e Amélia Avila.

Em 1902 um grupo de amadores abre a temporada com uma série de espectáculos realizados a 19 e 26 de Janeiro e 10 de Fevereiro.

No dia 1 de Março apresenta-se a Companhia de Zarzuela e Ópera Espanhola, dirigida por Navarro e Lopez, a qual realizou 18 espectáculos, tendo efectuado mais sete no seu regresso do Faial.

Do elenco desta Companhia faziam parte grandes artistas, Vitória Sola e D. Amália Diaz, tendo a primeira interpretado o papel de Tília no drama «Advogado da Honra» e de Rosita na Comédia «A Casa de Babel», no espectáculo promovido por um grupo de amadores locais, em seu benefício e do titular Luis Navarro.

Os amadores que colaboraram e organizaram o referido espectáculo, foram: José Gonçalves Lestinho, José Maria Coelho de Lima, Gregório Carlos Sanches Franco, Estevam da Fonseca Júnior, Adriano Augusto dos Santos, Francisco de Paula Moniz Barreto, que também cantou uma romanza, João Narciso do Canto e Miguel Forjaz.

Este grupo voltaria a actuar nos dias 1 e 21 de Dezembro com as peças «Sombras e Coloridos», «Actor e seus vizinhos», «João, o Corta Mar» e «As Birras do Papá».

O ano de 1903 inicia-se com a apresentação, a 21 de Março, do artista Mr. Lovenquis, o homem sem estômago que engolia bolas de bilhar, sabres, baionetas, ovos, relógios, etc.

Em 5 de Abril surge a Companhia Russa-Chino-Japonesa com os seus trabalhos ginásticos, acrobáticos, excéntricos e o ilusionista russo Cospodim Stark.

Os amadores terceirenses levam à cena nos meses seguintes várias peças, em espectáculos de caridade, contando-se entre elas «Preconceitos Sociais» da autoria de Joaquim Flores.

A 11 de Junho, a Companhia Portuguesa com actores da organização artística «Rosas e Brazão», de Lisboa, realiza o seu primeiro espectáculo com uma peça em 3 actos de Alexandre Dumas, encerrando a série de 16 récitas com a comédia versejada em 3 actos, intitulada «Bandalim», da autoria de Artur Azevedo. O seu elenco era assim constituído: Lucinda Simões, Lucília Simões, Josefa de Oliveira, Sousa Cruz, Jesuina Saraiva, Cristiano de Sousa, Augusto Antunes,

António Pinheiro, Estefania Pinheiro, Carlos Bayard, Francisco Sena, Frederico Lagos, Candido Gualdina (ponto) e Carlos de Almeida (contra-regra e aderecista).

A 28 de Julho faz a sua estreia no Teatro Angrense a Companhia do Ginásio de Lisboa, sob a direcção de Leopoldo de Carvalho, integrando no seu elenco os artistas: Adelaide Coutinho, Barbara Wolkart, Isabel Berard, Emília Sarmiento, Marieta Mariz, Palmira Torres, Sofia Santos, Telmo Larcher, Inácio Peixoto, António Cardoso, António Sarmiento, António de Sousa, Anibal Pinheiro, Jorge Ferreira (contra-regra) e Daniel Moreira (ponto).

O barítono João dos Reis Neves em 18 de Julho realiza a sua festa artística com a cooperação do seu irmão Gabriel das Neves, D. Maria das Mercês Pinto Campos, Francisco de Paula Moniz Barreto e Candido de Melo.

É neste ano ainda que o afamado violinista Chevalier Brindis de Salas se faz ouvir em Outubro, acompanhado do professor Luís Maria Xavier, nos quatro concertos que aqui realizou.

O tenor português Joaquim Tavares, promove em Dezembro dois espectáculos, acompanhando-o ao piano Gabriel das Neves e dirigindo a orquestra, João Carlos da Costa Moniz.

Animou estes concertos, cantando canções e desempenhando rúbicas cómicas, Francisco Soares Brandão.

Em Fevereiro de 1904 o «Law-Tennis-Club», aproveita a época carnavalesca para realizar 2 espectáculos, os quais têm como director de cena Severiano de Bettencourt e intérpretes: Amélia Pereira de Vasconcelos, Lídia Gomes, Maria Gomes, Alice Gomes, Georgina Pereira de Vasconcelos e um filho do Comendador Silveira e Paulo.

A parte musical esteve a cargo de Brindes de Salas que se fez acompanhar de Gabriel das Neves, João Carlos Moniz da Costa e Raimundo Ramos Moniz Pamplona.

Gomes da Silva cantou a «overture» da festa e Severiano de Bettencourt uma romanza politica-simbólica.

Desconhecendo-se a data exacta, sabe-se que a Companhia Dramática Portuguesa realizou 16 espectáculos, abrindo com o drama «Inez de Castro» e encerrando com a peça «A Gata Branca».

Sob a direcção de Ernesto do Vale, era o seu elenco assim constituído: Rosa de Oliveira, Carlota Veloso, Leonor Faria, Maria Soares, Amélia Rodrigues, Alda Soares, Amélia Gomes, Eduardo Soares, António Alves, Firmino Brazão, Augusto Neves, Rogério Tasso do Vale (10 anos), Hipólito Costa, Tomás Vieira, Mário Veloso, Lino Ferreira, Francisco Tavares Coutinho (ponto), J. J. Fonseca (contra-regra), M. Lima (aderecista) e Manuel Costa (secretário).

O resto do ano foi preenchido por dois concertos, o primeiro, realizado por João das Neves e o segundo, vocal e instrumental, pelos artistas Di Neves e Ricardo Nicoso com a cooperação de Gabriel das Neves e da Tuna «Manuel Augusto Gaspar».

Surge o ano de 1905 com uma actividade teatral bastante activa, pois que a 12 de Março faz a sua estreia a Companhia Dramática Portuguesa, realizando 20 espectáculos, sendo o programa do primeiro constituído pelas duas peças «A Rosa de Hercules» (1 acto), interpretada por Hermínia Lister e Manuel Matos e a segunda, «Nono não desejarás», por Manuel Matos, António Alves, Firmino Brazão, José Pinto, Ferreira de Almeida, Hermínia Lister e Júlia da Conceição.

Dois desses espectáculos foram de caridade, sendo o primeiro em benefício das famílias de pescadores de S. Mateus, vítimas de um naufrágio e o segundo a favor do Império da rua do Conde da Praia da Vitória.

Esta Companhia levou à cena «Rosas de Nossa Senhora», com música de João das Neves e que contou com a colaboração, para além dos artistas mencionados, mais ainda: Palmira Figueiredo, Emília Neves, Natália de Oliveira, Ricardo Neves, Vitorino de Brito e P. de Figueiredo.

Passado algum tempo a Companhia Angela Pinto, sob a direcção de Luis Pinto, estreia-se a 12 de Julho com a peça «Zázá», fechando com a «Trovisqueira».

Esta Companhia realizou um espectáculo extraordinário, cujo produto reverteu a favor do Asilo de Mendicidade.

O elenco desta companhia era assim constituído: Angela Pinto, Luz Veloso, Marietta Mariz, Sarah Coelho, Maria da Luz, Carolina Falco, Júlia Moniz, Judith Ferreira, Luís Pinto, Inácio Peixoto, Cardoso Galvão, Belard da Fonseca, Álvaro Monteiro, Henrique Albuquerque, Gouveia Pinto, Augusto Sampaio e Ricardo Salgado.

A actividade teatral deste ano encerra-se com um espectáculo da Sociedade «Recreio dos Artistas», desconhecendo-se a data e bem assim o reportório, sabendo-se contudo, que o seu elenco era assim constituído: Maria Silva, Guilhermina Silva, José Gonçalves Lestinho, João Baptista Leal, João Maria da Encarnação Cordeiro, Fernando de Medeiros, José Gaspar da Costa, Teodoro Vieira e A. Soares.

O ano de 1906 inicia-se na época carnavalesca, a 26 e 27 de Fevereiro com um cozinhado de «Cousas Terceirenses», iniciativa do «Lawn Ténis Club», tendo como intérpretes: Leonor Medeiros, Rafaela Vaz, Georgina Forjaz, Julieta Lopes, Maria Ferreira, Alexandrina Medeiros, Manuela Macedo, Francisco de Medina, António Pamplona, Gregório Medina, Luis Reis, António Pinheiro, Leal Ferreira, José Forjaz, Manuel Medeiros, Isaura Mendonça, Joaquina Macedo, Maria Forjaz, Noémia Franco, Serafina Leite, Amadeu Rebelo, João Quintanilha e Jorge Silvano.

A 24 de Março apresenta-se ao público angrense o cantor Bensaúde, fazendo-se acompanhar ao piano por Gabriel das Neves.

A 19 de Abril voltou a actuar a Companhia Dramática Portuguesa, dando 7 espectáculos e contando no seu elenco com os artistas: Hermínia Lister, Virginia Nery, Júlia Belchior, Manuel Matos, Lino Ferreira, António Alves, e Pinto de Almeida.

A 26 de Julho faz a sua apresentação nesta cidade a Companhia de Opera Cómica do Teatro D. Amélia, sob a direcção de Laura Bastos e do maestro Altílio Capitani, com a ópera «Solar dos Barrigas», servida pelo elenco: Palmira Bastos, Maria Santos, Elvira Roque, Júlia da Assunção, Auzenda de Oliveira, Elvira Freitas, Alfredo de Carvalho, Augusto Antunes, Alexandro Azevedo, António Sá, Pinto Grejo, Jorge Roldão, Carlos Santos e Rafael Marques, constando ainda deste elenco um corpo coral constituído por 16 artistas de ambos os sexos.

A 19 de Julho o barítono terceirense João das Neves, já profissionalizado, apresenta-se no nosso teatro sob o nome artístico «Di Neves Giovani», com a colaboração de sua esposa Marion Adhemar, auxiliados por seu irmão Gabriel das Neves.

Seguem-se 4 espectáculos com a peça «Assassino» da autoria de João Baptista Leal e José Gaspar da Costa, levada à cena por um grupo de amadores.

Após estes espectáculos o imitador Vargas volta a actuar no palco do Teatro Angrense, porém, desconhece-se a data.

O ano de 1907 inicia-se a 2 de Janeiro, com um espectáculo organizado pela Sociedade «Musical Angrense».

No dia 20 de Abril é promovido um espectáculo a favor da Cozinha Económica Terceirense no qual tomam parte: Tuna Musical, Judith Costa, Alda Silvano, Izolina da Costa Coelho da Silva, Maria Albertina G. Medeiros, João das Neves, J. de Menezes, Gabriel das Neves, António José da Rocha, João Moniz, José Maria Coelho de Lima, Ilídio Mourato e Gregório Medina.

A 26 de Fevereiro a Companhia Dramática Maria Falcão composta pelos artistas, Maria Pinheiro, Adélia Pereira, Elvira de Jesus, Olivia de Almeida, Juliana Silva, Chaby Pinheiro, Pato Moniz, Lagos, Anibal Pinheiro, João Lopes, Nascimento, Ferreira de Almeida, J. Condeixa (contra-regra), Pinto Peixoto (ponto) e Joaquim Pinheiro (secretário), realizou 5 espectáculos com a peça «Keen».

A 17 de Novembro e a 1 e 22 de Dezembro o Grupo Dramático Moniz Barreto realizou espectáculos.

A 5 de Janeiro de 1908 pode o público angrense presenciar um interessante espectáculo intitulado «O Vaudeville», em 3 actos e 1 quadro, representado por crianças, musicado por João das Neves e encenado por José Maria Coelho de Lima.

Foram intérpretes: Maria José Moniz, Francisco de Medina, Gregório Franco, Antonietta

Pinto, Deolinda Rezende, Dolores Pinto, Egínia Vieira da Areia, Maria do Carmelo Reis, Maria de Lourdes Flores, Maria das Dores Reis, Aniceto dos Santos, Frederico Lopes Júnior, Gregório Franco Júnior, Gregório de Medina Júnior, Jorge Silvano, Jacinto dos Reis Bettencourt e Pedro Lima.

A 12 de Janeiro o Grupo Dramático «Moniz Barreto» realiza um espectáculo de beneficência a favor da Cozinha Económica Angrense e a 26 do mesmo mês leva à cena o «Anjo Maria», seguindo-se mais duas récitas.



Os irmãos João e Gabriel das Neves, músicos que animaram durante várias épocas as actividades culturais e recreativas do nosso Teatro Angrense.

João das Neves foi maestro e um barítono notável, chegando a actuar no «Scalla de Milão», possuindo carteira profissional passada com o nome artístico «Di Neves Giovani».

A 12 de Março exhibe-se a Companhia de Artistas Portugueses, sob a orientação de Manuel Matos.

Esta Companhia era composta pelos artistas: Herminia Listher, Maria Macedo, Etelvina Gamboa, Júlia Pereira, Henriqueta Fernandes, Albina Napier, Sarah de Oliveira, Manuel Matos, F. Paiva, José Moreira, Abilio Napier, Antero Vieira, Eduardo Freitas, Quaresma, Joaquim Macedo e Manuel Rosado, e deu 14 espectáculos, sendo o último em festa de benefício de Hermínia Listher e Manuel Matos.

No mesmo mês, mas desconhecendo-se o dia, realizou-se um espectáculo infantil, em que tomarão parte: Alcide do Carmo Sousa, Julieta Lopes, José G. Fraga, Clemente Ramos, Francisco de Medina, Fernando Mesquita Gabriel, Renato de Vasconcelos, Tomé Ponte e Edmundo de Sousa.

O ano termina com uma réeita de gala a favor do Fundo de Beneficência Distrital e em Homenagem ao Dr. António Joaquim de Sousa Junior.

A 10 de Janeiro de 1909 o Grupo Dramático «Moniz Barreto» abre a época teatral com o drama «A Filha do Saltibanco» e a 10 de mesmo mês leva à cena a comédia «Nem tanto ao mar...» espectáculo que se repetiria a 24, em benefício do Império da Caridade, do Bairro do Corpo Santo.

A 2 de Fevereiro o mesmo Grupo volta ao Teatro com um espectáculo a favor das vítimas de Itália.

A 7 de Fevereiro de 1910 sobe à cena «A Espiga Mágica», revista teatral da autoria de Gregório Medina, tendo como intérpretes: Julieta Lopes, Antonieta Pinto, Judite Nunes, Maria José, Maria Flores, Deolinda Rezendes, Serafina Leite, Leonor Alpoim, Ascensão Ultra, Lourdes Reis, Dolores Reis, Maria Parreira, Maria Milagres Paim, Maria do Carmo Paim, Dolores Pinto, Inocência Moniz, Silvina Silva, Leonor Moniz, Francisco de Medina, Aniceto dos Santos, Tomé da Ponte, Armando de Sousa, António de Paula Carvalho, Ilidio de Andrade, Luis A. dos Reis, Jacinto Teixeira, Pedro de Lima, João Pamplona, Gregório Franco, Guilherme Paim, Fernando Mesquita, e Armando de Magalhães.

A 14 e 15 de Março novamente o Grupo Dramático «Moniz Barreto», realiza duas réeitas a favor da «Liga Contra os Ratos» e da Real Fanfarra D. Carlos I.

Entre 14 e 15 daquele mesmo mês realizou-se um concerto em benefício da «Liga Contra os Ratos», em que tomaram parte: Regina Ribeiro, Estela Gabriel, Margarida Bulhão Pato, Tereza Medina, Elisa Gouveia, Ilidio Mourato, Dr. Luís Ribeiro, Francisco Bernardo Ferreira, João António das Neves, Dr. Jacinto Arruda, Gabriel das Neves, Emilio Brasil, Lança e Cabral, sendo abrilhantado pela «Tuna Angrense».

A 11 de Abril volta à cena «Espiga Mágica», cuja receita reverteu a favor do império dos Quatro Cantos.

A 17 de Maio o Grupo Dramático «Moniz Barreto» apresentou-se novamente em público, desta vez com o drama «Um Padre», em benefício das vítimas do terramoto de Santarém, dando três espectáculos.

A 27 de Julho a Companhia de Artistas do Teatro D. Amélia, de Lisboa, sob a direcção de Alfredo dos Santos, apresenta-se ao nosso público com o seguinte elenco: Lucinda do Carmo, Luz Veloso, Emilia Sarmiento, Jesuina Saraiva, Elvira Costa, Leonor Faria, António Pinheiro, Henrique Alves, Carlos de Oliveira, Rafael Marques, António Sarmiento e Manuel Pina, realizando 5 espectáculos.

A 17 de Outubro estreia-se a revista teatral «Processo da Moda», da autoria de Alfredo Sampaio e música de João Lopes.

Esta revista esquematizada em 4 actos e 5 quadros manteve-se em cena até 26 de Dezembro, totalizando 17 representações.

Bem delineada, explorando com graça os principais acontecimentos ocorridos neste velho «burgo», foi, por assim dizer, uma lufada de ar fresco no panorama teatral da nossa terra.

Integrou o elenco desta revista, os amadores: Angelina da Rocha, Ana Santos, Helena Sampaio, Judith Lopes, Antonieta Pinto, Conceição Rego, Dolores Pinto, Judith Costa, Lourdes

Bettencourt, Manuela Rodrigues, Margarida Melo, Maria Parreira, Mercês Canto, Olga Rodrigues, Francisco Medina, Manuel Madruga, Abel Mesquita, Aniceto dos Santos, António Pamplona, Candido Ferraz, Carlos Soares, Clemente Ramos, Eduardo Barreira, Francisco Mesquita, Francisco Pinheiro, José Machado, Fernando Bettencourt, Manuel Amaral, Frederico Lopes, Henrique Vieira, Leonel Bettencourt, Miguel Stuart Borges, Pedro Areia, Tomé Ponte, Elvino de Andrade, Francisco Reis, Guilherme Paim e João Leite.

Durante o mês de Dezembro o Grupo Dramático «Moniz Barreto» realizou a 1, 8 e 19, três espectáculos de beneficência a favor do Império do Outeiro, da Sociedade «Popular Angrense» e o último de 3 crianças pobres.

O já nosso conhecido Grupo Dramático «Moniz Barreto» abre a temporada de 1911 levando à cena um espectáculo de beneficência a favor do Cofre de Assistência Distrital, no dia 2 de Janeiro.

A 30 do mesmo mês, estreia-se a fantasia «O Dedo do Rei», servida por 39 números de música, da autoria de Gregório de Medina, contando com o seguinte elenco: Alda Leite, Beatriz Garcia, Carmelo Fagundes, Cintra Mesquita, Clara Parreira, Leonor Amaral, Manuela Rodrigues, Maria Borges, Maria da Conceição, Maria Flores, Maria da Fonseca, Maria Franco, Maria do Livramento, Maria Militão, Odília da Silva, Serafina dos Santos, Silvina da Silva, Abel Mesquita, Adolfo Militão Ramos, Alexandrino Reis, Aniceto dos Santos, António Carvalho, Armando Borges, Cândido Forjaz, Carlos Medeiros, Felicíssimo Oliveira, Francisco Avila, Francisco Medina, Gregório Franco, Ilidio de Andrade, João Baptista, José Neto, Manuel Sarmiento, Mário Mesquita, Pedro de Lima e Weber Pedreira.



Francisco de Paula Moniz Barreto, ilustre terceirense que nos dois primeiros quartéis do Séc. XX, foi figura preponderante em muitas manifestações de caracter cultural, mormente no amadorismo teatral.



Dr. Luís da Silva Ribeiro, jurisconsulto, etnógrafo, músico, jornalista, dramaturgo, organizador do Orfeão da Recreio dos Artistas, exibido com assinalado êxito no Teatro Angrense, autor (de parceria com o Dr. Oscar Cardoso) da opereta «Amor e Política» e da peça de inspiração regional «O Maior Amor».

Na regência da orquestra esteve João das Neves, os ensaios estiveram a cargo de José Maria Coelho de Lima, os cenários da autoria de Álvaro de Castro, mecânico Manuel Augusto dos Reis, aderecista João de Sousa Ribeiro, caracterizador Manuel de Sousa Ribeiro.

Em Março do mesmo ano, estreia-se a Companhia de dramas, comédias, e vaudevilles do Teatro «Águia de Ouro», do Porto, tendo como director Alves da Silva e com a seguinte composição: Adelina Nobre, Filomena Jacoberty, Rachel Moreira, Virginia Nery, Laura Santos, Carlota de Sousa, Júlia Silva, Sarah Coelho, Etelvina Gamboa, Eduardo Raposo, Álvaro Monteiro, Luis Augusto, José de Almeida, Tomé da Veiga, José Fialho, Joaquim Silva, Reinaldo Teixeira, Hipólito Costa, Firmino Brazão e Araújo Pereira. Deu 19 representações, sendo a última a 30 de Março.

A revista «Processo da Moda» que obteve retumbante êxito em Outubro do ano transacto, volta novamente à cena neste ano, realizando 3 espectáculos de beneficência a favor do Fundo de Beneficência Distrital, império da Rua do Conde da Praia da Vitória e da intérprete Angelina Rocha, desconhecendo-se, porém, as datas.

A 19 de Novembro a Banda Regimental de Infantaria N° 25 realiza um sarau músico-literário, com a colaboração do Dr. Henrique Brás, João dos Reis Neves, Gabriel das Neves, Amélia Linhares, António Luis Lourenço da Costa, Julieta Lopes, Júlia Gouveia, Margarida Bulhão Pato, Estela Gabriel, Tereza Medina e Álvaro de Bulhão Pato, cujo produto reverteu a favor das vítimas da revolução da implantação da República.

A Empresa Santos & Cª apresenta em 27 de Novembro o artista Diabolino, prestidigitador, magnetista e ilusionista.

O ano teatral encerra com o agrupamento da Fanfarra «Pátria e Liberdade», constituído pelos amadores, Manuel Barcelos, Manuel Moreira dos Santos, José Cardoso Arruda, Manuel Tavares e António Garcia (Chuvinha).

Em Março de 1912, surge a Empresa Adelino Raposo com a Companhia de Opereta, Comédia e Variedades, sob a direcção do actor Adriano Mendonça, contando com o seguinte elenco: Cândida Correia, Alice Lima, Henriqueta Fernandes, Judith Bastos, José Rocha, Victor Cruz, Horácio Campos, Júlio Nunes, Pedro Sampaio, Alfredo Gaspar e António Vargas.

Um grupo de excursionistas micalenses que aqui veio em excursão homenageia, em récita de gala, o Comandante Vidinha, um grande amigo dos Açores.

O espectáculo realizou-se a 12 de Abril, sendo o Agrupamento constituído: João Moniz, Jacinto Carreiro, Hildeberto Medeiros, Manuel da Costa, José Rocha e Silvio de Carvalho; e ainda João Anglin (ponto), Raúl Benevides (contra-regra), Luís Arruda (aderecista), estando a direcção cénica a cargo de Ferreira Cordeiro.

Os papeis femininos foram desempenhados em «travesti».

Este Agrupamento voltou a exhibir-se, desta vez, com a colaboração da Tuna Angrense, numa gala em homenagem aos académicos terceirenses.

A 17 de Junho a Academia Angrense leva a efeito um sarau músico-literário, contando com a colaboração da Banda Regimental do Regimento de Infantaria N° 25 e ainda dos amadores, Adelaide Lacerda, Inocência Barbosa, Ilidio Mourato, Francisco Medina, Henrique Vieira da Silva, António Pinheiro, João dos Reis Neves, Gabriel das Neves, João Carlos Moniz, Aniceto dos Santos e Tuna Angrense.

No dia 1° de Dezembro a Fanfarra realiza uma récita de gala, com um concerto dado pelo agrupamento musical e a colaboração do grupo dramático.

Apresenta-se pela primeira vez no palco do nosso Teatro, a 12 de Janeiro de 1912, o hercules micalense João Francisco de Azevedo, que, coadjuvado pelo Grupo Cénico da Fanfarra, actuou até ao dia 4 de Fevereiro.

De 20 de Março a 6 de Junho realizaram-se 4 récitas com a opereta «Amor e Política» da autoria dos doutores Oscar Cardoso e Luis Ribeiro, tendo como intérpretes: Madalena Magalhães, Boa Nova Carvalho, Judith Nunes, Maria Gomes Bettencourt, Ana Machado, Manuel de Magalhães, António Ramos, Henrique Brás, João de Carvalho, João Quintanilha, Manuel Bar-



Em todas as épocas, muitos exemplos atestam nunca ter existido qualquer incompatibilidade entre a Arte e a Medicina, antes pelo contrário, há quem diga que a «Arte» nunca fez mal aos doutores. Foi talvez por isso, que o Dr. Antônio Lino andou sempre ligado à Arte, revelando-se um poeta de rara sensibilidade e um dramaturgo de muito merecimento, deixando-nos a marca da sua poesia no soneto «Edelweisse» e no teatro a opereta «Rosas e Crisântemos» e a comédia «Manhã de Sob».

radas, Clemente Ramos e os coros a cargo de Adelaide Lacerda, Alice Ramos, Alice Loureiro, Berta Sousa, Celeste Magalhães, Fernanda Pereira, Georgina Forjaz, Maria Helena Sampaio, Hulda Braz, Julieta Lopes, Maria Forjaz, Marina Gabriel, Serafina Leite, Abel Moutinho, Fernando Bettencourt, João das Neves, Jorge Forjaz, Manuel Ferraz, Manuel Reis e Almeida, Mário Moutinho e Teotónio de Ornelas Bruges.

A 19 de Maio um grupo de amadores da cidade da Horta, constituído por Pato Moniz, António Baptista, Francisco Augusto da Silveira, João Raposo de Oliveira, Lucilia Baptista, Vieira Arouca, Ferreira da Silva, Eduardo Camara, Hersilia Labathe, Celisa dos Santos, representou as peças «D. Cesar de Bazan» e «Patos Bravos».

A 11 de Junho a Companhia Portuguesa de Sport e Variedades (Empresa Alves & Vasconcelos), sob a direcção de Costa e Vasconcelos, que para além de Adelaide Ferreira, Otto Vander Keerk, João Silva Alves, Carlos Leão, Júlia Silva, José Vaz, Luis Leite Zizina, contava ainda com a participação do sem mãos, Joaquim Mendes.

A 24 de Agosto, um grupo de excursionistas que visitou a cidade da Horta, aquando do seu regresso, deu um espectáculo nesta cidade.

O referido grupo era constituído pelos seguintes amadores: Antonieta Pinto, Boa Nova Ribeiro, Angelina Rocha, Dolores Pinto, João de Carvalho, Tomé da Ponte, Frederico Lopes Júnior, Abel Moutinho e Tuna Angrense.

A 6 de Outubro é levada à cena a comédia em 4 actos «Lágrimas e Sorrisos» da autoria de uma terceirense ilustre, Messia Guiod de Castro, falecida muito nova.

Esta comédia muito bem estruturada e que alcançou um assinalado êxito, foi interpretado por: Amélia Guiod, Maria Boa Nova, Antonieta Pinto, Messia Guiod, Dolores Pinto, João de Carvalho, Frederico Lopes Júnior, Clemente Ramos e Miguel Forjaz.

Faz a sua estreia nesta cidade a 10 de Fevereiro de 1913, a Companhia de Ópera e Opereta do Teatro Avenida, de Lisboa, tendo como director artístico Leopoldo Froes, director musical Cruz Braz e o administrador Bento.

Para além dos já citados componentes, faziam ainda parte da Companhia os artistas: Adalina de Noronha, Margarida Veloso, Aurélia dos Santos, Amélia Canto, Adelaide Monteiro, Delfina Alves, Laura Silva, Maria do Ceu, Gertrudes Tavares, Judith Correia, Maria Santos, Beatriz Fonseca, Maria Soares, Albertina Barreiro, Plácido Ferreira, Eugénio de Noronha, José Moreira, Estevão Santos, José Silva, Alfredo Sousa, Alcibiades Monteiro, Jaime Bento, Coimbra, A. Braga, César de Mendonça (ponto), Alfredo Alric (contra-regra), Gil Lourenço (aderecista) e Luis Silva (maquinista).

Esta Companhia que efectuou 13 récitas, encerrou a 21 de Fevereiro com a peça «A Família Polaca».

A 6 de Março sobe à cena a peça «Rosas e Crisantemos», libreto e partitura do Dr. Manuel António Lino, com orquestração do Chefe da Banda Regimental João Lopes.

O elenco era constituído por: Amélia Linhares, Berta Silva, Julieta Lopes, Adélia Linhares, Boa Nova de Carvalho, Judith Costa, Celeste Magalhães, Maria Forjaz, Beatriz Ramos, Maria Parreira, Jeorgina Forjaz, Henrique Bruges, Jorge Forjaz, Joaquim Flores, Reis Neves, Manuel Magalhães, Gregório Franco, João de Carvalho e Teotónio Bruges.

Aproveitando a sua passagem por esta cidade um Grupo de amadores faialenses aproveita a sua passagem por esta cidade para efectuar um espectáculo, representando «O Último Amor», de António Baptista e «D. Beltrão de Figueiroa», de Júlio Dantas.

Foram intérpretes, Joaquim Viana, António Faria, António Baptista, Manuel Stalmiller, Lucilia Baptista, Ercilia Baptista e Maria das Dores.

O Dr. Alfredo Sampaio marca novamente presença no panorama teatral da nossa terra com a revista «Cosmorama», música adaptada por Gabriel das Neves e servida pelo seguinte elenco: Helena Sampaio, Noémia Franco, Leonor Alpoim, Mercês Canto, Margarida Andrade, Arminda Ramos, Conceição Rego, Gabriela Neves, Maria Franco, Silvina Silva, Arminda Forjaz, Maria Militão, Udília Silva, Alberto M., Clemente Pamplona, Adolfo Ribeiro, Tomé da Ponte,

Teotónio Bruges, João Moniz dos Santos, Guilherme Magalhães, João Inocêncio, Severiano da Costa, António Diniz, José de Melo, José de Paula, Francisco dos Santos, Júlio do Nascimento, Frederico Costa, Mateus V. Pereira, Aniceto dos Santos, Alexandre Ramos, Francisco Neves, José Pinto e Victor de Carvalho.

A 17 de Agosto, a fim de angariar fundos para a sua agremiação, a Associação dos Empregados no Comércio leva à cena as comédias «Educação à Inglesa» e «Macacos no Sotão» e a opereta «Simão, Simões sem Companhia».

A 12 de Outubro novamente a Fanfarra «Pátria e Liberdade» volta ao tablado do Teatro Angrense com o drama em 1 acto, original de Miguel Forjaz e uma comédia, sendo estas duas peças desempenhadas pelos amadores, Manuel Moreia dos Santos, Manuel Lino, Tavares, Francisco Borges Pinheiro, Manuel Maria da Costa, Manuel Leal, José Cardoso de Ávila e Antero Ramalho.

Neste espectáculo estrejaram-se os jovens atletas Mário Damiense de Medeiros, António Noronha Ferreira Ramalho e Felicíssimo Bernardo de Oliveira em trabalhos de forças.

A menina Madalena Pessoa Alves executou números de bandolim e João Cardoso de Ávila, cantou uma ária de tenor.

Fecha a temporada com retumbante êxito a Grande Companhia Italiana Vitaliani-Duse, que se exibiu em 10 récitas.

A época teatral do ano de 1914, abre com um espectáculo em benefício do concertista de clarinete D. José de la Vega.

Em Março realiza-se um concerto de piano por Anibal da Camara.

A 11 e 12 de Abril, o Clube Musical Angrense leva à cena «Factos e Coisas» da autoria de Valeriano José da Silva.

Francisco de Paula Moniz Barreto, o incansável homem de teatro presente em quase todas as manifestações artísticas realizadas no seu tempo, apresenta a 30 do mesmo mês uma peça infantil intitulada o «Processo do Rasga», em que tomaram parte: L. Ferreira, J. Ramos, H. Costa, F. Cunha, A. Pamplona, F. Costa, H. Ormonde, A. Linhares, G. Machado, J. Linhares, R. Teixeira, M. Livramento, J. Cardoso, M. Amélia, A. Ferraz, P. Mendes, M. Fernandes, M. Cruz e A. Cunha. Coristas: Adelaide do Canto, Amélia Pimentel, Leonor da Silva, Maria da Soledade da Silva, Esmerenia Cardoso, Mariana Cruz, Regina Fagundes, Antonieta Serafina, Maria da Conceição Vieira, Maria Lourdes Linhares, António Medeiros, Francisco V. Mendes e João Santana.

Nos dias 21 e 28 de Maio, sob a direcção de João de Carvalho, realizaram-se duas récitas, em que tomaram parte: Boa Nova de Carvalho, Antonieta Pinto, Dolores Pinto, Adriano de Figueiredo, Lino Ribeiro e João Ávila.

A 10 de Junho a Companhia de Carlos de Oliveira, esteia-se nesta cidade e da qual constavam os seguintes actores: Emília de Oliveira, Barbara Wolkart, Judith Melo, Paz Rodrigues, Berta Soares, Rafael Marques, Tomaz Vieira, Teodoro Santos, Pinto Costa, Oscar Soares, Manuel Pina, José Moreira, António Costa e António Sarmento.

De 14 de Julho a 9 de Agosto actua o Grupo «Rousel», sob a direcção musical de Virgínia Rico, professora do Conservatório de Madrid.

A 9 de Setembro, o Maestro e Professor do Conservatório, Pe. Tomaz Borba, promove um concerto com a colaboração de Cecília Borba da Costa, Sarah de Sousa e Cristina Borba, usando da palavra, o distinto orador, Dr. Henrique Oliveira Braz.

O produto deste concerto reverteu a favor do Asilo de Mendicidade.

A actividade teatral de 1915 abre a 30 de Janeiro com uma récita de amadores, a qual contou com o seguinte elenco: Maria Mendes, Palmira Rocha, Viriato Rodrigues, Adelino Soares e M. Mendes.

Este Grupo que actuou em benefício da Sociedade de Instrução Popular Angrense, voltou a exhibir-se dias depois valorizado com os seguintes amadores: F. Linhares, S. Aguiar, M. Borges, José Bettencourt, A. Pontes, J. Carvalho, J. Ávila e J. Rocha, sob a orientação de Lima Gomes.

Um grupo de ocarinistas da Sociedade Popular Angrense abrilhantou a última récita.

A 10 de Março faz a sua estreia a Companhia de Zarzuela Espanhola, sob a direcção de Narciso Ibanez e do Maestro Concertista Mariano Amat, contando ainda com os artistas: Josefina Albors, Consuela Menta, Hermínia Medina, Rosita Perez, Rafaela Pascual, Pilar Fernandez, Patrocínia Rico, Virginia Rico, Luiza Alvarado, José Padilha, Alfredo Lopez, Rico, Salvador Cadenas, Rafael Meclaede, Manuel Alvarez, Pablo Vila e José Albors.

Esta Companhia realizou 13 espectáculos, encerrando a 25 de mesmo mês.

A 11 de Setembro, estreia-se a «Troupe Chefalo Palermo», artistas ilusionistas, seguindo-se o «Trio Lusitano», composto por Júlia Sá Pereira, Teodoro dos Santos e José Alves.

No dia 25 de Dezembro um grupo de amadores da Associação dos Empregados do Comércio promove uma récita, cuja receita reverterá a favor da criação de uma Caixa de Auxílio Mútuo à Classe, que para além de contar com o elenco da «Sociedade Popular Angrense», integrou ainda a amadora Conceição dos Santos.

É a Fraternidade Militar que abre a época teatral de 1916, de cujo elenco constava: Laura Silvino, Maria Amélia, Maria Borba, A. Medeiros, José Maria de Sousa, H. Teixeira, João Rodrigues, Francisco Rodrigues e A. Domingos efectuando o seu espectáculo a 2 de Fevereiro.

A 13 do mesmo mês seria a Associação dos Empregados no Comércio a levar à cena um espectáculo com os amadores: Maria L. Ávila, A. Chagas, A. Pontes, José Neto, João Amorim, A. Paula, M. Borges, Leonel Amaral, J. Farinha, S. Silva e J. Santos, cuja receita reverteu a favor da sua Biblioteca.

No dia 20, a prestimosa Sociedade «Recreio dos Artistas» faz a apresentação do seu orfeon, sob a direcção do Dr. Luís Ribeiro, alcançando um extraordinário êxito.

A segunda parte foi preenchida por declamação, a cargo dos amadores Maria Pereira, Angelo Teixeira, José Cruz, João Pimentel, José Gaspar da Costa e Francisco de Sousa Martins.

Foi este espectáculo abrilhantado por um quinteto constituído por: João Carlos da Costa Moniz, Henrique Vieira da Silva, Pedro de Menezes Parreira Pereira, Henrique Vieira de Borba e Ilidio Mourato; tendo executado um solo de saxofone, o músico da Filarmónica, Álvaro Lounet.

A 12 de Março apresenta-se ao público angrense a Companhia Dramática das Colónias Portuguesas, com o seguinte elenco: Amélia Rodrigues, Leopoldina Nilo, Carmen Pinto, Delfina Alves, Isabel de Andrade, José Moreira, Alfredo Paulo, Artur Sá, Artur Rodrigues, Alfredo Portulez, Peixinho, Peixinho Júnior e Ernesto Silva, tenor.

Esta Companhia fez a sua despedida no dia 30, após ter dado 10 espectáculos.

A 19 de Abril, faz a sua reaparição o Orfeon da «Recreio dos Artistas», sendo o espectáculo completado pelo Grupo Dramático daquela agremiação.

A 23 do mesmo mês foi a vez do Grupo Dramático da Associação dos Empregados no Comércio fazer a sua apresentação.

Ainda no mesmo mês, desconhecendo-se a data exacta, A «União Operária Musical Angrense» (Fanfarrinha), leva à cena as peças «O Bombeiro Voluntário», dedicada à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e a comédia «Um Julgamento no Samouco», integrando o elenco, os seguintes amadores: Jesuina Linhares, Luiza Costa, Alexandre Pereira Barrocas, Manuel Maria da Costa, Vasco Pereira da Silva, Manuel da Silva, Manuel Lino Tavares, Carlos Jesus Silva e Miguel Forjaz.

A 11 de Maio os amadores, Boa Nova de Carvalho, Antonieta Pinto, Dolores Pinto, Henrique de Lima Gomes, Adriano de Figueiredo, João de Carvalho e M. Soeiro, realizam um espectáculo com fins caritativos.

O mês de Agosto é totalmente preenchido pela «Troupe Guignol», dirigida por Teodoro dos Santos e sob a gerência de Tomaz Vieira, contando ainda com os artistas Sofia de Sousa, Beatriz Viana, Gerardo Viana, Agostinho Lagos e João Gaspar.

No mês de Junho, desconhecendo-se o dia, os amadores: Maria Emília Pamplona, Celeste Magalhães, Maria Cecília Mesquita, Marina Gabriel, Maria Cristina de Mesquita Borba, Estela Gabriel, Carmelina Borba da Costa, Amélia Linhares, Regina Ribeiro, Madalena Magalhães,

Eduardo Pereira Abreu e Manuel Quintanilha, organizam e levam à cena um espectáculo cuja receita reverteu a favor do Cofre de Assistência aos mobilizados, na ilha Terceira.

Do programa constou o original «Manhã de Sol», da autoria do Dr. Manuel António Lino.

Um sexteto constituído por Noémia Franco, António Júlio Moniz da Costa, Henrique Vieira de Borba, Henrique Vieira da Silva, Pedro de Menezes Parreira Pereira e João Carlos da Costa Moniz, abrilhantou o espectáculo, tocando nos intervalos.

A 22 de Outubro novamente os Empregados do Comércio organizam um espectáculo a favor do seu Orfeon, actuando para além do Orfeon, o Grupo Dramático constituído por Guilhermina Ribeiro, Leonor Amaral, Adelino Soares, Henrique de Lima Gomes, M. Mendes e Fernando Macedo, que representaram as peças «Pátria» e «Moços e Velhos».

Actuou ainda a Tuna Musical Angrense.

O Grupo da Sociedade «União Operária Musical Angrense» volta novamente ao Teatro Angrense, desta vez, com a peça «Sufragistas» e ainda uma *zarzuela* em 1 acto a 3 quadros, com 15 números de música, ambas da autoria do Dr. Joaquim Bartolomeu Flores.

O elenco era assim constituído: Rosa Teixeira, Luisa Costa, Georgina Costa, Izaura Pimentel, Palmira Fagundes, Dolores Alves, Lourdes Costa, Manuel Tavares, Manuel Maria da Costa, António Flores, Ilidio Correia da Horta, Miguel Forjaz e Raimundo Canto e Castro.

A regência da orquestra esteve a cargo do João dos Reis Neves.

Os dois anos que se seguiram foram preenchidos por alguns espectáculos de amadores, não havendo notícia de nenhuma Companhia Teatral do continente que nos tenha visitado.

Mas eis que a 17 de Fevereiro de 1918, um acontecimento se dá, que foi, por assim dizer, o despertar dos angrenses para a imperiosa necessidade da construção de um novo teatro, de molda a satisfazer as exigências de uma sociedade que dia-a-dia, vinha requintando a sua sensibilidade artística.

Tal acontecimento que marcou sobremaneira o panorama cultural da nossa ilha, não foi mais que uma reunião da Assembleia Geral da Sociedade Proprietária do Teatro Angrense convocada pelo seu Presidente, Conde Sieuve de Meneses, a fim de dar conhecimento aos accionistas dos trabalhos efectuados pela Direcção no sentido de obter meios para se proceder e iniciar a reconstrução do Teatro.

A 3 de Abril de 1919 faz a sua aparição nesta cidade a Grande Companhia de Opereta, Alta Comédia e Revista - Tournée Artística Emilia Berardy - Jaime Zenoglio, contando com o seguinte elenco: Carmen Osório, Dolores de Almeida, Rosa Fernandes, Dina Pacheco, Palmira Zenoglio, Adelaide Rodrigues, Maria Amélia, Deborah Pereira, Ermelinda Gonçalves, Aurora Silva, Artur de Almeida, Casemiro Rodrigues, Alberto Silva, Artur Borges, José Figueiredo, Victor Cruz e Henrique Peixoto.

Esta Companhia realizou 19 representações.

A 30 de Maio, preenchendo uma sessão cinematográfica, estreia-se a copletista-bailarina Senorita Soler Difrancó.

A 19 de Julho a Empresa Franco, Ávila & Cª que explorava o Teatro Angrense com Cinema e Variedades, apresenta o cançonetista excêntrico Tomaz Vieira.

A 16 de Agosto faz a sua estreia a Companhia de Adelina Abranches, sob a direcção artística de António Sacramento e tendo como gerente administrativo Jorge Grave, constando do seu elenco os seguintes artistas: Irene Grave, Alda Aguiar, Maria Augusta, Anita Litali, Irene Vieira, Alice Carpo, Delmira Rego, Luís Pinto, Augusto Machado, Augusto Torres, Vital dos Santos, José Mora, Carlos Shore e Ferreira da Silva.

No mesmo mês procede-se à abertura no palco do Teatro Angrense do caixão do jejuador português Joaquim Soares, que se conservou enterrado durante 8 dias, nos baixos do Hotel Alfredo Alves, sito na rua Direita.

A 2 de Outubro os artistas de variedades Rusel e Madame Tina de Petrel fizeram a sua despedida.

táculo cuja

el António

t, Henrique
o Carlos da

pectáculo a
do por Gui-
endes e Fer-

e ao Teatro
lros, com 15

osta, Izauro
el Maria da
stro.

e amadores,
sitado.
sim dizer, o
o, de molda
nsibilidade

ilha, não foi
greense con-
s accionistas
r e iniciar a

de Opereta,
ando com o
co, Palmira
ves, Aurora
teiredo, Vic-

sta-bailarina

greense com

b a direcção
onstando do
Litali, Irene
ital dos San-

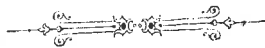
o caixão do
os baixos do

izeram a sua



Dr. Joaquim Bartolomeu Flores, médico terceirense que deixou o seu nome ligado ao teatro da nossa terra, autor das peças teatrais «Preconceitos Sociais», «Sufragistas» e «As Diplomadas».

THEATRO ANGRENSE



ACÇÃO N.º 432

Réis 12\$000

Pertence ao Sr. *Silva Lourenço de Avelar*

em resultado dos annuncios datados de 7 de maio de 1890 e 18 de fevereiro de 1891, publicados nos periodicos Terceira e Angrense, n.ºs 1:614, 1:655, 2:349 e 2:390, como das declarações archivadas.

Por este titulo fica o occionista, seu possuidor, com todos os direitos, regalias e obrigações determinadas nos estatutos da associação e na legislação vigente.

Angra do Heroismo, 20 de junho de 1892.

O presidente,

L. Rodrigo Raposo

O vogal,

Rita de Almeida

O vogal,

Augusto P. A. de

O thesoureiro,

Marcos Alves Bettencourt

O secretario,

Miguel B. de



Exemplar de uma acção no valor nominal de 12\$000 réis emitida de acordo com o Artº 2º dos Estatutos do Teatro Angrense, aprovados em 4 de Junho de 1862 pelo Marquês de Loulé.

Segunda-feira
6 de Junho 1927



Principia às
8 e meia da noite

TEATRO ANGRENSE

Empresa Cinematográfica Terceirense

1.^a Representação da peça em 3 actos original do Ex.^{mo} Snr. Dr. Joaquim Flores

AS DIPLOMADAS

PERSONAGENS

URSULA MAGALHÃES.....	D. ANTONIETA PINTO REIS
CATARINA DE VASCONCELOS.....	D. IZABEL OLIVEIRA
FERNANDA RODRIGUES.....	D. CONCEIÇÃO RAMALHO
LUCIA MAGALHÃES.....	D. MARIA F. REIS
REGINA GONÇALVES.....	D. MARIA AUREA PEREIRA
LILI.....	MENINA MARIA PEREIRA
ROGERIO MAGALHÃES.....	SR. JOÃO PIMENTEL
DR. ROBERTO VASCONCELOS.....	« LIMA GOMES
ERNESTO RODRIGUES.....	« ANGELO TEIXEIRA
ROCHA GONÇALVES.....	« LUIZ REIS
PROCÓPIO.....	« ANTONIO FOURNIER
ARMANDO.....	« FRANCISCO NEVES
JOSÉZINHO.....	« ARNALDO PIMENTEL
UM OPERÁRIO.....	« JULIO OLIVEIRA
CARLOS.....	MENINO RAMIRO VALADÃO

A acção passa-se em Angra — 1940

No fim do 3.º acto o jovem amador Ramiro Valadão recitará o monologo

« **A revista da peça....** »

**Para evitar despesa de cobrança os bilhetes
serão pagos no acto da entrega**

Ponto — Leonel Betencourt

Contra-regra — José Simões

A relação dos lugares está patente ao público na Pastelaria **ATANASIO**

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto

Estão em vigor as disposições do costume.

Tip. Andrade-Rua de Jesus, 105

Programa da peça «As Diplomadas», um original do Dr. Joaquim Bartolomeu Flores.

No mesmo mês realiza-se um sensacional espectáculo, do qual foram responsáveis os grupos dramáticos das sociedades recreativas, «Recreio dos Artistas» Fanfarra «Pátria e Liberdade» e «União Operária Musical Angrense», convidadas pelo governador do Distrito, Joaquim Teixeira da Silva, cujo produto reverteu a favor das vítimas da catástrofe que a 9 de Abril assolou a ilha de S. Miguel.

Igualmente com fins caritativos o Grupo Dramático da canhoneira «Mandovy» fundada no nosso porto, realizou um espectáculo sob a direcção de António Alves dos Santos Júnior e com a colaboração dos marinheiros: António R. Abreu, Joaquim Guerreiro, José dos Santos, João Eloi, António A. Martins, Agostinho António, António P. Otero, Carlos J. Santos, Belmiro de Brito e João M. Gusmão.



Conde Sieuve de Menezes, Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Proprietária do Teatro Angrense que a 17 de Fevereiro de 1918 convocou uma reunião para dar conhecimento aos accionistas dos procedimentos tomados para se iniciarem as obras de reconstrução do Teatro.

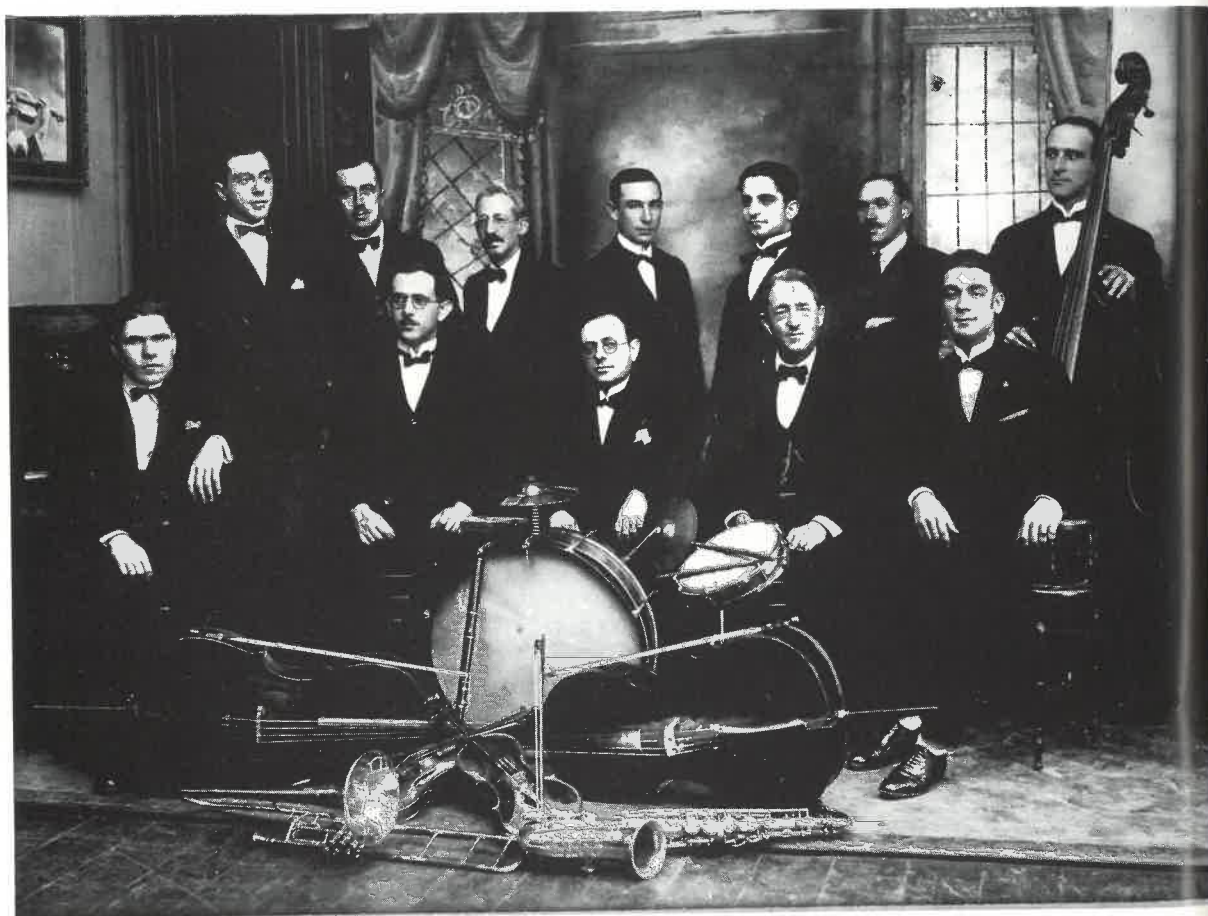
A receita deste espectáculo destinou-se às casas de caridade locais e contou com a colaboração da Orquestra Henrique Vieira.

A época teatral de 1919 encerra com a Companhia de Opereta de qual faziam parte: Magda Arruda, Emília Costa, Dolores Almeida, Maria Amélia, Adelaide Rodrigues, Ermelinda Gonçalves, Artur de Almeida, Holbeche Bastos, Artur Braga, Jaime Zenoglio, Alberto Silva, Casimiro Rodrigues, Victor Cruz, Pinto Monteiro (ponto), Adelino Lopes (maquinista), Rocha Lamy (violino solista) e Ruy Borges (director de orquestra).

A actividade teatral de 1920 abre a 28 de Fevereiro com uma récita da Academia Angrense, sendo o reportório constituído por uma comédia intitulada «Um Assalto», da autoria do professor do Liceu Dr. Candido de Melo e de «Calmantes», outra comédia da autoria do Dr. Manuel António Lino e terminando com um interessante acto de variedades.

Foram intérpretes, Maria Flores, Ester Botelho, Isabel Oliveira, Maria Ramos, António Gouveia, Isidro Costa, Manuel Marques, Constantino de Menezes Cardoso, João Bruges, João Brasil de Menezes e Joaquim da Cunha.

A 20 de Março, Carlos Oliveira volta a visitar-nos com uma Companhia Dramática da qual fazem parte os artistas: Judith Vargas, Evangelina Correia, Sara Lima, Elvira Velez, Ernesto Rodrigues, Manuel Correia, Artur Sá, José dos Santos, António do Nascimento, José Miranda e Artur de Oliveira.



ORQUESTRA HENRIQUE VIEIRA DA SILVA, agrupamento musical que durante vários anos colaborou em quase todas as actividades teatrais do nosso meio artístico.

1.º Plano e da esquerda para a direita: Ficalho, Henrique Borba, Henrique Vieira da Silva, Gabriel das Neves e Carvalho. 2.º Plano: José Bettencourt, Perdigão, João dos Reis, João Carlos Rodrigues, Tomé Espínola dos Santos, António Alves e Gil Amarante.

A 3 de Abril, sob a direcção do maestro Rui Borges, estreia-se uma Companhia com a opera «Eva», constituída pelos artistas: Magda Arruda, Eler Medina, Ermelinda Gonçalves, Maria Amélia, Emília Costa, Dolores de Almeida, Holbeche Bastos, Artur de Almeida, Artur Braga, Casimiro Rodrigues, Alberto Silva, Victor Cruz, Reginaldo Duarte, Carlos Rezende, W. Wilbraham (violinista) e A. Caires.

A 3 de Junho a Associação dos Empregados no Comércio de Angra do Heroísmo, com tradições no teatro da nossa terra, mais uma vez organiza um espectáculo, levando à cena no nosso Teatro as peças «O Primo Isidoro» e «A Filha do Conselheiro», terminando com um bem delineado acto de variedades.

Esta récita contou com a colaboração dos amadores: Lourdes Félix, Jesuina Feliz, Aida Nascimento, Selécio Ferreira, Firminio Martins Soares, M. Oliveira Gouveia, João Amorim, Manuel J. de Freitas, Sérgio de Aguiar, João Baptista e Gabriel Garcia.

Foi ensaiador Adriano de Figueiredo; ponto, Leonel Tertuliano; contra-regra, José Simões; ao piano, Ilidio Andrade.

A 12 de Agosto realiza-se um espectáculo de cinema, finalizando com variedades a cargo de Jaime Zenóglio, sendo a parte musical executada pelo Terceto Henrique Vieira.

Este deve ter sido o último espectáculo efectuado no Teatro Angrense antes da total remodelação a que foi submetido, pois que não há notícia de quaisquer outras récitas e sabendo-se ainda que as aludidas obras de remodelação, tiveram início em 1919.



O TEATRO ANGRENSE

APÓS A SUA TOTAL REMODELAÇÃO

Como atrás foi referido, em reunião da Assembleia Geral da Comissão Proprietária do Teatro Angrense, a 17 de Fevereiro de 1918, deliberou-se remodelar totalmente a nossa primeira casa de espectáculos.

Aprovado o projecto da autoria do coronel Eduardo Gomes da Silva, ao tempo major, iniciar-se-iam as obras em 1919 sob a direcção do mesmo.

Esta casa de espectáculos apesar de não possuir o amparo de outros prédios, tem resistido através dos tempos, contrariando os mais tenebrosos vaticínios, a desafiar todas as calamidades, inclusivamente o sismo-80, demonstrando assim uma extraordinária solidez.

Possui óptima acústica, resultante de caixas de ar de 0,60 cm. sob o plano da plateia, frisas e superior e de um tecto duplo com o intervalo de 70 cm., entre os dois planos.

Tem um magnífico campo de visão de qualquer ponto da sala e uma boa ventilação a permitir a tiragem de ar quente.

Um excelente palco de 17 m. X 11,30, permite a montagem das mais arrojadas concepções cénicas.

Com uma lotação de 927 lugares, distribuídos por frisas, camarotes, tribunas, balcões, torrinhas, superiores, geral e «fautteuiles», é uma casa de espectáculos que honra sobremaneira os pergaminhos teatrais da nossa urbe.

Assim, depois de completamente remodelado, piso, paredes e cobertura, puder-se-á dizer, que foi construído um novo teatro.

A RÉCITA DE GALA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO

Finalmente a 19 de Março de 1926 é o novo e elegante Teatro Angrense solenemente inaugurado pela Companhia Teatral Maria Matos - Nascimento Fernandes, que para além dos titulares, contava ainda com a actrizinha Maria Helena e com os consagrados artistas Maria das Neves, Berta de Albuquerque, Alice Ataíde, Sofia de Sousa, Clotilde Mendes, Mendonça Carvalho, António Palma, Pereira Arriaga, João Lopes, Agostinho Lagos, Bettencourt Ataíde, Artur Silva e Hermano Santos.

Do seu vasto reportório constavam as peças: «O Último Bravo», «O Arroz Doce», «A Sombra», «Era Uma Vez Uma Menina», «A Massaroca», «Malvalouca», «O Cão e o Gato», «A Inimiga», «Uma Mulher», «O Mundo é Assim» e «Os Espectros de Paulino Dias».

Na última récita, realizada a 30 de Março, a Companhia despediu-se do público angrense, ao qual homenageou, bem como à direcção do Teatro.

Do programa constavam as peças «O Mundo é Assim» e «Os Espectros de Paulino Dias» e ainda um acto em que os artistas, Maria Matos, Maria Helena, Maria das Neves, Nascimento Fernandes, João Lopes, António Palma, Pereira Arriaga e Bettencourt Ataíde, declamaram versos de poetas terceirenses e continentais.

Maria das Neves cantou a canção «As Saudades» e Maria Matos declamou o seguinte soneto da sua autoria que intitulou «À Linda Ilha Terceira».

Por toda a parte onde passou um dia
A gente Lusa, assombrou o mundo,
Ficou o traço inconfundível, fundo,
Da sua força e da sua ousadia!

Rasto de Luz que brilhos irradia,
Desde o Levante rútilo e fecundo
Ao juvenil Brasil de céu profundo,
Nas solidões do mar em rebeldia!

Por toda a parte! Rasgos de coragem,
Outros de amor, de graça ou gentileza
Que à formosura presta vassalagem!

E foi assim, que ficou entre flores,
Toda a ternura da alma portuguesa
Na terra linda e meiga dos Açores!

O espectáculo terminaria com uma saudação ao público angrense, proferido pela brilhante artista e titular da Companhia Maria Matos.

O presidente e tesoureiro da Direcção do Teatro Angrense, respectivamente, Diogo Paim de Ornelas Bruges e Tomé de Castro e bem assim o autor do projecto, Eduardo Gomes da Silva, subiram ao palco a agradecer a homenagem, comunicando também a deliberação de afixarem no Salão Nobre do Teatro uma lápide, a qual não só assinalaria a efeméride - 19 de Março de 1926 - como ainda seriam inscritos os nomes dos titulares da Companhia.



Diogo Paim de Bruges e Tomé de Castro, respectivamente presidente e tesoureiro da Direcção do Teatro, que conjuntamente com o autor do projecto, Eduardo Gomes da Silva, subiram ao palco no dia 30 de Março de 1926, a agradecer a homenagem prestada pela Companhia Maria Matos - Nascimento Fernandes.

TEATRO ANGRENSE

GRANDE COMPANHIA DE COMEDIA

Maria Matos — Nascimento Fernandes

Terça-feira, 30 de Março de 1926

Às 8 e 30 horas em ponto

**Grandioso Espectaculo em Despedida da
Companhia e em Homenagem á Ilustre
Direcção do Teatro e ao Distincto
Publico Angrense**

Brilhantissimo Espectaculo com duas peças novas:

Representação da PEÇA DRAMATICA em 1 acto, do repertorio da
actrizinha **Maria Helena**, adaptação em portuguez de *João Soler*

O MUNDO É ASSIM...

(COSÌ VA IL MONDO)

PERSONAGENS

Angelina	Maria Helena
Joana	Maria Matos
Jacinto	<i>João Lopes</i>
Alberto	<i>Antonio Palma</i>
Antonio	<i>Bettencourt Athaide</i>
Prudencio	<i>Pereira Arriaga</i>
Luíza	<i>Clotilde Mendes</i>

Lisboa — Actualidade

Representação da tragedia em 1 acto (grand guinol) original de
NASCIMENTO FERNANDES

Os Espectros de Paulino Dias

PERSONAGENS

Leocadia	Maria Matos
Florina	<i>Maria das Neves</i>
Anita	<i>Berta de Albuquerque</i>
Rosa	<i>Sophia de Sousa</i>
Luíza	<i>Alice Athaide</i>
Tereza	<i>Clotilde Mendes</i>
Paulino Dias	Nascimento Fernandes
Izidoro	<i>Pereira Arriaga</i>
Zé Canhoto	Mendonça de Carvalho
Jorge	<i>João Lopes</i>
Miguel	<i>Antonio Palma</i>
O Violas	<i>Agostinho Dias</i>
Romão	<i>Bettencourt Athaide</i>

ACTUALIDADE

Um Acto de Versos

Dos mais eminentes poetas Angrenses e Continentais

Por Maria Matos — Nascimento Fernandes — Maria Helena — Maria
das Neves — João Lopes — Antonio Palma — Pereira Arriaga
e Bettencourt Athaide
e uma linda canção, AS SAUDADES, por Maria das Neves

Fechará este brilhantissimo espectaculo a actriz **MARIA MATOS**
com uma **Saudação** ao Teatro e ao Publico Angrense
e um **Soneto** de sua autoria.

Programa do último espectáculo realizado a 30 de Março de 1926 pela Companhia
Maria Matos - Nascimento Fernandes, aquando da inauguração do Teatro Angrense.

Diogo Paim de Bruges e Tomé de Castro, respectivamente presidente e tesoureiro da Direcção do Teatro, que con-
juntamente com o autor do projecto, Eduardo Gomes da Silva, subiram ao palco no dia 30 de Março de 1926, a
agradecer a homenagem prestada pela Companhia Maria Matos - Nascimento Fernandes

Para se poder aquilatar o valor dos titulares da Companhia que nos visitou aquando da inauguração, a 19 de Março de 1926, do nosso Teatro Angrense, damos, embora sucintamente, as suas biografias.

MARIA MATOS

De seu nome completo Maria da Conceição de Matos Ferreira da Silva nasceu em Lisboa a 29 de Setembro de 1890.

Cursou piano, canto e arte dramática no Real Conservatório de Lisboa, tendo então como professores os melhores mestres da época.

Alcançou o primeiro prémio em drama, cabendo-lhe como prova de exame a peça «Rosas de Todo o Ano», original de Júlio Dantas, estreando-se no Teatro D. Maria II em 20 de Novembro de 1907, com peça em verso «Judas», de Augusto de Lacerda.

Tendo interpretado todas as modalidades no teatro, foi contudo na farsa que se imortalizou.

O célebre diálogo com António Silva no filme «O Costa do Castelo» é uma verdadeira lição da arte de representar.

Artista de invulgares méritos, veria o seu trabalho reconhecido a nível nacional com um expressivo louvor publicado em 1915 no Diário do Governo e em 1934 seria agraciada com a ordem de Santiago da Espada.

Em 1940 foi nomeada professora do Conservatório Nacional de Lisboa ocupando a cadeira de Estética Teatral.

Deslocou-se seis vezes ao Brasil e duas aos Açores, onde alcançou assinalados êxitos.

Para além de poetisa de merecimento, foi uma fecunda tradutora, traduzindo para a nossa língua muitos originais estrangeiros.

MANUEL FERNANDES NASCIMENTO

Manuel Fernandes do Nascimento nasceu em Faro a 6 de Novembro de 1881, vindo para Lisboa apenas com 4 anos.

Os seus pais meteram-no a estudar com a finalidade de o verem formado em medicina.

De facto chegou a frequentar a Faculdade de Medicina, mas simplesmente para satisfazer a vontade paterna, e logo que se lhe proporcionou um ensejo abandonou os estudos, ingressando na carreira teatral, fazendo a sua estreia no Teatro Apolo com a peça «A Feiticeira» de Sardou, chamando logo a atenção da crítica pelas suas excepcionais qualidades de comediante.

Mestre na difícil arte de fazer rir, foi na revista «Ó da Guarda» que se celebriu, criando a personagem «Savalidade».

Autor teatral, foram muitas as peças que escreveu, duas das quais «Arroz Doce» e «Espectros de Paulino Dias», constaram do repertório apresentado aquando da inauguração do Teatro Angrense.

Também fez cinema, sendo notável a sua intervenção no filme «O Trevo de Quatro Folhas».

O PERFIL DO SEU CONSTRUTOR

O coronel Eduardo Gomes da Silva nasceu na freguesia da Serreta a 27 de Julho de 1876, vindo a falecer nesta cidade a 10 de Novembro de 1955.

Pertencendo à Arma de Infantaria, serviu como oficial subalterno na Guarda Nacional Republicana, ao tempo Guarda Municipal, ficando prisioneiro de Machado dos Santos, na Rotunda, aquando do 5 de Outubro, até final dos acontecimentos.

Voltou à sua terra natal no posto de major, a fim de comandar o Depósito de Concentrados Alemães, que funcionou durante a I Grande Guerra, no Castelo de S. João Baptista.

Oficial distinto, inteligência vivaz, revelou excepcionais qualidades em trabalhos de Topografia, Desenho, Fotografia e principalmente em matéria de engenharia.

Para além do Teatro Angrense, construção em alvenaria e madeira, com ligações e cruzetas de ferro em todos os sitios que julgou necessárias, a resultar num sólido edificio apostado em desafiar o tempo, ainda recentemente posto à prova no Sismo-80, projectou e dirigiu a construção de muitos outros edificios, entre os quais se conta a Confederação Operária Terceirense.

Em 1928 mandou ampliar na Alemanha, a expensas suas, uma fotografia da cidade de Angra do Heroísmo por ele tirada do alto do Pico das Cruzinhas, do Monte Brasil.

Esta magnifica vista panorâmica com 2,30 X 0,50, tem a seguinte legenda: «Encosta do litoral sul da Ilha Terceira (Açores), desde a ponta de S. Mateus à da Salga, compreendendo a cidade de Angra do Heroísmo. Vista tomada do Pico das Cruzinhas, no Monte Brasil, da mesma ilha».

A firma alemã que executou este trabalho considerou-a uma das maiores, senão a maior, vista panorâmica do Mundo.

A sua clarividente e arrojada visão, levá-lo-ia a projectar um porto de mar para a nossa cidade, bem como um lago artificial na Caldeira do Monte Brasil.

Foi também da sua autoria um projecto para uma Praça de Touros, a qual ficaria dotada de enfermaria, capela, museu, bares e restaurante.

Em 1934 foi incumbido pelo então Ministro da Guerra, general Santos Costa, de proceder à elaboração de um relatório, indicando o local mais aconselhável para a construção de um aérodromo.

O coronel Eduardo Gomes da Silva, que ao tempo ocupava o alto cargo de Comandante da Zona Militar dos Açores, elaborou um meticoloso relatório, no qual indicava a planície das Lajes, como o local que reunia as condições favoráveis para a construção de um aérodromo.

Deste minucioso trabalho, constavam levantamentos topográficos, croquis, gráficos, etc., esclarecendo quais os ventos predominantes, pressões atmosféricas, em suma, todos os dados referidos, não despresando ouvir os informes dos velhos camponeses da região.

Este relatório que lhe valeu um louvor do Ministro da Guerra, redigido em termos que bem patenteiam o inestimável valor daquele trabalho, e bem assim o elevado apreço com que o distinguiam as esferas superiores.

E foram munidos desse relatório, que volvidos alguns anos, os aviadores franceses Louis Castex e Paul de Codos, se dirigiram à planície das Lajes, interessados em transformá-la num Aérodromo.

E assim fica o perfil do homem que projectou o nosso Teatro Angrense, uma casa de espectáculos que honra sobremaneira a nossa terra, e que tantos e tão bons serviços prestou a este velho burgo, alheando-se sempre de espalhafatosas manifestações, atributos que aureolam os homens de valor.



Coronel Eduardo Gomes da Silva, autor do projecto da remodelação do Teatro Angrense.

Ao ter conhecimento do facto de eu ter sido incumbido de elaborar um livro relacionado com o historial do nosso Teatro Angrense, o meu amigo Manuel Machado Avila, desenhador exímio e poeta de muito merecimento, natural desta ilha, mas há muito radicado em Santa Cruz da Graciosa, enviou-me os versos abaixo insertos, solicitando o meu parecer quanto ao interesse da sua publicação na imprensa local.

Não querendo deixar escapar a oportunidade, apressei-me a comunicar-lhe, não só o meu apreço, como ainda o desejo de os incluir no referido livro, conforme o fiz.

«EM MEMÓRIA ao Sr. CORONEL GOMES DA SILVA, Ilustre Autor do Projecto e da consequente orientação Técnica do MONUMENTAL EDIFÍCIO do TEATRO ANGRENSE».

O Edifício Imponente,
outra vez inaugurado ...
... se tem algo de recente,
muito mais tem do Passado!

Foi, da Obra, Pioneiro,
um «Carola» ... passe a ofensa,
fecundado ... Engenheiro
e Arquitecto de nascença!

Mesmo baixo de estatura,
e *franzinho* de semblante ...
na humildade e na cultura,
tinha aspecto de Gigante.

Quis, depois, ser militar ...
Ai que pena! Sendo Artista,
... poderia desvirtuar
seu Talento aqui à vista.

Mas jamais, se concretiza
tal agoiro ... excomungado:
- Inda jovem, neutraliza
o *macabro* ... no Elevado.

Por Amor tido à Cultura,
fez o Teatro. E de raiz,
elevou-o então, à altura
dos mais Belos do País.

Construiu-o a partir
do seu Plano Genial,
sem, contudo, o seduzir,
(como é moda!) o Vil Metal.

Deu, o abalo, do ano oitenta,
desta Obra ... *tristes provas* ...
- Mesmo velha, em pé, se ostenta,
ante escombros de outras novas.

Hoje o autarca ignorante,
entrega a Alma ao Demónio,
quando incumbe um *Semelhante*
defender o Património!

Apesar do injusto e inglório
dos «canudos» ... sabichões,
fica, ali, repositório
do Saber de gerações ...

Foi, nas Artes, pois, de Talma,
que a Cultura floresceu ...
para dar, ao corpo, a Alma
que a incultura nunca deu.

Que saudade sinto e sente
nosso Povo - e de menino! -
- Da Opereta «Água Corrente»;
da Imortal «Glória ao Divino».

Este Teatro, além de Escola
de Valores mil e Nobres,
promoveu, até a esmola
por Amor aos nossos pobres.

E ligado ao Construtor
do imóvel, merece o Céu:
- O Genial Realizador
e Poeta JOÃO ILHÉU!

E, também, está ligado
ao Teatro, a Obras Pias,
o Poeta Consagrado
e Pintor MADURO DIAS.

... E, de modo semelhante,
ficou ANGELO TEIXEIRA:
- Este, então, como *ensaiente*,
No SOM... HENRIQUE VIEIRA.

Na maré de Ilustres nomes,
pelo TEATRO, ainda impera:
- o «Bandido» AUGUSTO GOMES
que, em «Carola», ao PAI supera.

Sempre a Morte foi cruel,
mesmo quando o VIL ceifou:
- Para os BONS, meu CORONEL,
nem o Monstro triunfou!

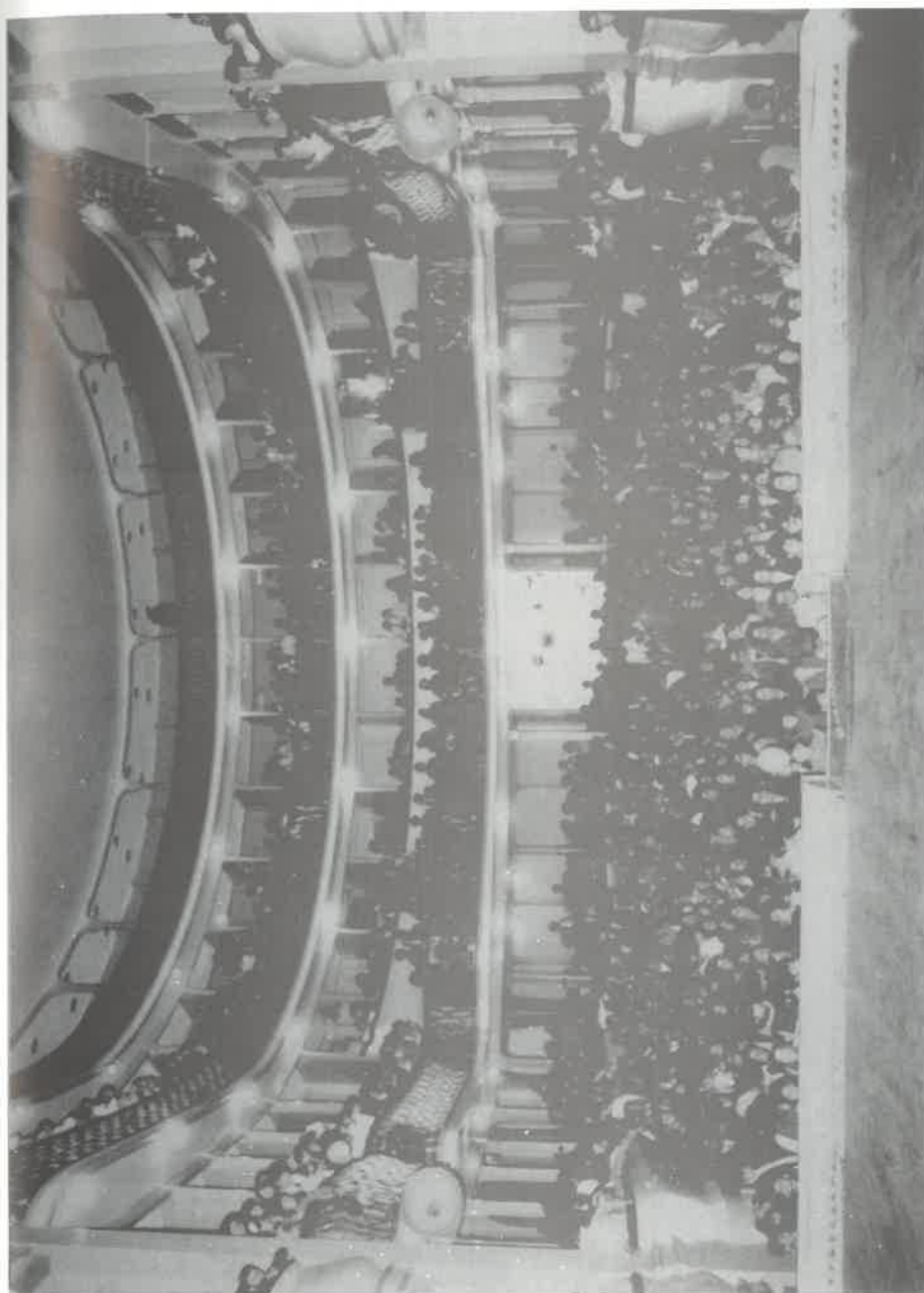
Poste Scriptum

Quase me ia esquecendo,
- Ai como anda esta cabeça! -
Devo estar envelhecendo,
por «incrível» que pareça:

- Nosso BOM João Ilhéu,
em saber do «mau dinheiro»,
e de andar *de mãos ao léu*
pela Escola, o ano inteiro...
... entregou-me um *repetente*
cartãozinho, à Velha Praça,
pra ir vendo a «Água Corrente»,
do princípio ao fim, de graça.

Graciosa, 31-X-993

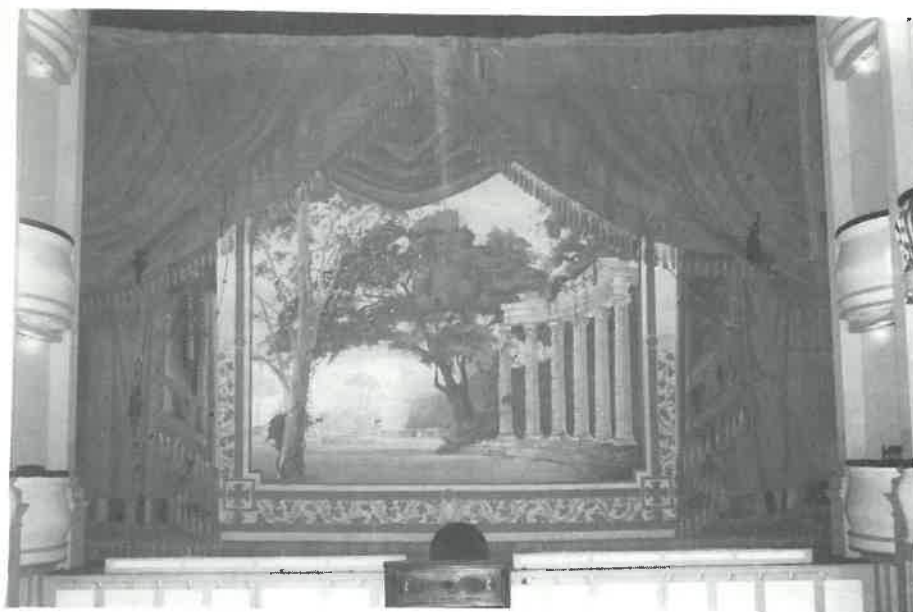
Machado Avila



O Teatro Angrense visto do palco.

UM ACIDENTE SEM CONSEQUÊNCIAS

Muitos e tenebrosos vaticínios se forjaram acerca da solidez estrutural do Teatro Angrense, quase sempre com origem no despeito e inveja de alguns que viram os seus projectos architecturais preteridos ou mui simplesmente por um cepticismo, uma incompreensível relutância em reconhecer uma competência desprovida de «canudos», assente apenas na inteligência, intuição e lógica prática.



O velho pano de boca do Teatro Angrense.

E como os boatos são como as epidemias, a propagarem-se rápida e nefastamente, depressa a dúvida se instalaria nos espíritos mais crédulos, a criar um ambiente de suspeição.

Em face de tal conjunto de circunstâncias, fácil se torna ajuizar do pandemónio que se estabeleceu na assistência no dia da inauguração do Teatro Angrense, ao ouvir-se um forte estrondo, em tudo semelhante ao produzido por um desmoronamento.

Gritos, desmaios, atropelos, uma louca correria de roldão, escadarias abaixo, uma ânsia desenfreada de alcançar as saídas, único objectivo daquela multidão aterrorizada.

Foi então que surgiu do alto de um camarote a figura do então major Gomes da Silva, tal mestre Afonso Domingues sob a abóboda do Mosteiro da Batalha, a proferir a lendária frase, «a abóboda não caiu, a abóboda não cairá»; clamar em voz altissonante: «se este Teatro cair eu mato-me!»

Depressa tudo voltaria à normalidade, ao saber-se que a origem de tal estrondo não fora mais que a queda do Marçal, um guarda da P. S. P., oriundo do continente, chegado até nós incorporado num destacamento da Guarda Republicana e que completamente embriagado se enrolara no chanfallo, mergulhando pela escadaria de acesso à bancada da parte superior, designada por «Geral».

A vetusta abóboda do Mosteiro da Batalha e o nosso Teatro Angrense jamais cairiam, continuariam contrariando o pessimismo de muitos vaticínios, impondo-se aos vindouros como provas insofismáveis do quanto pode a inteligência e a vontade férrea dos homens que põem o seu saber ao serviço das comunidades.

Mas... por ironia do destino... o seu construtor, o coronel Eduardo Gomes da Silva, longe estava de pensar, que volvidos trinta e dois anos, viria a morrer naquele Teatro vítima de uma queda na escadaria de acesso aos camarotes.



O polícia Marçal no velho campo do «Relvão».

lixo, uma ânsia

nes da Silva, ta
ndária frase, e
o cair eu mato

rondo não for
o até nós incor
priagado se en
superior, desig

jamais cairiam
ndouros como
que põem o seu

da Silva, longe
vitima de uma



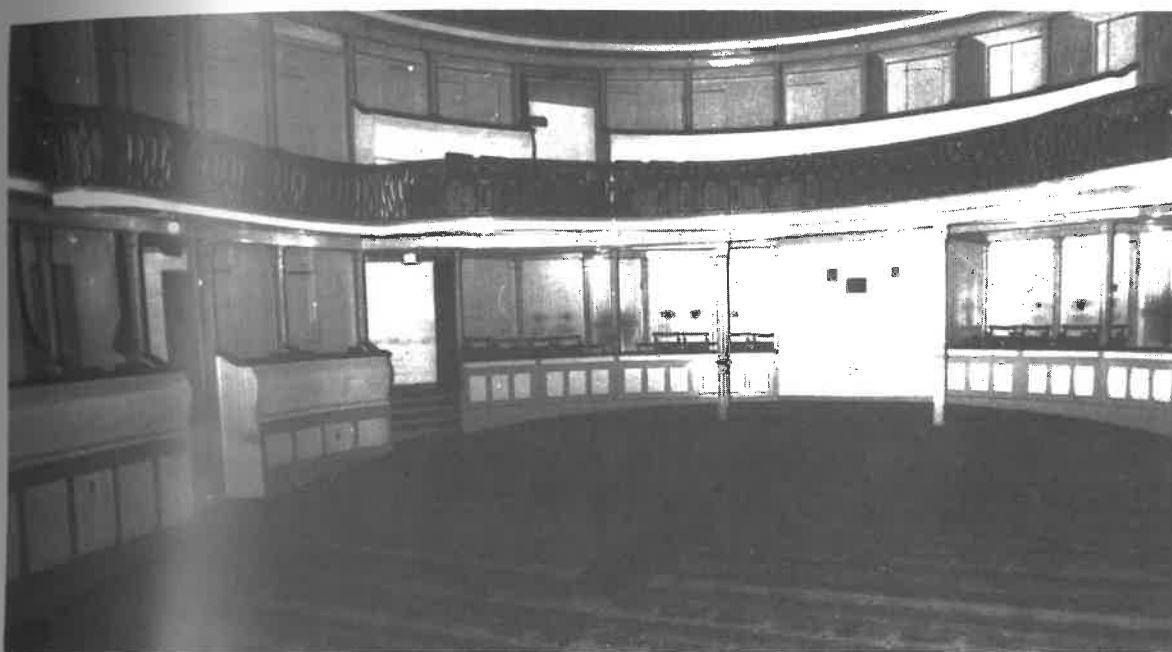
Aspecto do Balcão em Récita de Gala.

A LÓGICA DE UMA EXPLICAÇÃO

O Sr. A. era um velho «manga de alpaca», cujas manias eram por demais conhecidas no meio angrense.

Mas o que dava azo a maiores especulações de cariz cómico, era sem dúvida, o estar persuadido que possuía vastos conhecimentos científicos no ramo da electricidade.

Iniciadas as obras no Teatro, o nosso homem ficou absolutamente convencido ser a única pessoa a reunir as qualificações necessárias para proceder à instalação eléctrica da melhor sala de espectáculos da nossa cidade.



O Teatro Angrense em fase de obras.

Qual não terá sido a desilusão sofrida, ao ter conhecimento que fora contratado um electricista italiano para proceder à referida instalação.

Entrou logo a criticar acerbamente a eficiência dos trabalhos, prevendo os mais desastrosos curto-circuitos, a culminarem em pavorosos incêndios.

Por tal facto, jurou solenemente jamais pôr os pés naquele Teatro.

Foi então que o consagrado escritor Gervásio Lima que morava na rua de Santo Espírito, onde no rés-do-chão tinha escritório, local de cavaqueira para os amigos e tertúlia para os confrades, contando-se entre eles o protagonista desta história e o falecido comerciante e industrial Freitas Mariano, pensaram desfrutar o autor de tão singular juramento.

Simulando estarem interessados em levarem à cena «A Ceia dos Cardeais», apresentaram a sua intenção à apreciação do Sr. A. que logo entrou em discordar, alegando as dificuldades interpretativas, com origem no elevado nível do texto, o exorbitante custo do guarda-roupa, etc., mas porém, ao ser-lhe comunicado que na distribuição dos papeis lhe caberia defender a personagem «Cardeal Rufo», operou-se uma total metamorfose, passando a defender com fervor a representação, não faltando às habituais cavaqueiras, onde, claro está, o tema principal era o empreendimento em questão.

Os dissimuladores foram ao ponto de forjarem correspondência com casas fornecedoras da capital e fingirem contratar cenógrafos, em suma, procuraram criar um ambiente de interesse, compartilhado por um extraordinário entusiasmo pelo Sr. A.

Até que um dia, conforme já o haviam delineado, os dois autores da marosca, simularam uma profunda tristeza.

Estranhando o ambiente consternado, o Sr. A. inquiriu da razão de tal tristeza, daquela ausência de entusiasmo, de alegria, travando-se então o seguinte diálogo.

-- É que nós não queremos levar a peça à Recreio ou à Fanfarra... nós só queremos representá-la no nosso Teatro, o contrário seria tirar dignidade ao espectáculo - responderam os inquiridos com velhacaria.

-- Nem eu quero outra coisa... eu só representarei no Teatro - respondeu peremptório o Sr. A.

-- Mas tu dizes que jamais entrarás no Teatro?!... - ripostaram os interlocutores.

-- Mas eu não entro no Teatro, eu apenas entro no palco - volveu de pronto o Sr. A.

Nos dias 4, 8, 11, 15 e 18 de Abril, efectuam-se espectáculos cinematográficos efectuados pela Empresa Cinematográfica Terceirense, actuando em fim de espectáculo o par de bailarinos cómicos «Les Marocs».

No dia 20 para além dos bailarinos referidos, actua ainda o célebre «Caballero Audaz», que com «Miss Nayss» apresenta os célebres números de evasão, os quais lhe dariam a designação porque ficou conhecido nos meios artísticos «Rei da Evasão».

No dia 1 de Maio realizou-se um espectáculo de homenagem ao Operariado Terceirense, revertendo a receita a favor das vítimas do sismo ocorrido no dia 5 de Abril na ilha do Faial.

Este espectáculo foi preenchido com o filme «Heranças Funestas» e com a actuação do agrupamento «Os Lusos», grupo ginástico, do qual viria a nascer o célebre «Circo Terceirense».

A 31 de Maio estreia-se a Companhia de Opereta e Zarzuela Almeida Cruz, sob a direcção musical do maestro Alfredo Mantua, abrindo com a opereta «Viuva Alegre» e encerrando a digressão a 27 de Junho com a opereta «Mercado de Donzelas».

Do seu elenco constavam os artistas: Maria Pires Marinho, Maria Matos, Ana Cruz, Fernanda Nascimento, La Salett e Barros, Anita Orlanda, Ema Orlanda, Almeida Cruz, António Gomes, Armando Nascimento, Carlos Barros, Artur Silva, Raúl Sargedas, A. Sargedas, Adolfo de Matos e Adolfo Sampaio.

A 6 de Julho estreia-se a Revista de Costumes Regionais intitulada «Flores e Bandarilhas», original de Frederico Lopes, pai e Frederico Lopes, filho, que a assinaram com os pseudónimos de *Caturra Sénior e Caturra Júnior*.

A música foi da autoria do inspirado compositor capitão Piedade Vaz e os cenários de Mestre Maduro Dias.



NO PALCO

ACONTECIMENTO DESLUMBRANTE

O Celebre Duetto

Cómico-Sério

LES MAROCC

Que tem alcançado um
ruidoso sucesso em
todo o Paiz

REPORTORIO PORTUGUEZ

MUSICA ENCANTADORA

Um grande numero de scenarios
deslumbrantes

Arte -- Graça -- Moralidade

PREÇOS POPULARES

Em vigor as disposições do costume

Pormenor do programa do espectáculo realizado no dia 4 de
Abril de 1926, com os artistas de variedades «Les Marroccs».

Teatro Angrense

Empreza Cinematografica Terceirense

Segunda-feira, 31 de Maio de 1926

ÀS 8 E MEIA HORAS

SENSACIONAL ESTREIA

— DA —

Companhia Portuguesa d'Opereta e Zarzuela

sob a direcção do distinto actor **ALMEIDA CRUZ**, de que faz parte a ilustre
actriz-cantora **MARIA PIRES MARINHO**

Administração de Eduardo Raposo

1.^a recita de assinatura

A magnifica opereta vienense, em 3 actos

VIUVA ALEGRE

Musica do celebre maestro **FRANZ LEHAR**

Tradução de **ARTUR DE AZEVEDO**

DISTRIBUIÇÃO

Barão Zeta.....	Antonio Gomes
Conde Danilo.....	Almeida Cruz
Camilo de Rossilon.....	Armando Nascimento
Cascadat.....	Carlos Barros
Pratapal.....	Artur Silva
Bogdanowitsch.....	Raul Sargedas
Kromow-conselheiro da embaixada.....	A. Sargedas
Pritschitsch.....	A. Matos
Niegús-chanceler da embaixada.....	Adolfo Sampaio
Ana Glavari.....	Maria Pires Marinho
Valentina-mulher do Barão.....	Fernanda Nascimento
Salviana-mulher de Bogd.....	Saete Barros
Olga-mulher de Kromow.....	Anita Orlandio
Prascóvia-mulher de Pritschitsch.....	Ema Orlandio
Lóló.....	Cocotes
Dódó.....	
Frú-frú.....	
Gló-gló.....	
Margot.....	
Zá-zá.....	
Um criado.....	

Parisienses -- Montenegrinos -- Musicos -- Creados, etc. etc.

Brilhante encenação de **ANTONIO GOMES** e **AUGUSTO SOARES**

Direcção musical do proficiente maestro **ALFREDO MANTUA**

Scenários e guarda-roupa da Empresa de Materiais de teatro

Cabeleiras de **VICTOR MANUEL**

Adereços de **RAUL SARGEDAS**

Depois de começar o espectáculo, se este for interrompido por motivo de força maior, o espectador não tem direito a reembolso.

As assinaturas deverão ser requisitadas na bilheteira até ás 3 horas do dia do espectáculo

Em vigor as disposições do costume

TERÇA FEIRA

A celebre Opereta **EVA**

Programa da Companhia de Zarzuela Almeida Cruz.

Foram intérpretes: Maria A. Coelho, Manuela Noronha, Lucínia de Oliveira, Maria A. Pereira, Fernanda Viceto, Arlete Ramalho, Carolina Canto, Maria Alice Ramos, Odete Pamplona, Beatriz Avila, Maria João Canto, Clotilde Ramos, Adriano Figueiredo, João Amorim, Arnaldo Pimentel, João Sarmiento, Paulo Marques, Francisco Neves, João Cardoso Avila, Francisco do Canto, Virgílio Gil, Alfredo Lopes, Francisco Martins Soares, Teófilo Brasil, Floriberto Vilar, José Toste Carvalho, José Pimentel Raimundo do Canto, Mário Soares, Guilherme Alves, Manuel B. de Almada e Francisco Pereira.

Interpretaram as rábulas, Dona Terceira, Arrebita, Zé Ilhéu, Sabedoria, Arranjista e Sr. Chefe, respectivamente, Adelaide Sodré, Adriano Figueiredo, Alfredo Lopes, Francisco Martins Soares, Angelo Teixeira e Miguel Stuart Borges.

A 16 de Setembro organiza-se um espectáculo de beneficência em benefício do Asilo de Mendicidade, do Orfanato Beato João Baptista Machado, da Cozinha Económica e Asilo de Infância Desvalida, assim delineado:

1ª Parte

Concerto executado por orquestra de músicos seleccionados e sob a direcção de Álvaro Sequeira.

2ª Parte

Palestra proferida pelo Dr. Francisco de Paula Borba.
Soneto do Dr. Henrique Brás, recitado pelo autor.
Trecho musical executado ao violino e harpa, respectivamente por D. Cecília Borba e Álvaro Sequeira.
Monólogo da autoria de Gervásio Lima, recitado pelo Dr. Joaquim Bartolomeu Flores.

A 26 do mesmo mês é organizado outro espectáculo de beneficência, desta vez a favor dos sinistrados do sismo do Faial, em homenagem à Filarmonica União Fraternal, da vizinha ilha de S. Miguel, e com o seguinte detalhe:

1ª Parte

Concerto pela Filarmonica União Fraternal.

2ª Parte

Preenchida por um filme.

3ª Parte

Actuação do Grupo de Ginástica «Os Lusos».



Caturra Sênior e Caturra Júnior, respectivamente Frederico Lopes (pai) e Frederico Lopes (filho), autores da Revista de crítica regional «Flores e Bandarilhas».



O Chefe de Banda Capitão António Piedade Vaz, compositor de rara sensibilidade que nos deixou um valioso espólio musical, autor da partitura da Revista «Flores e Bandarilhas»



Elenco da Revista «Flores e Bandarilhas» estreada no Teatro Angrense a 8 de Julho de 1926, com assinalado êxito. Da esquerda para a direita. 1º Plano (sentados): Fernanda Touret, Maria Aurea Alves Pereira, Frederico Lopes, pai (Caturra Sênior), Almeida Cruz (titular da Companhia de Opereta que por essa altura actuava no Teatro Angrense, e que possivelmente terá colaborado nos ensaios), Chefe de Banda, Capitão Piedade Vaz, Frederico Lopes, Júnior (Caturra Júnior), Adelaide Sodré e Ariete Ramalho. 2º Plano (De pé): Francisco Martins, Adriano de Figueiredo, Miguel Stuart, Maria Alice Moniz, Lucínia Oliveira, Raimundo do Canto e Castro, Manuela Soares, Carolina Reis, Manuel Felisberto, Manuela Noronha, José Carlos Avila, Beatriz Mourato Vasconcelos, Manuel Almada, Maria Clotilde Moniz, Anunciação Avila Costa, João Sarmento, Odete Pamplona, Arnaldo Correia de Lima, Maria João Reis e José Pimentel. 3º Plano: Alfredo Lopes da Silva, Virgílio Gil, João Amorim, Paulo F. Marques, José Toste de Carvalho, Teófilo Brasil, Guilherme Alves, Francisco Neves, Floriberto Vilar, Mário Soares, Francisco Canto e Castro e Alfredo Barbosa.

TEATRO ANGRENSE

EMPRESA CINEMATOGRAFICA TERCEIRENSE

Domingo, 18 de Julho de 1926

Às 8 e meia da noite

Segunda representação da *REVISTA*
DE COSTUMES REGIONAIS
em 2 actos e 7 quadros

* **Explendidos Cenários**
* **Deslumbrante**
* **apoteose**

Flores e Bandarilhas

de *Caturra Sênior e Caturra Júnior.*
Musica original de *Piedade Vaz.*
Cenários próprios, de *Maduro Dias.*

TÍTULOS DOS QUADROS
1.º Festas da Cidade; 2.º Greve da Polícia; 3.º Uma Sessão das Forças Vivas; 4.º Bailes regionais; 5.º Pavilhão de Alienados; 6.º Estética Citadina; 7.º Apoteose.

PERSONAGENS

ARREBITA	DONA TERCEIRA	ZÉ ILHÉU
Sr. Adriano Figüiredo	D. Adelaide Sodré	Sr. Alfredo Lopes
SALABOIA	ARRANGISTA	O SENHOR CHEFE
Sr. Francisco Martins	Sr. Angelo Teixeira	Sr. Miguel S. Borges
D. MARIA D'A. COELHO.	Luz Electrica	O Estr-do
A União	SR. FRANCISCO NEVES.	Janota
Camponeza	SR. JOÃO C. D'VILA ...	Partido Monarquico
A Guitarra	SR. FRAN.º DO CANTO...	Pão Francés
D. MANUELA NORONHA.	SR. VIRGILIO GIL ...	TV Saudade
Fabrica de Corveia	SR. ALFREDO BARBOSA.	Popular
A Defeza	SR. MANUEL F. SOARES	Alpino
Dona Camara	SR. LEOPOLDO BRAZIL.	Partido Democratico (Direi-
D. LUCINIA D'OLIVEIRA.	SR. FLORIBERTO VILAR.	to)
Dama	SR. JOSÉ T. CARVALHO.	Policia
Camponeza	SR. JOSÉ PIMENTEL ...	Sindicato
Dona Junta	SR. RAIMUNDO DO CANTO.	Policia
D. MARIA A. PEREIRA.	SR. MARIO SOARES...	Homem do povo
A Viola	SR. GUILHERME ALVES.	Comissão do Estetica
A Cidade	SR. MANUEL B. ALMEIDA	O Semeador
Moda Feminina	SR. FRANCISCO PEREIRA	Homem do povo
Sociedade Agric. Industrial	Os Acores	Sindicato
Camponza	Rapaz do povo	Homem do povo
Ceramica Terceirense		
D. FERNANDA VICTETTO		
Dama		
Camponeza		
D. CAROLINA CANTO ...		
A Vanguarda		
Camponeza		
D. MARIA ALICE RAMOS		
Dama		
Camponeza		
D. ODETE PAMPLONA.		
Dama		
Camponeza		
D. MANUELA SOARES		
Dama		
Camponeza		
D. BEATRIZ AYLA		
Dama		
Camponeza		
D. MARIA JOÃO CANTO.		
Dama		
Camponeza		
D. CLOTILDE RAMOS		
Dama		
Camponeza		
Policia (plata)		
SR JOÃO DE S. AMORIM		
Partido Catolico		
Abalo Scismico		
Quintin		
SR. ARNALDO PIMENTEL		
Sindicato		
Policia		
Enfrazio		
SR. JOÃO SARMENTO...		
Ciclone		
Tabaco Ancora		
Balão do Jardim		
SR. PAULO MARQUES...		
Partido Nacionalista		
Policia		

Damas, Cavalheiros, Camponezas,
Camponezes, Policias,
Soldados, Escoteiros, Futebolistas, etc.

O Fado do
Quintin,
O Tango do
Salaboia,

Mais de 30 numeros de musica, por
uma orquestra composta dos nossos
mais distinctos amadores, sob a regen-
cia do Ex.º Sr. **PIEADADE VAZ.**

O Pão Francés, O Abalo Scismico, Côro da Desfolhada (a 5 vozes), Bailes regionais,
Dueto da Guitarra e da Viola, Côro da Greve (a 2 vozes), Marcha da Mocidade, etc.



A relação dos logares encontra-se na Farmácia Monteiro



DISPOSIÇÕES, AS DO COSTUME



Tip. «União» — Angra

Programa da Revista de Crítica Regional «Flores e Bandarilhas» da autoria de Caturra Sênior (Frederico Lopes, pai)
e Caturra Júnior (Frederico Lopes, filho), com música do Cap. Piedade Vaz e cenários de Maduro Dias.

Nos dias 14, 17 e 26 de Novembro, o tenor Lomelino Silva, acompanhado ao piano pelas distintas pianistas terceirenses D. Letícia Mourato e D. Halia Santos e ainda por Ilídio Mourato, exhibiu-se no Teatro Angrense, encantado o público com um selecto e bem executado reportório.

Nos dias 1, 2, 6, 9, 10, 13, 20 e 21 de Dezembro, realizaram-se espectáculos cinematográficos, onde actuaram o dueto Luso-Brasileiro «Os Geraldos».

O ano de 1927 abre a 19 de Janeiro com a apresentação da célebre artista Baronesa Norka Rouskaia, a célebre dançarina e concertista de violino que encantou plateias com bailados clássicos e o virtuosismo do seu violino.

Norka Rouskaia era uma mulher encantadora, duma beleza sugestiva, um corpo escultural, transmitindo em movimentos alados e graciosos, a leitura dos temas coreografados.

Os mais exigentes criticos da capital, a ela se referiam nos seguintes termos: «... dançarina do Egipto, da India exótica e cabalistica, da França galante e sensual, das raças arias, adoradoras do deus Ram, dançarina sublime da Grecia, Norka Rouskaia - entregue completamente à sua emoção,

TEATRO ANGRENSE

DOMINGO, 23 DE JANEIRO DE 1927

ÀS 9 HORAS EM PONTO

ULTIMO E IRREVOGAVEL ESPECTACULO



*Exito da Genial e Excelsa Dansarina
e Concertista de Violino*

Baroneza Norka Rouskaya

Programa do espectáculo de despedida da célebre bailarina e concertista de violino Norka Roskaya que visitou os Açores em 1927.

dir-se-ia que para ela escreveu Romain Rolland, no «Jean Cristophe» - *Todo o músico verdadeiro vive num mundo sonoro, como os demais homens vivem num mundo visível: a sua própria alma é a música.*

Seu busto ardendo em frémios, seus braços desenhadores de curvas de ânfora, seus dedos adivinhos de estranhas expressões hieroglíficas, cria numa visão global, deliciosos símbolos que, para as sensibilidades tangíveis, são música e são frases... Falam!

Ouvir no seu violino os escolhidos trechos da arte moderna, é sentir vibrar em nossos próprios nervos todas as emoções que agitaram a alma inspirada dos grandes maestros.

Numa época regida por um severo Código da Moral, a nortejar toda a vivência em sociedade, não nos podemos admirar que a visão de um espectáculo onde a artista se apresenta em trajes vaporosos, ostentando os predicados de formosura, tenha chocado o público deste velho «burgo», arreigado a ancestrais costumes.

Só assim se explica que apesar de Norka Rouskaia ter esgotado a lotação da nossa primeira casa de espectáculos, Miguel Forjaz no seu livro «A Arte de Talma Terceirense», apenas lhe tenha dedicado três insignificantes linhas.

TEATRO ANGRENSE

E. C. T.

Quarta-feira, 17 de Novembro de 1926

ÀS 20 1/2 horas



LOMELINO SILVA

SEGUNDO CONCERTO

VOCAL

E

INSTRUMENTAL

pelo celebre Tenor

LOMELINO SILVA

e pelos exímios artistas (pianistas):

Professoras

EX.^{AS} SR.^{AS} D. HALIA S. SILVA

D. MARIA LETICIA MOURATO

E

professor

EX.^{MO} SR. ILIDIO MOURATO

50 % do producto liquido deste concerto reverte a favor dos sinistrados do Faial

Programa de um espectáculo realizado pelo tenor português Lomelino Silva.

O gosto pela modalidade *Revista* parece ter contagiado os terceirenses, pois que a 12 de Fevereiro surge no firmamento do amadorismo teatral da nossa cidade uma nova revista intitulada «Com Papas e Bolos», da autoria de Clemente Ramos Moniz Pamplona, em 3 actos e 5 quadros, servida por 27 números de música composta pelo Maestro João dos Reis Neves, e valorizada com os cenários de Joaquim Laureano.

A interpretação esteve a cargo dos amadores: Conceição Ramalho, Maria Elmira Reis, Maria Pimenta, Odete Pamplona, Maria Georgina Costa, Eduarda Reis, Diva de Oliveira, Maria da Conceição, Mercês Ferreira, Regina de Sousa, Maria Forjaz, Maria da Conceição Machado, Almedina Cerqueira, Alda Costa, Olga Macedo, Miguel Forjaz, Eduardo Selécio Ferreira, Renato Vasconcelos, Aurélio Costa, João Amorim, José Pimentel, João Sarmento, Manuel Felisberto, Augusto Alves, Mário Freitas, Abel Freitas, Manuel Maria da Costa, Francisco Cipriano Avila Coelho, Júlio de Oliveira, José Toste de Carvalho, António Pamplona, Joaquim Pires Toste (ponto), Henrique Maria de Sousa e Carlos Jesus Silva (contra-regra) e João Cardoso Coelho (maquinista).

Esta revista deu 5 espectáculos, sendo os três primeiros a favor da «Cruz Verde» dos Bombeiros Voluntários, e as restantes duas a favor das casas de Caridade.

A 15 de Junho a Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro estreia-se nesta cidade com a peça «Amanhecer», inaugurando assim uma série de espectáculos.

Do elenco faziam parte, para além dos titulares: Maria Clementina, Emilia de Oliveira, Constança Navarro, Maria Reis, Teresa Taveira, Gastão Alves da Cunha, Luís Leitão, João de Almeida, Belmiro Rego, Vital dos Santos, Assis Pacheco, Pinto Ramos, João Rodrigues e Alfredo Silva.

Para além da peça de estreia «Amanhecer», constavam ainda do reportório «É Preciso Viver», «Não te melindres Beatriz», «Cristalina», «Segredo de Polichinelo», «Marianela», «O Milhafre», «Zilda» e «O Segredo».

A 19 de Março volta à cena a Revista «Com Papas e Bolos» em benefício da Ermida de S. João de Deus.

A 20 estreia de uma série de espectáculos cinematográficos completados pela «Asturianita», uma mulher que ao perder os dois braços num desastre fabril não se deixou vencer pela adversidade, fazendo os mais delicados e intrincados trabalhos, tais como, pintar, caricaturar, bordar, fazer rendas, etc., com os pés.

A 10 de Abril o Grupo Dramático do Lusitânia Sport Club, leva à cena no Teatro Angrense o drama «Frei Tomás», contando com o seguinte elenco: Antonieta Pinto, Isabel Oliveira, Maria Aurea Pereira, Maria Francisca Reis, Lima Gomes, Angelo Teixeira, José Ferreira, Manuel Soares, João Pimentel, Arnaldo Pimentel.

A 16 e 17 de Abril actuou a cantora lírica Manuela Pinto, cantando trechos da «Tosca», «Manon» e «Aida», sendo completados estes espectáculos, com a projecção de filmes.

No mesmo mês, nos dias 21, 24, 25, 27 e finalizando a 1 de Maio, actuou a «Troupe Carelli and Fátimas», conjunto de bailarinos, cançonetistas e músicos cómico-excêntricos.

A 28 de Abril exibem-se os estudantes do III Ano da Faculdade de Medicina do Porto.

A 18 de Maio realizou-se um Serão Artístico dedicado à Mocidade de Angra do Heroísmo, tendo actuado o Orfeon de Angra.

A 27 do mesmo mês foi organizado um espectáculo de homenagem aos Grupos Desportivos de Angra, especialmente ao misto que na véspera regressara de S. Miguel.

Não só actuou o Orfeon de Angra, como ainda houve uma sessão de declamação de poesias da autoria do Dr. Henrique Brás e Dr. Manuel António Lino.

A 9 de Junho é levada à cena a peça «As Diplomadas» um original do Dr. Joaquim Bartolomeu Flores que contou com a interpretação dos amadores: Antonieta Pinto, Isabel Oliveira, Conceição Ramalho, Maria F. Reis, Maria Aurea Pereira, Menina Maria Pereira, João Pimentel, Lima Gomes, Angelo Teixeira, Luis Pinto, António Fournier, Francisco Neves, Arnaldo Pimentel, Júlio Oliveira e o menino Ramiro Valadão.



Clemente Ramos Moniz Pamplona, autor da Revista Teatral "Com Papas e Bolos".



Grupo Dramático do Luzitânia Sport Club.

1º Plano (sentados), da esquerda para a direita: Maria Aurea, Alves Pereira, Antonieta Pinto, Lima Gomes, Isabel Oliveira e Maria Francisca Reis. 2º Plano (pela mesma ordem) José Simões, Manuel Soares de Medeiros, João Pimentel, José Ferreira, Angelo Teixeira, Leonel Tertuliano Bettencourt e Arnaldo Pimentel.

Este espectáculo foi abrilhantado por uma seleccionada Orquestra regida pelo distinto maestro João Carlos da Costa Moniz.

No mês de Abril chega a esta cidade a Companhia Teatral Lucilia Simões - Eurico Braga composta pelos actores: Amélia Pereira, Palmira Torres, Constança Navarro, Adelina Campos, Laura Fernandes, Lucinda Trindade, Joaquim Almada, Samuel Diniz, Seixas Pereira, José Monteiro, Francisco Sampaio, Augusto Conde, Augusto Sampaio (ponto), Amilcar Oliveira (contra-regra) e Costa Pereira (secretário).

A 28 de Julho estreia-se o trio «Amore les Camps», com um vasto reportório de duetos, tercetos e bailados, sendo o espectáculo preenchido com a projecção de um filme.

Este conjunto efectuou uma série de espectáculos.

Nos dias 14, 15 e 17 de Agosto actuam os Grupos Musicais e de Teatro da Associação dos Empregados no Comércio de Ponta Delgada.

No dia 14 de Setembro realiza-se uma récita de excursionistas funchalenses apresentada pelo então jovem advogado Dr. Constantino de Menezes Cardoso, constando do seu reportório 1 comédia, a actuação de 1 quarteto musical e ainda um interessante acto de variedades.

Nos dias 2, 3, 10, 19 e 29 do mesmo mês as «Hermanas Muños» exibem-se em espectáculos completados por filmes, apresentando um agradável reportório de duetos, canções e bailados.

Nos dias 23, 24, 27 e 30 de Novembro exibem-se a bailarina Clarita Carbonel e o ventríloquo Caballero Castillo que deixaram as melhores impressões no nosso público.

No dia 30 de Setembro de 1927 se procedeu à escritura de reforço da sociedade denominada «Teatro Angrense», cujo texto é do seguinte teor:

No dia trinta de Setembro de mil novecentos e vinte e sete, nesta cidade de Angra do Heroísmo, rua Doutor Eduardo Abreu, número sete, perante mim João de Menezes Pamplona, ajudante em exercício do notário desta comarca, bacharel Henrique Ferreira de Oliveira Braz, em gôso de licença e na presença das testemunhas, idóneas e minhas conhecidas, ao deante nomeadas e no fim assinadas, compareceram como outorgantes: PRIMEIRO = Diogo Paim de Bruges, funcionário público aposentado e proprietário, Tomé de Castro, comerciante e proprietário e Sebastião de Avila Vasconcelos, tezuzeiro da Alfândega de Angra do Heroísmo, todos casados, residentes nesta cidade, na qualidade de Directores do Teatro Angrense, para este acto devidamente autorizados, como consta da acta da reunião da Assembleia Geral da sociedade do mesmo Teatro, realizada em vinte e sete do corrente mês, acta que por certidão me foi apresentada e que arquivo para os fins legais; SEGUNDO = Eduardo Pereira Abreu, proprietário e Frederico Augusto Lopes da Silva, funcionário aposentado da Junta Geral, casados, também residentes nesta cidade, na qualidade de Directores da Caixa Económica de Angra do Heroísmo, autorizados para este acto por deliberação do Conselho Geral da mesma Caixa, tomada em sua sessão de oito de Abril do corrente ano, como consta da certidão da respectiva acta, que me foi apresentada e arquivo - os outorgantes pessoas cuja identidade certifico, do que dou fé. A certidão da Assembleia Geral do Teatro Angrense, é subscrita pelo respectivo secretário, João Moniz de Sá Corte-Real dos Santos e a do Conselho Geral da Caixa, por Frederico Augusto Lopes da Silva, ambos em data de hoje. E DISSERAM: todos os outorgantes:

Que por alvará de quatro de Junho de mil oitocentos sessenta e dois, do Governo, então Reino Português, referendado pelo Marquês de Loulé, foi aprovada a constituição nesta cidade de uma sociedade proprietária do Teatro Angrense, por meio de acções, do valor nominal de doze mil reis insulanos, hoje doze escudos da mesma moeda, cada uma; QUE esta sociedade anónima de responsabilidade limitada, com o capital de cinco mil oitocentos cinquenta e seis escudos, moeda insulana, dividido em quatrocentas oitenta e oito acções; QUE em sessão extraordinária da Assembleia Geral da mesma sociedade, realizada em vinte e sete deste mês, foi aprovada por unanimidade a proposta para elevar este capital a mil quinhentos oitenta e um contos quatrocentos cinquenta e seis escudos, moeda insulana, reforçando-o, portanto, com mil quinhentos setenta e cinco contos seiscentos escudos, da mesma moeda, dividida em cento trinta e

uma mil e trezentas acções; QUE, na mesma sessão extraordinária, foi autorizada a Direcção a praticar todas as diligências para a subscrição das novas acções - o que tudo consta da acta acima referida, cuja certidão foi arquivada; QUE a importância deste reforço foi subscrita e paga pela outorgante Caixa Económica de Angra do Heroísmo, mediante a comissão estabelecida entre as duas entidades, Teatro e Caixa, obrigando-se e Direcção do Teatro a entregar os títulos definitivos das novas acções, devidamente selados, no prazo de seis meses, a contar de hoje; QUE, nestes termos, e de conformidade com a deliberação tomada, reforçam o capital da referida sociedade com a quantia de mil quinhentos setenta e cinco contos e seicentos escudos, moeda insulana, e, em consequência, alteram o artigo segundo dos estatutos por que se rege a sociedade Teatro Angrense que fica substituído pelo seguinte: ARTIGO SEGUNDO: O Capital da sociedade anónima de responsabilidade limitada, denominada Teatro Angrense, é de mil quinhentos e um contos quatrocentos cinquenta e seis escudos, moeda insulana, dividido em cento trinta e uma mil setecentos oitenta e oito acções, de doze escudos da mesma moeda, cada uma.

Assim disseram, mutuamente aceitaram e ratificaram, do que dou fé, ante mim e na presença das testemunhas Olímpio Moniz Borges de Lemos e Jeremias Paim das Neves, casados, escreventes, residentes nesta cidade, que vão assinar com os outorgantes e comigo, que na presença simultânea de todos li esta escritura em voz alta. O selo devido é do valor de seis contos trezentos e dezoito escudos e quarenta centavos, moeda insulana.

Diogo Paim de Bruges - Thomé de Castro - Sebastião Avila Vasconcelos - Eduardo Pereira Abreu - Frederico Augusto Lopes da Silva - Olímpio Moniz Borges de Lemos - Jeremias Paim das Neves.

O Notário ajudante, João de Menezes Pamplona. Emolumentos:

Taxa fixa - 20\$00. 15 0/00 sobre 200.000\$00 - 300\$00. 10/00 sobre 300.000\$00 - 300\$00. 05 0/00 sobre 500.000\$00 - 250\$00. 025 0/00 sobre 260.480\$00 - 62\$12. Total esc. 943\$28. Imposto de selo 6.318\$60 - seis mil trezentos e dezoitos escudos sessenta centavos moeda insulana. Pamplona. Contribuição industrial - 118\$00 - Cento e dezoito escudos moeda insulana. Pamplona.

No final de Novembro e principio de Dezembro actua a Companhia de Teatro Ligeiro Ilda Stichini, incluindo no seu elenco os artistas Ilda Stichini, Dina Stichini, Maria de Carvalho, Maria Olinda, Maria Emilia, Raúl de Carvalho, Mário Santos, J Ilda Stichini, Dina Stichini, Maria de Carvalho, Maria Olinda, Maria Emilia, Raúl de Carvalho, Mário Santos, Joaquim de Oliveira, Lino Ribeiro, Leopoldo Santos, Artur de Sá, Alfredo Froes e A. Mendonça.

Do seu vasto reportório constavam as peças: Ingleses, Inimigos, Hora de Amor, Se Eu Quizesse, Simone, A Morgadinha Val Flor, Lourdes, Filhos, A Vertigem, Dicky, Carta Anónima, Centenário, Triste Viuvinha e Roberto e Mariana.

Ainda não eram decorridos dois anos após o êxito de «Flores e Bandarilhas» e já Frederico Lopes Júnior nos aparece, a 8 de Fevereiro de 1928, com a opereta de costumes regionais, a que deu o nome de «Água Corrente», musicada por Henrique Vieira da Silva e com cenários de Maduro Dias.

Nesta opereta Frederico Lopes Júnior, que já então se encobria com o pseudónimo de *João Ilhéu*, conta-nos uma história de amor, singela, repleta de quadros campestres, repositório dos nossos ancestrais costumes, enquanto que Henrique Vieira da Silva a envolveria em inspirados acordes, falando-nos à nossa sensibilidade nostálgica e saudosista, para finalmente Maduro Dias nos transportar em pinceladas largas e vigorosas, ao ambiente telúrico da vivência campesina da nossa ilha.

«Eu vou contar-vos uma história linda...» era assim que começava o introito recitativo... E que linda história... tão bem contada, à nossa moda, enriquecida pelo linguajar da nossa gente, temperada no cadinho da sensibilidade ilhoa, a revelar uma índole, por vezes doce, meiga, ingénua para, em menos de nada, metamorfosear-se em arrebatamentos temperamentais, capazes dos maiores desvarios apaixonados.

Teatro Angrense

Empresa C. Terceirense

Quarta-feira, 8 de Fevereiro de 1928
às 8 e meia da noite

1.^a representação da Opereta
regional em 3 actos

ÁGUA CORRENTE

Original de :

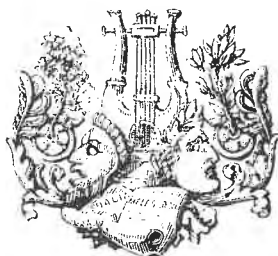
JOÃO ILHÉU

Musica de :

HENRIQUE VIEIRA

Senários próprios de :

MADURO DIAS



Programa de estreia da opereta «Água Corrente», marco no historial do teatro terceirense.



Angelo Teixeira, o inesquecível amador que durante muitos anos animou os palcos da nossa terra, quer como intérprete, quer como ensaiador, no papel de «Ti Miguel» da opereta «Água Corrente».

O povo tão bem a compreendeu que jamais se cansou de a ouvir, levando-a a atingir a trigésima reposição.



Carlota Pereira, amadora de muito merecimento que integrou o Grupo Dramático da Recreio dos Artistas e interpretou o papel de «Tia Gertrudes» da opereta «Água Corrente».

A interpretação ficou assim distribuída:

Maria	Manuela Noronha
Conceição	Lucínia Oliveira
Ti Ana	Albertina Pimentel
Tia Gertrudes	Carlota Pereira
Madalena	Elmira Reis
João Tropa	Arnaldo Pimentel
Ti Miguel	Angelo Teixeira
Manel da Rita	Frederico Lopes
Chico Torto	Gregório Fráncó



O saudoso Florival Sancho, popular locutor da nossa rádio e que viria mais tarde a substituir na opereta «Água Corrente» Angelo Teixeira no papel de «Ti Miguel».

Coros Femininos:

Maria Hália Santos Silva
Isabel Pimentel
Maria das Dores Reis Franco
Alda Lopes
Mercês Ferreira da Silva
Dolores Pimentel
Rafaela Reis
Regina Leite

Coros Masculinos:

Guilherme Monteiro
José Pinto Enes
Francisco Cipriano
António Lino Moniz
João Leite
Candido Forjaz
Alexandre Amaral
Raimundo do Canto e Castro
Herbert Pearce
Manuel Almada
José Pimentel
José Manuel dos Santos
João Cardoso Avila
Marino Pamplona

Os ensaios estiveram a cargo de Angelo Teixeira e pontou Armando Pureza.



Isabel Maria Rocha cantando a sua parte.



Momento simbólico em que Angelo Teixeira entregou a Florival Sancho o desempenho do papel de «Ti Miguel» da opereta «Água Corrente» e que ficaria conhecido entre os componentes do Grupo por «Render da Guarda».

A 17 de Fevereiro estreia-se o Duo «Bellinis» que deu mais nove espectáculos nos seguintes dias do mesmo mês, 19, 21, 23, 26 e 27 e ainda nos dias 1, 4 e 6 de Março.

Os «Bellinis» cantavam uma canção muito em voga, cujo estribilho que o público acompanhava com entusiasmo, era o seguinte:

Rapazes, rapazes
Cuidado, muito cuidado
Há mulheres que de tudo são capazes
E a fortuna não está sempre ao nosso lado
Não se casem, não, rapazes.

A 19 de Março volta novamente à cena a opereta «Água Corrente».



Numa das últimas reposições da opereta «Água Corrente», os amadores Florival Sancho e Gilberto Jarroca, contracenando.

A 16 e 20 de Abril actua o Grupo Dramático dos estudantes do III ano da Faculdade Médica de Coimbra.

A primeira récita abria com um original do Dr. Bruno Carreiro, intitulado «Uma Véspera de Feriado», seguindo-se um vistoso Acto de Variedades.

A segunda abriu com uma palestra proferida pelo ilustre orador Dr. Henrique Brás, intitulada «O Meu Tempo de Coimbra».

Seguiram-se depois as peças «A Sonata» e «Ceia das Faculdades», encerrando com um Acto de Variedades.

A 29 de Abril realiza-se um espectáculo dedicado ao Lusitania Sport Club com a peça «Inimigas», um original de Carlos Malheiro Dias.

Foram intérpretes: Maria Antonieta Pinto Reis, Maria F. Bruges, Isabel Oliveira, Diva Oliveira, Angelo Teixeira e Júlio Oliveira.

A 3 de Maio realiza-se um Serão da Arte, abrindo com uma palestra proferida pelo Rev. Pe. Rollim, apresentado por Sua Ex.^a Rev.^a D. António Meirelles sendo o Serão totalmente preenchido pelo Orfeon de Angra que executou um selecto reportório.

O ano de 1928 encerra com um recital pela cantora Beatriz Baptista acompanhada ao piano pelo seu marido, o Maestro Luís Gomes.

A última parte do espectáculo foi preenchida com a actuação da Banda Regimental sob a regência do Chefe de Banda Ten. Piedade Vaz.

O ano de 1929 abre com um espectáculo de amadores realizado a 24 de Janeiro, interpretando a peça em 3 actos «Sherlock».

Representaram-na, sob a direcção de Angelo Teixeira, para além do seu ensaiador, Lucínia de Oliveira, Albertina Pimentel, Maria Aurea, Maria Elmira, Odília Moniz, José Cruz, Adriano Figueiredo, João Pimentel, António Freitas Pimentel, António Fournier e José Pimentel, sendo ponto, Armando Pureza e contra-regra, José Simões.

Este espectáculo dedicado ao Club Musical Angrense, foi abrilhantado por uma orquestra dirigida pelo Maestro João Carlos da Costa Moniz.

Nó dia 4 de Abril fez a sua estreia nesta cidade a Companhia Portuguesa Lucília Simões-Eurico Braga, a qual integrava os seguintes actores: Amélia Pereira, Palmira Torres, Constança

Navarro, Adelina Campos, Laura Fernandes, Lucinda Trindade, Joaquim Almada, Samuel Diniz, Seixas Pereira, José Monteiro, Francisco Sampaio (ponto), Amílcar Oliveira (contra-regra), Costa Pereira (secretário).

Ainda no mesmo mês fomos visitados pela Companhia de Revista e Variedades Stichini - Santos, sob a direcção de Mário Santos, da qual constavam os artistas: Dinah Stichini, Lubella Stichini, Teresa Stichini, Mário Santos, Fernando Isidro, Leopoldo Santos, Baptista Diniz e Abílio Esteves.

Segue-se o Circulo Bandolinista da Madeira sob a regência do Maestro Carlos, a obter um estrondoso êxito.

A 14 de Abril faz a sua aparição o grande Chaby Pinheiro que se fazia acompanhar por além de sua mulher Jesuina Chaby, dos artistas Emilia Fernandes, Maria de Oliveira, Júlia de Assunção, Olimpia Pereira, Alice de Sousa, João Gaspar, Abílio Baptista, Manuel Bessa, José Guedes, Francisco Ribeiro, Eduardo Matos, A. Rodrigues e Artur Silva.

Esta Companhia estreitou-se com a comédia em 3 actos «O Nosso Homem» e encerrou no dia 30 com uma récita de gala dedicada à Empresa Insulana de Navegação, ao Comandante Raul Pinto do Carvalho Araújo e à restante officialidade.

Até 1933, para além da exploração do Teatro pela Empresa Foto-Cine apenas há notícia de algumas actuações em fim de espectáculos dos mágicos «Alquimista de Satan» e «Comète».

A 14 de Janeiro de 1934 estreia-se a Companhia Societária de Revista e Opereta sob a direcção de José Dubini, a qual integrava os seguintes actores: Auzenda de Oliveira, Julieta Soares, Beatriz Baptista, Dória Vieira, Ondina Dubini, Maria Alice, Suécia Gonçalves, Matilde Costa, Holbeche Bastos, Mário Fernandes, Joaquim Rocha, António Rosa, Casimiro Rodrigues, José Diniz, Manuel Martins e ainda seis coristas. Mário Torres desempenhou as funções de ponto e secretário, a encenação esteve a cargo de Holbeche Bastos e Verissimo Santos foi o maquinista.

A Orquestra dirigida por Vasco Macedo, integrou o distinto músico terceirense Henrique Vieira da Silva.

Em Julho de 1934 realizaram-se no Teatro Angrense três espectáculos a integrarem o Torneio Açoriano, uma iniciativa há muito alimentada pelo notável homem de letras Gervásio Lima, realização que viria a saldar-se numa viva manifestação artistica, literária e poética em amplexo de fraternidade açoriana.

Distintos oradores fizeram-se ouvir no palco do Angrense, tais como, Doutores Oliveira San Bento, Henrique Brás, Ramiro Machado, Tenente Frederico Lopes e Silveira Amaral.

As nossas melodias regionais repassadas de sentimentalismo, foram valorizadas pelas melhores cantadeiras e cantadores da nossa ilha, Livramento Silveira (Praia da Vitória), Georgina Costa, Mário Freitas e José Pereira (Angra) etc. que se fizeram ouvir no «Meu Bem», «Tirana», «Olhos Pretos» e «Saudade».

Emília Neves Soares, Carlota Pereira, Conceição Ramalho, Maria Julieta Nunes da Silva, Adriano Figueiredo e Alberto Ornelas, declamaram versos do Dr. António Lino, Manuel Augusto do Amaral e Oliveira San Bento.

Ao confrontarmos o presente com o passado, fácil se torna verificar a diferença existente nas tentativas de aproximação do arquipélago; enquanto que antigamente a cultura era um elo a prender as nove ilhas; nos nossos dias, falando-se «à boca cheia» de unidade açoriana, cada vez mais nos afastamos, em resultado de estereis quesilias e questiúnculas, com origem numa politica desprovida de senso e coerência.

Nos dias 5 a 16 de Outubro os internados no Orfanato Beato João Baptista Machado levaram à cena no nosso Teatro Angrense as peças da autoria do Dr. Joaquim Bartolomeu Florença e ensaiadas por Angelo Teixeira «Bodas de Ouro» e «À Cata de Fardamento», encerrando a récita um interessante Acto de Variedades.

Colaborou nestas festa de beneficência, como já vinha sendo habitual, a Orquestra Henrique Vieira.

ada, Samuel
ontra-regra)
ades Stichini
ini, Lubélia
a Diniz e Al.
arlos, a obter
panhar para
eira, Júlia de
l Bessa, Jose
encerrou no
ndante Raúl
as há notícia
mètre».
pereta sob a
lieta Soares,
tilde Costa,
lrigues, José
s de ponto e
quinista.
irense Hen-
tegrarem o
as Gervásio
a e poética.
res Oliveira
aral.
zadas pelas
), Georgina
ana», «Olhos
nes da Silva.
io, Manuel
rença exis-
ura era um
na, cada vez
ma política
Machado
meu Flores
ido a récita
estra Hen-



Dr. Henrique Ferreira de Oliveira Brás, escritor, poeta e jornalista, cujos do-
tes oratórios enriqueceu muitos serões culturais no nosso Teatro Angrense.

A 25 de Junho de 1935 uma lufada de ar fresco vem alegrar o panorama teatral da nossa terra, com a apresentação da Academia Angrense no palco do nosso Teatro apresentado para além do seu Orfeon, as comédias «Inglês e Francês», «Felicidade por Anúncio» e ainda um vasto e vistoso Acto de Variedades a encerrar com o coro «A Padeirinha do Norte».

A comédia «Inglês e Francês» esteve a cargo dos alunos Maria Carlota Pereira, Armando M. dos Santos, Caetano Sousa e Alfredo Lopes; «Felicidade por Anuncio» a cargo dos alunos Maria Vitorino Pereira e Armando M. dos Santos. Integravam o Acto de Variedades Cacilda Borba, Hildebrando Areia, Luís Brandão, Malaquias e João Faria Mendes.

Os ensaios estiveram a cargo de Angelo Teixeira e pontou Luís Brandão.

Abrilhou o espectáculo a Orquestra Henrique Vieira.

A 29 de Agosto surge-nos a Revista «Lanterna Mágica» da autoria de um dos melhores revisteiros açorianos, senão o melhor, o saudoso José Barbosa.

Esta Revista estruturada em 3 actos, 16 quadros e 1 Prólogo, foi musicada por Ilidio de Andrade, um terceirense fixado em S. Miguel, orquestrada pelo compositor Evaristo Pacheco de Sousa, encenada por Castanheira Lobo, coreografada por Manuel Joaquim de Matos, estando a regência da orquestra a cargo do Maestro Cristovão de Sousa.

O Grupo Dramático do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio de Ponta Delgada foi quem tomou a responsabilidade da representação, contando com a interpretação dos amadores: Maria da Conceição Arruda, Maria Natália Rodrigues, Fernanda Cabral, Ludovina S. Andrade, Fernanda Cunha, Adriana Cunha, Adelaide E. Andrade, Cecília Andrade Silva, Noémia Ferreira; meninas, Mariazinha Costa, Zélia de Sousa, Idalina de Oliveira Carreiro, Maria da Silva Andrade, Ludovina da Silva, Maria Natália Rodrigues, Maria Isaura Borges, Joana Maria Borges, Eduardo Xavier, Augusto Gomes, Ruy Lopes, Raúl de Andrade, Humberto C. Pereira, Francisco Matos, António Machado Bremontt, António Raposo, José de Viveiros Maiato, Luis Bento Soares de Sousa, Manuel Cabral (ponto), José de Melo Araújo (caracterizador).

Montagens de cena a cargo de José Januário da Costa.

A 5 de Dezembro a Sociedade «Recreio dos Artistas» leva ao tablado Angrense a peça em 3 actos «Um Truc da Aeronautica», ensaiada por Angelo Teixeira, pontada por António Teles e contraregrada por António da Rocha, ficando a Orquestra a cargo de Alberto Cunha e a representação sob a responsabilidade dos amadores: Maria Aurea Pereira, Carlota Pereira, Maria Pereira, Eduina, Maria Vitorino, Angelo Teixeira, José Cruz, João Inácio Pimentel, Manuel Cabral, António Fournier, António da Rocha, Didier Carvalho e Angelo Pamplona Teixeira.

Ainda a 29 do mesmo mês, faz a sua apresentação ao público de Angra a Companhia de Revista sob a direcção Eva Stachino com o seguinte elenco: Deolinda Macedo, Guilhermina Paiva, Maria Cordin, Judith Dorizini, Santos Carvalho, Fernando Isidro, Alberto Miranda, Auzenda Monteiro, Adelina Caldas, Rita Gonçalves e Noémia Godinho.

Este elenco era enriquecido por oito graciosas coristas, estando a Orquestra a cargo do Maestro Henrique Branco, Mário Torres pontou e contraregrou Jaime Lemos.

Esta Companhia estreitou-se com a Revista «Peixe Espada» e encerrou a digressão com a aparatosa Revista «A Pérola da China».

A 19 de Fevereiro de 1936 realizou-se um concerto, no qual actuaram o tenor Kjolner e o barítono Paulo Amorim, sendo acompanhados ao piano pela terceirense Margarida Amaral.

Ainda no mesmo mês exibiu-se o Orfeon Académico de Coimbra sob a regência do Dr. Manuel Raposo Marques.

A 15 de Maio os alunos do Liceu Padre Jerónimo Emiliano de Andrade apresenta-se novamente no palco do velho Teatro Angrense, com um espectáculo apresentado pelo aluno finalista Silveira do Amaral e organizado com o seguinte detalhe 1ª Parte: Actuação do Orfeon Académico, sob a direcção do Pe. José de Avila. 2ª Parte: a comédia «D. Beltrão de Figueiroa», desempenhada pelos alunos, Maria Victorino, Carlota Pereira, Octávio Soares de Medeiros, Silveira do Amaral, João de Meneses e Manuel de Meneses.

O espectáculo cenografado por Maduro Dias, foi abrilhantado por uma Orquestra Infantil.

A 16 de Agosto exhibe-se o actor cómico-excêntrico-musical, que se fazia acompanhar do nosso conterrâneo o pianista Ilidio de Andrade.

A 17 de Novembro o «Jornal de Angra» promove uma récita a favor do «Natal dos Pobrezinhos», com a colaboração do Grupo Dramático «União Recreativa» da Serra da Ribeirinha, sob a direcção de Carlos Silva, mais conhecido por Carlos «Madeira», por ser natural daquela ilha.

Faziam parte deste Grupo Dramático os seguintes amadores: João Fernandes, Mateus Miranda, Francisco Pacheco, João Ferreira, Francisco Martins, Livramento Silva, Maria José, Elvira Cardoso, Olivia de Freitas, Maria de Jesus, Maria de Avila, Manuel Cardoso, José Cardoso e Francisco de Freitas.

A actuação deste Grupo Dramático foi de fraco nível, sendo a crítica benevolente, atendendo ao fim caritativo.

A 30 de Dezembro a Academia do Liceu Antero de Quental de Ponta Delgada visita esta cidade, levando à cena «O Primo Izidoro», a cargo dos estudantes Francisco F. Ferreira, Luís Lopes Cabral, Bento Moreira, Gabriel Matos, José Maria de Melo, Hermano Cabral Júnior e José Maria Araújo, bem como «A Ceia das Faculdades» da autoria do ilustre micaelense Dr. José Bruno, sendo intérpretes os académicos, Bento Moreira, Francisco F. Ferreira, Luís Lopes de Carvalho, Nicolau M. Carvalho e Gabriel Matos.

Encerrou a récita um vistoso Acto de Variedades com encenação de Castanheira Lobo e coreografia de Manuel Joaquim de Matos.

O dinâmico jornalista Armando Avila, ao tempo Chefe de Redacção do «Jornal de Angra», promove um espectáculo a favor do Natal dos Pobrezinhos e que irá a 25 de Fevereiro abrir a temporada teatral de 1937.

Este espectáculo dedicado à ilustre dama terceirense D. Isabel de Barcelos Coelho Borges, contou com a cooperação de Maria da Conceição Ramalho Borges de Avila, Elvira Marques de Castro Corte Real, Maria Hália dos Santos Silva, Rafaela Rosa Pimentel, Maria Francisca de Bettencourt e Orquestra «White Jazz» sob a orientação de Alberto Cunha.

A 10 de Março Associação Académica realiza um espectáculo afim de angariar fundos para a sua Caixa Escolar.

Abre o espectáculo o Dr. Rafael de Azevedo, proferindo uma vibrante alocução, após a qual o Orfeon Académico sob a hábil e dinâmica regência do Pe. José de Avila.

A segunda parte do espectáculo é preenchida com as peças «O Primeiro Beijo» e «A Verdade», desempenhadas por Maria Victorino, José Sieuve de Meneses, Afonso Matos e Afonso Mendes.

A Orquestra Pitagónica organizada pelo Pe. Avila e regida por Maria da Conceição Carvalho.

Deu a sua colaboração a este espectáculo a Orquestra Henrique Vieira.

A 18 de Março exibem-se os estudantes de Farmácia da Universidade de Lisboa com a Revista «Fitas Roxas» da autoria de Eduardo Fernandes, Fernando Augusto e Rogério Ribeiro.

A 16 de Abril a Academia Angrense volta à cena com o mesmo espectáculo efectuado a 10 de Março.



ORQUESTRA PITAGÓRICA DO LICEU DO PADRE JERÔNIMO EMILIANO DE ANDRADE, organizada pelo Pe. Avila, constituído por xilofones, guizos, ferrinhos, pandeiros, pauzinhos, matracas, tamborsinhos e uma guitarra tocada por Oldemiro Pimentel.

1. Francisco Giraldes, 2. Maria José Valente, 3. Cacilda Borba, 4. Maria das Neves Maciel, 5. Bernardete Simões, 6. Judite Corvelo dos Santos, 7. Maria José Natividade Coelho, 8. Margarida Baptista, 9. Conceição Carvalho (regente), 10. Padre José de Avila (organizador), 11. Maria Sara Guerra, 12. Irene Bettencourt, 13. Iracema Cota, 14. Judite Martins, 15. Clara Cruz, 16. Vivaldina Martins, 17. Fernando Rui Corte Real, 18. Manuel Macedo Pereira, 19. Oldemiro Pimentel, 20. Carlos António Macedo de Sousa, 21. Eduardo Melo, 22. Alberto Rosa, 23. João Afonso, 24. Guilherme Carvalho, 25. Manuel Cristiano, 26. José Alfredo da Natividade Coelho, 27. Manuel Brás, 28. Fernando Avila, 29. Helder Amaral, 30. Eduardo Laranjeira, 31. João Vieira Nunes, 32. Hélio Flores Brasil, 33. José Gabriel Avila, 34. Manuel Homem Borges de Meneses, 35. Eziqiel Borges Barcelos, 36. Manuel Tavares, 37. Jaime Cruz, 38. José Henrique Pacheco, 39. José Pereira, 40. Florival Sancho, 41. Victor Azevedo, 42. Gilberto Costa, 43. Nélito Barcelos, 44. Felton Pimentel, 45. Henrique Araia, 46. Manuel Almeida Nunes.



MARIA EDUINA, amadora de inegáveis recursos, que integrou o Grupo Dramático da Recreio dos Artistas, e pisou algumas vezes o palco do Teatro Angrense.



JOSÉ CRUZ, o inteligente e versátil amador teatral que, integrado no Grupo Dramático da Recreio dos Artistas, pisou por mais de uma vez, o palco do Teatro Angrense.

Nos dias 4 e 11 de Maio, 25 de Junho e 28 de Julho é mais uma vez reposta em cena a Opereta «Água Corrente», a obra prima de João Ilhéu e que Henrique Vieira enriqueceria com as suas melodiosas músicas.

Deram a sua valiosa interpretação os amadores: Manuela Noronha, Isabel Oliveira Lima, Albertina Pimentel, Carlota Pereira, Lígia Garcia, Arnaldo Correia de Lima, Angelo Teixeira, Francisco Neves e Gregório Franco. Coros: Isabel C. de Lima, Maria Elmira Reis, Eduarda Reis, Dolores Pimentel, Bélia Oliveira, Rafaela Pimentel, Germana Pimentel, Cecília Santos Silva, Isabel Maria L. Rocha, Juvenália Sousa Martins, Adelina Silva, Guilherme Monteiro, José Pimentel, Herbert Pearce, Leonel Correia de Lima, Reginaldo Reis, Francisco S. Amaral, Guilherme Gomes Filipe, Augusto Castilho Falcão, Luís Magalhães Brandão, António Ferreira, Fernando P. Silva e Francisco Botelho.

Os ensaios de declamação estiveram a cargo de Angelo Teixeira, a coreografia de Antonieta Pinto e os ensaios dos coros sob a responsabilidade de Henrique Vieira. Ponto, Joaquim Pires Toste, cenários, guarda roupa e adereços de Maduro Dias.

A Recreio dos Artistas levou à cena no Teatro Angrense, a 28 de Novembro, a peça em 3 actos «O Espectro do Passado», contando para tal com o habitual elenco: Maria Eduina, Angelo Teixeira, M. A., Manuel Cabral, M. Vitorino Feitas, Ludjero Moreira, António Fournier e Manuel Soares de Medeiros.

Colaborou neste espectáculo a Orquestra Henrique Vieira.

A época teatral encerra a 14 de Dezembro com um espectáculo organizado pelo Comando Distrital da Legião Portuguesa, destinado a angariar fundos para a sua Caixa de Assistência.

O ano de 1938 abre com mais uma reposição da «Água Corrente», com pequenas alterações no seu elenco.

A 24 de Maio realizou-se um espectáculo de Gala em homenagem a uma esquadra francesa fundeada no nosso porto, actuando o Orfeon de Angra, com a seguinte constituição: Padre José Avila (regente), tenores: Manuel Vieira Coelho, Eduardo de Lacerda Nunes, Arnaldo Correia de Lima, Guilherme Machado, Armando Nascimento, Manuel Ribeiro, Norberto Bettencourt, Abilio Mendonça Alves, Manuel F. Pinheiro, José V. da Costa, Raúl de Canto e Castro, José M. Simas, Alberto S. de Azevedo, José A. Soares, António M. Pereira, Jacinto da Rocha Lourenço, Mário Freitas, José S. da Silva, Manuel V. Pimentel, Alberto Ornelas Ourique, Luís M. Cordeiro, António R. Moniz, Leonel Correia de Lima, Guilherme Monteiro e Eurico Vasconcelos. Sopranos: Antonieta Belo Pamplona, Emília Belo de Castro Franco, Emília Soares Neves, Humberta Angra Lobão Reis, Isabel de Oliveira Lima, Isabel Maria Lourenço Rocha, Maria Isabel Sieuve C. de Lima, Maria do Carmo Noronha Borba, Maria do Carmo Forjaz, Manuela Noronha, Maria Leticia Mourato, Maria Dória Botelho, Maria Borges, Maria Cecília dos Santos Silva, Maria Eulália Martins Bettencourt, Manuela Rocha, Maria do Carmo Albuquerque, Maria Emília Pamplona Nunes, Nelly Correia Brasil, Rafaela Vale e Rafaela Pimentel. Contraltos: Alda Vale, Alda Lopes da Silva, Hélia Oliveira, Branca Carvalhal, Catarina Simões, Clotilde Moniz, Dolores Pimentel, Izaltina Amaral, Juvenália Martins, Lucínia Oliveira, Maria Alice Moniz, Maria Alvarina Flores, Maria Amaral, Maria Amarante, Maria Angra Santos, Maria Antonieta Alves, Maria do Carmo Cerqueira, Maria Clara Simões, Maria da Conceição Carvalho, Maria Cristina Agostinho, Maria Guilhermina Ramos, Maria João Lorga, Maria Luisa Raposo, Maria do Natal Bruges, José M. da Costa, Ludjero Moreira, Romeu Melo, Luís Maria Pereira da Silva, Francisco Correia dos Reis, José P. Machado, Francisco M. Borges, Teotónio Bruges, Oldemiro Pimentel, Francisco C. Brasil, Luís Brandão, Manuel S. Cabral, Rafael N. dos Santos, Elvino Lounet de Andrade, João P. Rocha e Francisco Ferreira. Solistas: Manuela Noronha, Raquel Vale, Pe. Manuel de Avila e Arnaldo Correia de Lima.

Alguns números de Ginástica Rítmica foram primorosamente executados por: Antonieta Belo Pamplona, Raquel Campos do Vale, Juvenália de Sousa Martins, Maria Cristina Dias Agostinho, Maria Guilhermina Ramos da Costa, Maria de Fátima Saavedra Bruges, Branca

Pacheco do Canto Brum, Elvira Rosa Pimentel, Maria Luiza Raposo, Conceição Toste, Nelly Brasil e Rafaela Rosa Pimentel.

A fim de gerir os destinos do Orfeon foi constituída a seguinte Comissão: Cristina de Mesquita Borba, Emília de Castro Franco, Dr. Henrique Brás, José Vieira da Costa, Pe. José de Avila, como director musical e Maduro Dias, director artístico.

A 10 de Junho voltam os estudantes do nosso Liceu a pisar o tablado do Teatro Angrense, com uma récita, exibindo-se o Orfeon Académico sob a regência do Pe. José de Avila e a peça em 2 actos «O Morgado de Fafe em Lisboa», original de Camilo Castelo Branco.

A interpretação desta peça esteve a cargo dos seguintes estudantes: Maria Vitorina, Maria Trindade, Nair Azevedo, Paula, Hélio Pinto, Francisco G. V., Afonso Matos, Manuel Pereira, João Paula Romeu Melo, Ernesto Fraga, Rafael Santos, Adalberto e Fernando.

Judith Costa declamou «Romarias da Terceira» de João Ilhéu.

«O Morgado de Fafe em Lisboa» foi ensaiado por Angelo Teixeira e pontou Gilberto Valadão, contando ainda com a colaboração da Orquestra Henrique Vieira.

Logo a seguir, a 14 de Junho, faz a sua estreia a Companhia Adelina - Aura Abranches, que, para além das titulares, tinha a seguinte constituição: Fernanda de Sousa, Luz Veloso, Constança Navarro, Laura Alves, António Sacramento, Seixas Pereira, José Gamboa, Alfredo de Sousa, Fernando Abranches, Rafael Marques, Bettencourt Ataíde, Penha Coutinho, A. de Oliveira, Mário Soares (ponto), Amílcar de Oliveira (contra-regra) e Daniel Garcia (maquinista).

Em Outubro somos visitados por uma embaixada teatral da ilha do Faial, a qual estreia a 5 daquele mês a interessante peça «Alegrias do Lar», magistralmente desempenhada por Maria Bulcão, Maria Leandro, Joaquim Viana, Carlos Ramos, José Lacerda, António Lemos e Manuel de Sousa.

Este Grupo realizou ainda outro espectáculo que teve a enriquecê-lo a interessante comédia em 3 actos «Deus os Fez», original de Constantino Magno do Amaral Júnior e que para além do elenco acima mencionado, contou ainda com a colaboração de Cândido Capaz, António Simões e Alberto B. Sousa.

Completava o programa destes dois espectáculos um interessante e bem delineado Acto de Variedades, sendo intérpretes principais, Maria Leandro, Maria O. Matos, Cândido Capaz e Guilherme e no coros, Maria Bulcão, Maria Augusta, Maria O. Matos, Lídia Ribeiro, Maria Viana, Clotilde Viana, Aurora Leandro, Armando Amaral, Manuel de Sousa, Domingos Campos, Guilherme Roberto, João Ramos, Carlos Ramos e Tíeres de Lemos.

Ainda no mesmo mês um grupo de senhoras da alta sociedade angrense promove um espectáculo a favor do Asilo de Infância Desvalida, o Asilo das Meninas, como era conhecido, abrindo com uma alocução proferida pelo Dr. Joaquim Bartolomeu Flores, seguindo-se o Grupo Coral do Asilo, com Odete da Conceição Esteves como solista, e o Grupo Coral da Escola Dr. Salazar, com arranjos musicais de João Moniz, Henrique Vieira e Alcina Lourenço.

Declamaram poesias de poetas consagrados: Maria do Livramento, Odete Esteves, Ana Esteves, Hermínia Vargas, Clementina Cunha, Maria Luisa Rosa, Maria das Mercês Pereira e Ilda Cunha.

Alice Borba esteve ao piano, Maria João Reis teve a seu cargo o guarda-roupa, Henrique Vieira ensaiou os coros e Angelo Teixeira a declamação.

A 16 de Julho volta à cena a opereta «Água Corrente», desta vez com algumas substituições, contando-se entre os novos intérpretes Antonieta Pinto, Isabel Maria Lourenço Rocha, Florival Sancho, José Braulio Ornelas e Gilberto Jarroca.

A 14 de Agosto exhibe-se a Revista-Fantasia «No País da Graxa», em 2 actos e 12 quadros original do já conhecido revisteiro micalense José Barbosa com música de Evaristo P. de Sousa desempenhada pelo Grupo Teatral do Club Desportivo «Santa Clara».

Esta Revista contou com a interpretação dos amadores: Maria do Carmo M. Marques Alda Ferreira, Noémia Ferreira, Idalina Correia, Gabriela A. Mendonça, Maximiliana Pires Julieta Carreiro, Blandina Carreiro, Leontina da Silva, Maria Teresa Soares, Natália F. da Silva

Alcina Silva, Eduardo Xavier, António Bremont, Norberto Cosmo, J. Waldemiro Silva, José Maiato, José da Silva, Leonel M. Cabral, Manuel Fernandes, Francisco Matos (compère), A. H. Borges, Manuel Cabral (ponto), José Ferreira (caracterizador), Manuel Fernandes (aderecista e contra-regra), Manuel Manteiga, José Serrão e José Vicente (maquinista).

A declamação e a parte musical estiveram a cargo dos respectivos autores, os coros foram ensaiados por Laurindo Carreiro e os bailados por Manuel Joaquim de Matos, sendo os cenários da autoria de Mestre Domingos Rebelo, coadjuvado por José Vieira.

Nos dias 29, 30 e 31 de Outubro e 2 de Novembro, mais uma Revista micaelense se estreia no nosso Teatro, desta vez cabe o seu desempenho ao Grupo Teatral do «Micaelense Foot-Ball Club», chama-se «Ramo de Hortênsias», escrita por Victor Cruz, com música do Maestro Evaristo P. de Sousa.

Contou ainda com a colaboração de Castanheira Lobo (direcção artística), José Bento (estilizações coreográficas), Laurindo Carreiro (coros), Victor Camara, José Vieira e Rogério Machado (cenografia).

Um bom naipe de intérpretes constituído pelos seguinte amadores, enriqueceu esta Revista: Almerinda Macedo, Olga Maria, Maximiliana Pires, Eduarda Maiato, Fernanda de Almeida, Gilda Maria, Maria Margarida, Olguete Maria, Deolinda Barbosa, Zenaide Maria, Fernanda de Sousa, Laudalena Baptista, Maria da Ascensão, Fernanda Maria, Maria Elba Oliveira, Augusto Gomes (compère), Rui Lopes, Gualter Rodrigues, José Maiato, Carlos Maiato, José Moreira, Albano Faria, José Bento, João Valadas, Edgardo Rodrigues, Edmundo Lima (caracterizador), Alvaro Barbosa, (contra-regra), Carlos Perez (ponto) e Eduardo Navarro (maquinista).

A 11 de Maio de 1941 o Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil realiza no palco do Teatro Angrense, uma sessão solene, sendo orador oficial o Dr. Moreira Candelária.

Este espectáculo que teve como objectivo assinalar o 50º aniversário da publicação da Enciclica «Rerum Novarum», foi dedicado ao Exército e Legião Portuguesa, assumindo um cariz patriótico, contou com a colaboração dos Grupos Corais do Liceu Nacional de Angra e Escola Dr. Salazar.

A 16 de Julho de 1942 estreia-se a Companhia de Comédias Brunilde Judice - Alves da Costa em cujo elenco figuravam os artistas: Dinah Stichini, Luz Veloso, Manuela Bonito, Maria Lagoa, Albertina Nunes, Alda Judice, António Sacramento, José Monteiro, Octávio Bramão, João Silva, António Torres (ponto), Joubert de Carvalho (contra-regra) e Hermano Soares (maquinista).

Esta Companhia deu o seu último espectáculo com a peça «Recompensa» de Ramada Curto, a 13 de Agosto.

Em homenagem à Guarnição Militar da Ilha Terceira, realizou-se a 5 de Outubro um Sarau de Gala, com cantos populares terceirenses.

A 25 de Novembro Miguel Forjaz recebe a consagração de uma vida dedicada ao teatro, com uma significativa homenagem prestada pela Sociedade Fanfarra Operária Gago Coutinho e Sacadura Cabral, levando o seu Grupo Dramático ao palco do Teatro Angrense o drama em 4 actos «Gaspar, o Serralheiro».

Foram intérpretes, associando-se assim a tão significativo acto, os amadores: Maria Olívia da Costa, Manuel Moreira dos Santos, Francisco Gonçalves Leonardo, Francisco Pereira Gonçalves, Manuel Maria da Costa, Francisco Monteiro, Arnaldo Lobão, José Moreira dos Santos e cabendo ao homenageado o papel de «Gaspar».

Deram ainda a sua colaboração, Diogo Pereira Forjaz, servindo de ponto, Carlos Silva, fazendo a contra-regra, Angelo Teixeira na caracterização e ainda o grupo de operários amigos do homenageado que constituíram o coro do 2º acto.

A 14 e 21 de Dezembro o Grupo Dramático da Recreio dos Artistas leva à cena no Teatro Angrense o drama em 3 actos, original de Eurico Lisboa (filho) «O Poder de Fátima», cujo desempenho esteve a cargo dos amadores: Maria Eduina, Clotilde Ferreira, Maria Georgina Costa, Elvira Machado, Maria Armanda, Angelo Teixeira (ensaiador), José Cruz, Joaquim Pires Toste (ponto), Manuel Soares de Medeiros (contra-regra) e António Maria de Sousa Rocha (aderecista).



As distintas amadoras Iracema Cota Moniz e Maria Victorino numa cena da peça «Rosas de Todo o Ano»,
levada à cena no Teatro Angrense, em récita realizada em 1939 pelo Liceu de Angra.

Os coros foram dirigidos pelo Pe. José de Avila e a Orquestra Manuel Reis animou o espectáculo executando bonitos trechos durante os intervalos.

Em Janeiro de 1943 volta à cena «O Poder de Fátima».

Em Fevereiro nova reposição da «Água Corrente».

Em Março surge mais uma vez a Mocidade Portuguesa com uma récita que abre com uma alocução proferida pelo Delegado Provincial, o medido escolar, Dr. José Maria Mendes, seguindo-se: apresentação de uma Escola de Ginástica pelo professor de Educação Física, Dr. Amâncio Leal; Orfeon Infantil pelo Grupo Folclórico da Mocidade Portuguesa; «Soldadinhos de Chumbo» por um grupo de Lusitos sob a regência do Pe. José de Avila e a peça em 1 acto, de Diniz da Fonseca, desempenhada pelos filiados Luís Fernando Ourique, Belmiro Martins da Silveira, Ramiro Gaspar de Lima, José Braúlio Ferraz de Ornelas, Manuel Mendes dos Santos, Jácome de Bruges, João Avila de Matos, Paulo Teixeira, Anarolino Fernandes, Edmundo Baptista e Dário Borba.

A 26 de Junho, Aura Abranches - Manuela Bonito, organizam um Sarau de Arte a favor das casas de caridade desta ilha, com a colaboração de elementos militares, destacando-se o Orfeon do Batalhão de Engenharia.

A 13 de Dezembro sobe à cena uma Revista intitulada «Não se sabe nada...», com cenários de Maduro Dias e dedicada ao «Natal do Filho do Soldado».

Em 1945, mais uma vez a Academia angrense surge com um Grupo Dramático, deste vez explorando a modalidade «Revista», levando à cena «Em terras de turismo» da autoria do Dr. Manuel de Sousa Menezes.

A 18 de Maio de 1946 voltam os alunos nosso Liceu com nova revista sendo seus autores os estudantes Pinto Enes e Eduardo Melo, apresentando «E Tudo o Tempo Mudou...».

Esta revista em 2 actos e 3 quadros, contou com a valiosa interpretação de Elsa Mendonça, Alice Borges, Otilia Proença, Lourdes Oliveira, Ivone Amorim, Tomaz Duarte, Ruben Maia, José Braulio, Pinto Enes e Luís Fernando.

Coros: Otilia M. Oliveira, M. Luiza, M. Cardoso, M. Vasconcelos, M. Helena, Eduarda, Elza, Ismaela, L. Avila, Ivone, Alice, M. Cabral, Celeste.

J. Bráulio, Anarolino, Duartino, M. Mendes, J. Amaral, Taveira, Caetano, Bruges, J. Rocha, L. Fernando, Zeca, F. Artur, Walter, Ruben, Giraldes, R. Melo, Candelária, Nelson.

Ensaïaram os coros: Padre José Avila, Alberto Cunha e Henrique Vieira. Os bailados estiveram a cargo de Antonieta Pinto. Pintaram os cenários, Maduro Dias, Januário da Costa e João Esteves. Rui Nunes fez a contra-regra. Ildeberto Gouveia, encarregou-se dos adereços e o Helder Sarmiento pontou.

A Orquestra esteve a cargo do Maestro Alberto Cunha.

A 31 de Maio de 1949, mais uma vez o Liceu de angra volta ao palco do nosso Teatro Angrense, a honrar os pergaminhos teatrais daquele conceituado estabelecimento de ensino.

Do programa constava a peça em 1 Acto intitulada «Filipa de Vilhena» da autoria de Virginia de Faria Gersão, com música do Prof. Manuel Maria de Melo.

O desempenho esteve a cargo dos seguintes estudantes: Elvira Estácio Gaspar (Filipa de Vilhena), José Pinto Resendes (D. Jerónimo da Ataíde), António da F. Carvão (D. Francisco Coutinho), Maria Armanda Sieuve (Doroteia), João M. Rodrigues (Nun'Alvares, em aparição), Maria Alice Kilberg Brasil, Emma M. Hans Walther, Maria H. de F. Armas (Damas), José Gabriel Rocha Alves, José Henrique Castro Franco, Manuel V. Mont'Alverne (Fidalgos), Maria A. de S. Avila, Maria José P. Miguel (Pagens) e José Maria C. Soares (Frade).

Friso: Carmelita G. Nunes, Humberta M. Resendes, Maria Teresa de Jesus Garcia de Ornelas, Isabel Maria da Costa Neto, Maria do Carmo Franco Pato François, Maria T. da Silveira Bretão, Ruth Maria de Oliveira Bettencourt, Maria da Câmara Gomes, Maria Saavedra Flores Bruges, Maria Delminda de S. Belmiro, Maria Grimanese Avila, Maria N. de Azevedo Almeida, Maria Manuela da S. Bretão.

O 2.º Acto foi preenchido com a revista «Coisas do Arco da Velha», um bem conseguido trabalho de Eduardo Melo, com música do Prof. Manuel Maria de Melo.



Miguel Forjaz Coelho Borges, uma vida dedicada ao teatro e que viria a ter a sua consagração a 25 de Novembro de 1942 numa festa de homenagem organizada pela Fanfarra Operária Gago Coutinho Satodura Cabral no Teatro Angrense, onde foi representado o drama «Gaspar, o Serralheiro».



Francisco Gonçalves Leonardo, amador de inegáveis recursos, mercê do qual foram realizados muitos espectáculos teatrais na velha Cerveja da Fanfarra, a contribuírem para um elevado nível artístico do amadorismo teatral do nosso meio.

**Coplas da Revista
em 2 actos:**

"E tudo o tempo mudou..."

de Pinto Enes

e

Eduardo Melo

Coplas da Revista «E Tudo o Tempo Mudou...»

I - ACTO

1946

PRÓLOGO

1.º QUADRO (ALTÔ DAS COVAS)

CORO DE ABERTURA

CORO DOS TURISTAS RABULA DO VELHO DO LICEU

CORO DO VELHO DO LICEU

IMPOSSIVEL

MAMÃ EU QUERO

DAMAS ANTIGAS

2.º QUADRO (PRAÇA VELHA)

CONGA

FOLHAS DE COUVE

CAIXINHAS DO LIXO

BLACK-OUT

RATEIRO

TERCEIRA VAI À FONTE

3.º QUADRO

PRINCESA DAS FLORES

II - ACTO

1980

PRÓLOGO

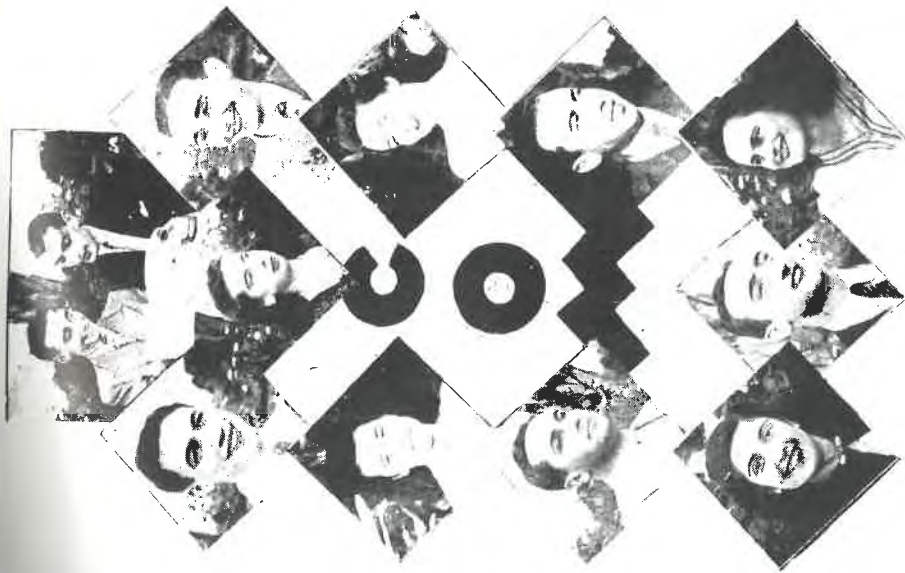
EMISSORA DE RÁDIO - TELEVISÃO

(Musical e coreográfico)

APÓTEOSE FINAL
(MUSICA DE HENRIQUE VIEIRA)

DA AUTORIA

PINTO ENES E EDITARDO MELO



Tomaz Duarte
Elsa Mendonça
Ruben Mata
Alice Borges

Otilia Proença

José Bráulio

Pinto Enes
Lourdes Oliveira
Luiz Fernando
Irene Amorim



Finto Enes, o homem que deixou o seu nome ligado à Rádio da nossa terra, não só como um dos melhores locutores do Rádio Clube de Angra, como ainda ter sido o reactivador da Rádio Lajes.
Autor da Revista Teatral «E Tudo o Tempo Mudou...» de parceria com Eduardo Melo.



Disertoso revisteiro Eduardo Melo autor das revistas teatrais, «E Tudo o Tempo Mudou...» - 1946, representada no Teatro Angélica; «De Vento em pôpa...» - 1952, música de Raúl Coelho e cenários de José Garcia; «Sabe-se lá...» - 1953, música de Raúl Coelho e cenários de José Garcia; «Fatias douradas» - 1959, música de Raúl Coelho, cenários de Maduro Dias, José Garcia e Hildeberto Silva; «Quentes e Boas» - 1986, música de Mário Coelho.

Os quadros, «No Arco da Velha», «Na Praça da Restauração», «Gerberas», «No Alto das Covas», «Amoritas» e ainda uma deslumbrante apoteose final, contribuíram para um triunfante êxito, a reforçar a fama do novel revisteiro.

O desempenho ficou assim distribuído:

1.º COMPÈRE	José Pinto Resendes
2.º COMPÈRE	Ricardo José Cordeiro de Melo
VELHA DO ARCO	Elvira Estácio Gaspar
CAUTELEIRO	Duarte Manuel Rocha Alves
PLANO DA DOCA	António da Fonseca Carvão
HOMEM DOS SORVETES ...	Manuel Juvenal Azevedo
HOMEM DOS IMPOSTOS ...	Manuel Gabriel do Couto Pinheiro
MENINA MODERNA	Maria João Bruges
SUJEITO (LUZ)	António da Fonseca Carvão
POLÍCIA	Manuel Juvenal Azevedo
APANHA RATOS	Manuel Gabriel do Couto Pinheiro
TURISTA	Luís Soares Guiod de Castro
ESTUDANTE	José Gabriel Rocha Alves
MULHER DO MONTE	Filomena de Jesus Fraga
PESCADOR	João Manuel Rodrigues

COROS: Maria Armada Sieuve de Lima, Maria Celeste Pereira Marques, Emma Madalena Hertha Walter, Maria Alice Kilberg Brasil, Maria da Câmara Gomes, Maria Helena Armas, Maria João Fernandes dos Reis, Caomelita Gomes Nunes, Fernanda Aldegundes Teixeira, Liana Maria de Sousa Pimentel, Maria João Flores de Bruges, Maria Saavedra Flores de Bruges, Ligia Maria da Costa Azera, Maria Delminda de Sousa Belmiro, Maria Guilhermina Borla, Maria Grimanesa de Meneses Avila, Maria Leopoldina de Freitas Perry da Câmara, Regina Azevedo Pires Toste, Maria Laura Lobato Fonseca, Isabel Maria da Costa Neto, Maria Teresa da Silveira Bretão, Maria Manuela da Silveira Bretão, José Henrique da Costa Franco, Victor Manuel dos Santos Magalhães, Alveno Soares de Paula Carvalho, José Pedro Belo Soares, Weber Cordeiro de Melo, Luís Soares Guiod de Castro, Rui Manuel Ferraz Ornelas, José Mendonça Castelo Soares, Duarte Manuel da Rocha Alves, Nuno António Pereira da Silva, José Henrique Flores e Ramiro Alves.

Deram a sua valiosa colaboração: Angelo Teixeira (ensaiador), Maduro dias (cenógrafo), Antonieta Pinto (coreografia), Prof. Manuel Maria de Melo (coros), Maria Helena Belo Soares (pianista), António Perry Nava (ponto), Guy Coelho de Serpa Bulcão (adrecista), António Silveira Benincourt (contra-regra) e Luzia Maia (guarda-roupa).

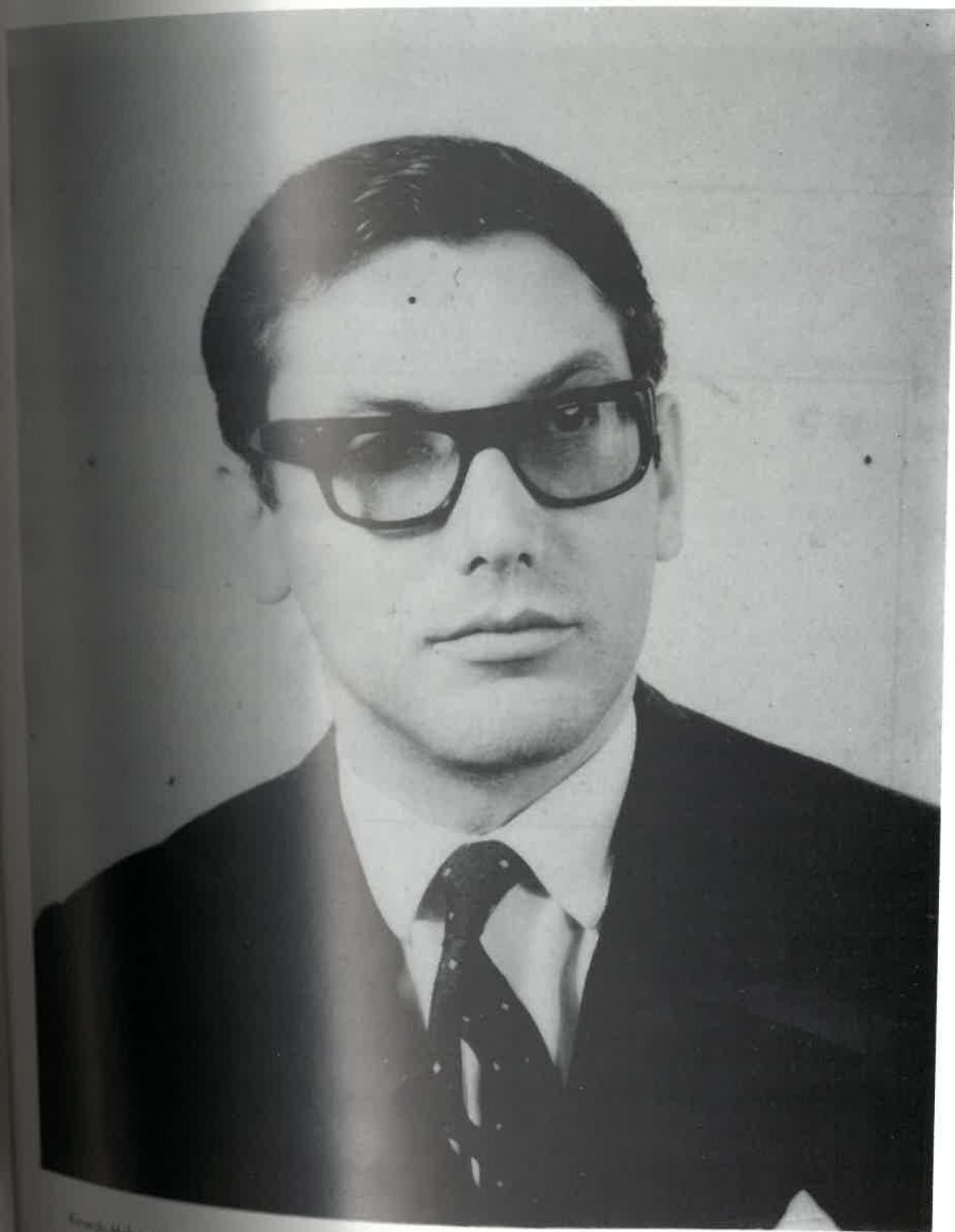
A 29 de Junho de 1952 a Companhia Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro estreiar-se-ia no Teatro Angrense, vindo despertar o meio teatral do marasmo que se havia instalado no espaço de sete anos, sendo constituída por este valioso elenco: Amélia Rey Colaço, Maria Coste Real, Luz Veloso, Beatriz de Almeida, Helena Félix, Gina Santos, Mariana Rey Monteiro, Robles Monteiro, Raúl de Carvalho, Alvaro Benamor, Manuel Correia, António Palma, Paiva Raposo, Henrique Santos, Pedro Lemos, Gabriel Pais, José Cardoso e Augusto de Figueiredo.

Brindou-nos com um seleccionado reportório, exibido nas datas e sequência abaixo mencionadas:

Junho - 29
Junho - 30
Julho - 1
Julho - 2

Nomes das Peças
ROMANCE
UM MARIDO IDEAL
PÉ DE VENTO
OUTONO EM FLOR

Autores
Edoard Sheldon
Oscar Wilde
Irmãos Quintero
Júlio Dantas



Alfredo Melo o talentoso jornalista que revelou, quando ainda estudante, excepcionais dotes histriónicos, ao interpretar com tanta habilidade, o papel de compère da revista «Coisas do Arco da Velha» da autoria de seu irmão Eduardo Melo. ...

"	- 3	Matiné: - TEATRO VICENTINO «Soiré» - ESSA MULHER	Júlio César Viola
"	- 4	O LEQUE DE LADY WINDERMERE	Oscar Wilde
"	- 5	A HERDEIRA	Ruth A. Goetz
"	- 6	TOVARITCH	Jacques Duval
"	- 8	A SOBRINHA DO MARQUÊS	Almeida Garrett
"	- 10	O CARDEAL PRIMAZ	Herald V. Leyden
"	- 12	A HERDEIRA	Ruth A. Goetz
"	- 13	O CASO DO DIA	Ramada Curto
"	- 14	O LEQUE DE LADY WINDERMERE	Oscar Wilde
"	- 15	MONÓLOGO DO VAQUEIRO AUTO DA CANANEIRA AUTO PASTORIL A CEIA DOS CARDEAIS	Gil Vicente " " " " Júlio Dantas
"	- 16	ANTÍGONA	" "

Em Junho de 1953 um agrupamento musical organizado pelo actor Igrejas Caeiro sua mulher Irene Velez, com a denominação artística «Companheiros da Alegria» fez a sua aparição em Angra.

Recheado dos melhores cançonetistas da época «Os Campanheiros da Alegria» incluíam ainda no seu programa concursos, habilitando a valiosos prémios.

Mas a intenção, o objectivo principal, era a realização de um concurso para o apuramento de um cançonetista por cada distrito, dos vinte e dois de Portugal Continental, Madeira e Açores, para culminar com o apuramento do finalista.

E foi assim que em Julho do mesmo ano se veio a realizar em Vila do Conde o apuramento final, sendo o primeiro lugar arrancado pelo concorrente desta ilha, João Correia Fernandes - o João Fernandes - que mais tarde viria a adoptar o nome artístico de «Guy Fernandes».

Para se avaliar da transcendência deste feito, teremos que ter em conta que no período de 1 de Julho de 1952 a 25 de Julho de 1953, foram ouvidos cerca de 3.000 concorrentes do continente e ilhas adjacentes.

João Fernandes que foi considerado pela crítica como um cançonetista com futuro, recebendo de Tomaz Alcaide os mais rasgados elogios, acabou por desistir, renunciando a um futuro promissor, para jamais deixar a sua terra - a ilha Terceira.

Em Setembro de 1953 chega até nós a Companhia Vasco Santana, dando o seu primeiro espectáculo a 9 com a hilariante comédia «O Costa d'Africa», original dos dramaturgos italianos Dicente (pai) e Dicente (filho), seguindo-se «Sua Excelência O Bêbé» de Carlos Llopis e o «Homem da Massa» de Franz Arnold e Ernest Bach.

Para além do titular compunham o elenco: Hortense Luz, Maria Helena, Pepita d'Abreu, Maria Schulze, Branca Saldanha, Maria Alberta, Ribeirinho, Costinha, Henrique Santana, Luís Campos e Holbeche Bastos.

A 8 de Março de 1955 o inolvidável artista João Villaret, presenteou-nos com «Esta Noite Choveu Prata», original do brasileiro Pedro Bloch, interpretam com mestria, três personagens completamente diferentes, Francisco Rodrigues (comerciante português), Pietro Bonardi (músico italiano) e Camilo (grande artista brasileiro).

Deu outro espectáculo no dia 9, enriquecido pelo extraordinário número que foi «O Fado Falado».

Em Junho de 1958 com o patrocínio da Comissão das Festas da Cidade e a colaboração da Mocidade Portuguesa, realizou-se um sensacional Serão Cultural no Teatro Angrense, constando de duas partes.

TEATRO ANGRENSE

EM VESPERAS DUM GRANDE
ACONTECIMENTO TEATRAL!

COMPANHIA

Rey Colaço - Robles Monteiro

DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II

ESTREIA, *DOMINGO*, 29 DE JUNHO DE 1952, ÀS 21 H.

A MARAVILHOSA PEÇA

ROMANCE

Peça em 1 Prologo, 3 actos e Epilogo

Original de EDOARD SHELDON, tradução de GEORGE LESLEY

DISTRIBUIÇÃO

DE ROCHARD...	Robles Monteiro	HARRY.....	Gabriel Pais
TOM ARMSTRONG	Alvaro Benamor	RITA CAVALLINI.	Amélia Rey Colaço
PHILIPS	Manuel Correia	VANNUCI	Maria Corte Real
ADOLFO	António Palma	MISS KETTY....	Luz Veloso
DE VIRIEU	Paiva Raposo	MISS BESSIE... .	Beatriz de Almeida
CORNELIUS	Henrique Santos	MARY	Helena Félix
JEFFRIES	Pedro Lemos	M. FROLINGTON.	Luz Veloso
WILLIAM	Gabriel Pais	MISS STANLEY ..	Maria Corte Real
JOHN	José Cardoso	SUSY	Gina Santos
GROOM	Gabriel Pais		
CRIAÇÃO.....	José Cardoso		

Um Luxuoso Guarda-Roupa

Cenários Lindíssimos

Preços — Incluindo todos os impostos — Frisas a 85\$00 — Camarotes de 1.ª ordem a 100\$00 e 85\$00 — Tribuna a 140\$00 — Camarotes de 2.ª ordem a 75\$00 e 60\$00 — Torrinhãs a 30\$00 e 25\$00 — Balcão a 30\$00 — Orquestra a 30\$00 e 25\$00 Cadeira a 20\$00 — Plateia a 15\$00 Superior a 12\$50 Geral 1.ª fila a 7\$50 — 2.ª fila a 6\$50 — Galeria a 5\$00 — Galeria (criança) a 3\$00

ATENÇÃO — Os bilhetes marcados, incluindo os permanentes, só serão respeitados até às 16 horas do dia do espectáculo

Tip. Andrade — 400 ex.
28-6-52

Programa da peça ROMANCE, original de Edoard Sheldon com que a Companhia Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro se estreiou no Teatro Angrense a 29 Junho de 1952.

Teatro Angrense

HOJE, QUINTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1952

A's 21 horas

Despedida da Companhia

AMÉLIA REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO

Com a peça em 5 actos do Dr. Júlio Dantas

ANTÍGONA

com MARIANA REY MONTEIRO

Distribuição

ANTIGONA	Mariana Rey Monteiro
EURIDICE	Amélia Rey Colaço
ISMÉNIA	Helena Félix
CRÉONTE	Raul de Carvalho
HEMON	Alvaro Benamor
TIRESIAS	Robles Monteiro
ASTACO	Pedro Lemos
ENÓPIDES	Manuel Correia
PROCEU	Paiva Raposo
EGEON	Augusto Figueiredo
1.º SENADOR	António Palma
2.º SENADOR	Henrique Santos
3.º SENADOR	José Cardoso
4.º SENADOR	Gabriel Pais

Formidável Conjunto

Luxuosa Montagem

Preços — Incluindo todos os impostos — Frisas a 85\$00 — Camarotes de 1.ª ordem a 100\$00, 2.ª a 85\$00 — Tribuna a 140\$00 — Camarotes de 2.ª ordem a 75\$00 e 60\$00 — Torrinhãs a 20\$00 e 25\$00 — Balcão a 30\$00 — Orquestra a 30\$00 e 25\$00 — Cadeira a 20\$00 — Plateia a 15\$00 — Balcão a 12\$50 Geral 1.ª fila a 7\$50 — 2.ª fila a 6\$50 — Galeria a 5\$00 — Galeria (criança) a 3\$00

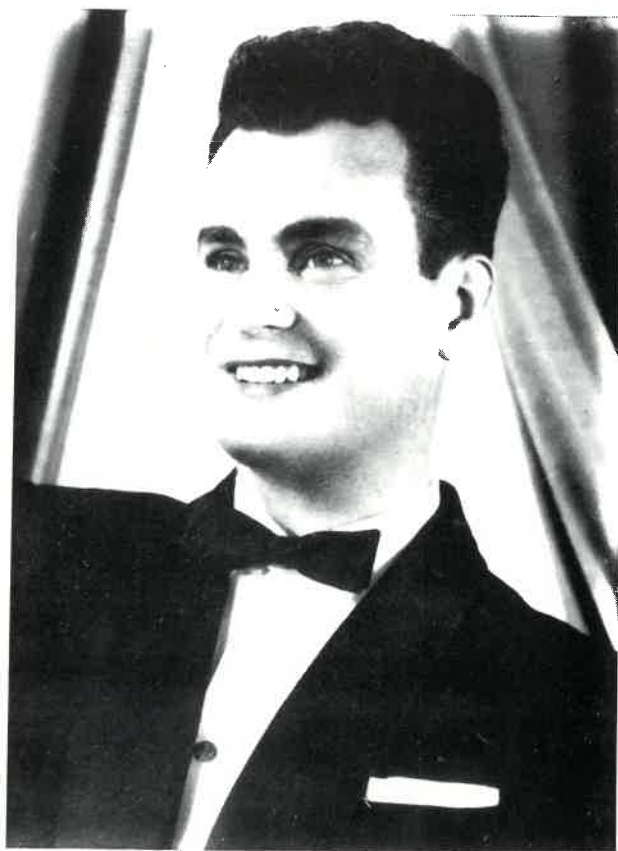
ATENÇÃO — Os bilhetes marcados, incluindo os permanentes, só serão respeitados até às 16 horas do dia do espectáculo

Tip. Andrade — 400 ex. — 14 7-952

Programa da Tragedia «Antígona», original de Júlio Dantas com que a Companhia Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro se despediu do público angrense a 16 de Julho de 1952, depois de uma actuação triunfal.



JOÃO FERNANDES, actuando no Concurso dos «Companheiros da Alegria», no espectáculo realizado no Teatro Angrense.



JOÃO FERNANDES, na época em que alcançou o 1.º Prémio do Concurso organizado pelos «Companheiros da Alegria».

A primeira parte foi preenchida pela actuação da Orquestra Filarmónica da Angra, da Academia Musical, que, sob a regência de Raul Coelho, executou o seguinte repertório:

- | | |
|--|--------------|
| 1 - Leichte Kavallerie Ouverture | F. Suppé |
| 2 - La Verbena de La Paloma (Seleção). | Tomás Breton |
| 3 - Sinfonia da Ópera Joana D'Arc | Verdi |
| 4 - Ilha dos Amores (Rapsódia) | Raul Coelho |
| 5 - Cavaleiros do Rei - M. Concerto. | Piedade Vaz |

Foram executantes: António Correia Alves (Flauta), João Ferreira dos Santos (Oboé), Manuel Perdição e João Machado da Rocha (Clarinetes), Franklin Bettencourt e Eusébio Ramos (Trompete), Diamantino A. Borges e Luís Bárbara (Trompas), António Coelho (Sax-tenor), Manuel Coelho (Trombone), José Morais (Tuba), Fernando Soares (Tímpanos), Miss Jean Woods, Manuel Reis, Manuel Arraial, Alvaro Carreiro, Laurentino dos Santos, Manuel Silveira, Odimiro Pimentel, Humberto Bettencourt e Alberto Azevedo (Violinos), César Flores (Viola), Luís Soares e Mário Coelho (Violoncelos), S/Sgt. Francis B. Cummings, Francisco Rosa e Durval Pereira (Baixos), D. Maria Mourato (Piano) e Rev. Pe. Jaime Silveira (Harmonium).

A segunda parte obedeceu ao seguinte detalhe: «Viagem Breve a Um Reino Desconhecido» (Fantasia), «Províncias de Portugal» (Quadro) e «Era Uma Vez... Um Dragão» (Farsa).

Foram intérpretes: Isaura Pires da Silva, Maria de Fátima Coelho, Virginia Pereira, Celestino Sousa da Silva, Celestino Mendonça Avelar, Mário Freitas e Vitor Lima.

Colaboraram nos quadros: Maria de Jesus Remédio, Maria Angra Leite, Romana Maria, Marilva, Maria João Rego, Maria João Santos, Maria de Fátima Magalhães, Maria Raquel Serra, Maria da Graça Cunha, Maria Filomena Cunha, Maria Cristina Dutra, Maria Margarida Sousa, Maria de Fátima Cunha, Odete Belém, Guida Reis, Maria Luisa Pato e Teresa Agostinho.

Teatro Angrense

COMPANHIA DE COMÉDIAS



Vasco Santana

PREÇOS: Frisas 125\$00 — Camarotes de 1.^a ordem 140\$00, 125\$00 e 100\$00 — Camarotes de 2.^a ordem — 90\$00, 75\$00 e 60\$00 — Torrinhhas 30\$00 e 25\$00 — Balcões 30\$00 — Cadeiras de Orquestra — 30\$00 e 27\$50 — Cadeiras 25\$00 — Plateias 20\$00 — Superiores 15\$00
Gerais: 1.^a fila, 8\$00; 2.^a fila, 7\$50 — Galerias, 6\$00.

Incluindo Impostos, Adicionais e a Taxa de Socorro Social.

TIP. ANDRADE - 1.000 EX. - 7-8-953

Programa da Companhia de Comédias Vasco Santana que nos visitou
em Setembro de 1953, realizando espectáculos nos dias 9, 10 e 11.

Ensaio de Angelo Teixeira e Augusto Gomes. Cenários do Padre João Baptista, Rogério Silva e Gabriel de Melo.

Ponto, Henrique Jorge Benarús. Contra-regra e aderecista, Fernando Jorge Cota. Acordeonista, Mário Coelho.

Em comemoração do centenário Garretero, realizou-se no Teatro Angrense a 30 de Novembro de 1954, um espectáculo de gala, no qual fez a sua apresentação a Orquestra Filarmónica de Angra, executando o seguinte repertório.

I - Le Kalif de Bagdad - Ouverture de A. Boieldieu

II - In a Chinese Temple-Garden - Fantasia Oriental

III - Russian Sailors' Dance, de Reinhold Glière

IV - A Lira - Canção Popular Terceirense, em Fantasia de Raúl Coelho

V - Legend, de Merle J. Issac

A parte recitativa esteve a cargo de Maria do Céu Pereira, Maria Teresa Duarte Silva, Margarida Arminda Borba, Maria Arminda Sieuve de Lima, Maria do Carmo Franco Pato François e José Henrique de Castro Franco.

Idealização, realização e montagem de Maduro Dias, Amílcar Goulart, João Afonso e José Henrique de Castro Franco.



Maria Arminda Sieuve de Lima



Margarida Arminda Borba



Cena da Parte Recitativa.



José Henrique Franco.

TEATRO ANGRENSE

EMPRESÁRIO MARCELO PAMPLONA

DOIS GRANDIOSOS ESPECTÁCULOS

Terça-feira, 8 de Março de 1955

em Soirée às 21 horas

ESPECTÁCULO PARA
ADULTOS

Primeira e única representação da peça em 3 actos, original de

PEDRO BLOCH

ESTA NOITE CHOVEU PRATA

COM

JOÃO VILLARET

na interpretação de três personagens

FRANCISCO RODRIGUES. (Comerciante português)

PIETRO BONARDI. (Músico italiano)

CAMILO (Grande actor brasileiro)

(ACÇÃO — numa cidade do interior do Brasil)



QUARTA-FEIRA, 9 de Março de 1955

em Soirée às 21 horas

ESPECTÁCULO SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL (Para indivíduos com mais de 13 anos)

ÚNICO RECITAL DE POESIA
DE

JOÃO VILLARET

Os poemas de maior êxito do seu repertório

Extra programa a mais célebre criação de JOÃO VILLARET no teatro ligeiro

O FADO FALADO



PREÇOS incluindo Impostos, Adicionais e a taxa de Socorro Social:

Fileiras a 150\$00 — Camarotes de 1.^a ordem a 150\$00, 140\$00 e 100\$00 — Camarotes de 2.^a ordem a 90\$00, 75\$00 e 90\$00 — Torrinhas a 30\$00 — Balcão a 30\$00 — Cadeiras de Orquestra a 30\$00 — Cadeiras a 25\$00 — Plateias a 20\$00 — Superiores a 15\$00 — Geral 1.^a fila a 8\$00 — Galerias a 6\$00

União Gráfica Angrense — 5-3-955 — 500 ex.

Programa da peça «Esta Noite Choveu Prata», original do dramaturgo brasileiro
Pedro Bloch, levada à cena no Teatro Angrense, nos dias 8 e 9 de Março de 1955,
pelo talentoso e inesquecível artista João Villaret.

Em Abril de 1955 a Tuna Académica da Universidade de Coimbra numa digressão pela Madeira e Açores apresentou-se no palco do Teatro Angrense com a seguinte composição: Doutor Walter Kenneth Witcomb (Professor Universitário), Dr. Francisco Assis Faria (licenciado em Direito), Dr. Tomás de Oliveira e Silva (licenciado em Direito), Dr. Mário Angelo Moreno Simão Taborda (licenciado em Medicina), Dr. António Carlos Pitarma Sabino (licenciado em Medicina), João Maria Oliveira Horta (Ciências), Francisco Sampaio da Nóvoa (Medicina), Manuel dos Reis Horta (Medicina), Higinio Duarte Casquilho de Paiva Faria (Medicina), Dário Bettencourt Oliveira Cruz (Medicina), Orlando Torres de Sousa Branca (Ciências), António Simão Toscano (Direito), Manuel Baptista Fernandes de Melo (Direito), Pedro Benito Rodrigues Garcia (Direito), Armando Pimentel Pires Peito (Direito), Hugo Herculano Moreno Simão Taborda (Direito), Joaquim Zarco da Câmara Bicudo e Castro (Farmácia), Levy Casimiro Baptista (Direito), Mário Levy da Rocha Cupido (Direito), José Maria de Sousa Rafael Feytor Pinto (Direito), Arnaldo Caldas Pereira (Direito), Manuel Lousã Henriques (Medicina), Júlio Pedro Ribeiro (Letras), Manuel Sampaio da Nóvoa (Direito), Manuel José de Almeida Guerra (Ciências), Horácio da Mota Leitão (Ciências Pedagógicas), Ulisses de Carvalho Jesus (Ciências Pedagógicas), José Henriques Rodrigues Dias (Letras).

Encorporaram esta embaixada como convidados: Doutor Adriano Lourenço de Faria, assistente da Faculdade de Ciências; Karin von Richthofen, Melitta Stoecker e Marion Ehrhardt, bolsistas da Universidade de Heidelberg, Dr. Franz M. Keil, bolsista da Universidade de Koln.

A 3 de Junho de 1959, sobe à cena no Teatro Angrense outra opereta de Frederico Lopes Jr. (João Ilhéu) denominada «Glória ao Divino».

Tal como em «Água Corrente», «João Ilhéu» inspirou-se num tema regional, desta vez, explorou as festividades em honra ao Divino Espírito Santo, culto tão arraigado nesta ilha Terceira de Nosso Senhor Jesus Cristo.

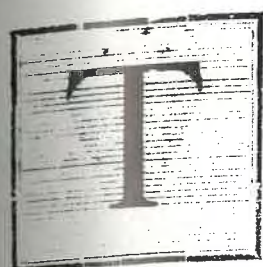
A história é simples, como simples é o nosso povo, gira à volta de um casal de luso-brasileiros de visita à sua ilha, acabando por enredar-se nos amores da filha com um rapaz da terra.

O rapaz finge gostar da brasileira, simplesmente para levar os pais a custearem as despesas com a festa.

O principal papel, «Ti Candido», esteve a cargo de Augusto Gomes, que foi também quem «João Ilhéu» escolheu para ensaiar, sendo os restantes papéis desempenhados por: Henriqueta Perdigão (Rosa), Nivéria Barcelos (Zéquinha), Liliana Lisboa (D. Ambrosina), Isabel Maria Rocha (Tia Ana dos Bois), Lusa Gomes (Uma rapariga), Gaspar Carvalho (Chico Pimpão), Luís Eduardo (Tomás Chorumbela), Mário Freitas (Sô Manduca), José Germano (Jacinto), Celestino Silva (Mestre João), Fernando Maciel (Pregoeiro) e Amílcar Maciel (Garoto).

Coros: Maria de Fátima S. Machado, Maria da Graça T. Gomes, Lúcia Maria S. Machado, Maria Emília Santos, Maria Lusa T. Gomes, Maria Berta Claro T. M. Nogueira, Maria Luísa Machado, Lúcia Margarida F. Machado, Maria Alice da Costa Silveira, Maria da Conceição da Silva Machado, Rosa Eduarda C. Maciel, Leodina da C. Silveira, Luís Joaquim Pires Belém, Manuel Paim Lima Coelho, Jorge Manuel C. Ornelas, António Gabriel S. Coelho, Henrique Jorge Soares, Eduardo Jacinto da Câmara Soares.

Musica e orquestrou, Raul Coelho; coreografou Francisca Bettencourt (Maria do Céu); cenografia, Mestre Maduro Dias; pontou, Joaquim Pires Toste; contraregrou, Leopoldino Toste; caracterizou, Gabriel Melo; aderecista, Narciso L. da Costa; electricidade e rádio, Fausto Toste; montagem de som, Rádio Club de Angra.



TUNA

ACADÉMICA

DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



VIAGEM À MADEIRA E AÇORES

1954 • 1955

Programa da TUNA ACADÉMICA da Universidade de Coimbra.

Junho

festas da

CIDADE DE ANGRA DO HEROISMO



Serão Cultural no

Teatro Angrense

Empresário Marcelo Pamplona

1958

Programa do Serão Cultural realizado no Teatro Angrense em Junho de 1958,
patrocinado pela Comissão das Festas da Cidade e com a colaboração da Mo-
cidade Portuguesa e Academia Musical.



Raul Coelho da Silva, maestro e inspirado compositor, autor de muitas partituras para revistas teatrais e da música da opereta «Glória ao Divino»



AUGUSTO GOMES, ensaiador e intérprete do papel «Ti Candido» da opereta «Glória ao Divino», original de Frederico Lopes (João Ilhéu) e desempenhou o papel de «Frei João da Ribeira» no Auto «Ao mar...» do Rev. Coelho de Sousa, aquando do Centenário Heriquino.

Foi autor das revistas teatrais «Alagado Pingando», «Faz-me Côcegas», «Talvez te enganes», «Em Mangas de Camisa» e da opereta «Amor Campestre»; além de ensaiador no Liceu Nacional, Escola Comercial, Seminário Diocesano e muitas sociedades recreativas.

Teatro Angrense

Empresário
MARCELO PAMPLONA

Quarta-feira, 3 de Junho de 1959
AS 21,15 H. PARA 12 ANOS

2.^a Representação da

Opereta Regional

em 3 actos

Glória ao Divino

Original de:

João Ilheu

Música de:

Raul Coelho

Cenários próprios sob «maquettes» de

Maduro Dias

Executados por José Garcia

Sob o patrocínio da:

Academia Musical

Com a colaboração da:

Orquestra Filarmónica de Angra



No Largo da Igreja, cena da opereta «Glória ao Divino».



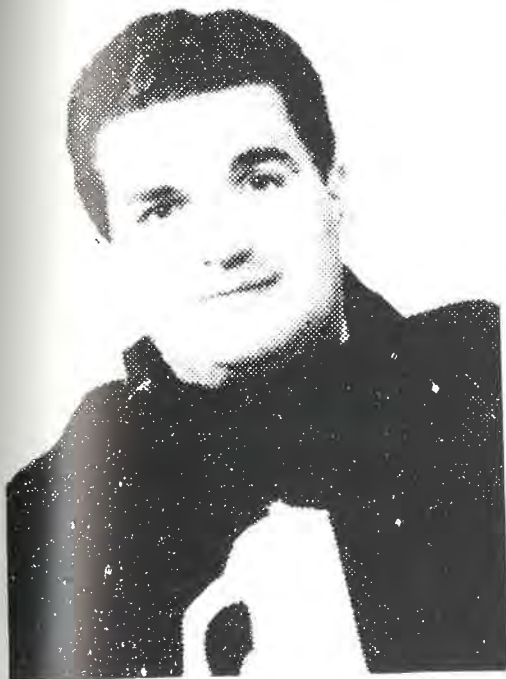
O regresso da ceifa, outra cena da opereta «Glória ao Divino».



Mestre Francisco Maduro Dias, pintor, desenhador, dramaturgo, escritor, etnógrafo e poeta, que esteve presente em todas as manifestações culturais do seu tempo.



Maria Letícia Mourato, distinta pianista que durante várias épocas deu valioso contributo a muitas actividades culturais ocorridas no Teatro Angrense.



José Pedro Belo Soares, Presidente do O. A. C.
em 1960 e presentemente Catedrático
na Universidade de Coimbra.



José Ferreira Toste, 1.º Tesoureiro do O. A. C.
em 1960, actualmente Tenente-Coronel
Médico na situação de Reserva.

Em Abril de 1960 as *capas negras* da vetusta, saudosa e erudita Coimbra vêm até nós com o Orfeon Académico, trazer-nos uma mensagem artística da velha Universidade de D. Dinis, aureolada da irreverência intelectual de uma juventude folgazã, tal como a cantou Afonso Lopes Vieira: «Tem a alma luminosa e pura de uma espada/ E na boca o sorriso e a voz dos trovadores...».

Este Orfeon era regido pelo micalense Dr. Manuel Raposo Marques e tinha na sua Direcção dois terceirenses, José Pedro Belo Soares, presentemente Catedrático na Universidade de Coimbra e José Ferreira Toste, Tenente-coronel médico na situação de reserva.

O Orfeon que realizou uma récita de gala no Teatro Angrense a 22, compunha-se de 81 elementos, assim distribuídos: 1.º Tenores, 23; 2.º Tenores, 18; Barítonos, 18 e Baixos, 22.

Para além do Orfeon veio também uma Orquestra Ligeira, assim constituída:

Caixeiro	Bateria
Requixa	Piano
Ignoto	Guitarra electrica
Pires Cabral	Vocalista
Sá Pereira	Acordeão

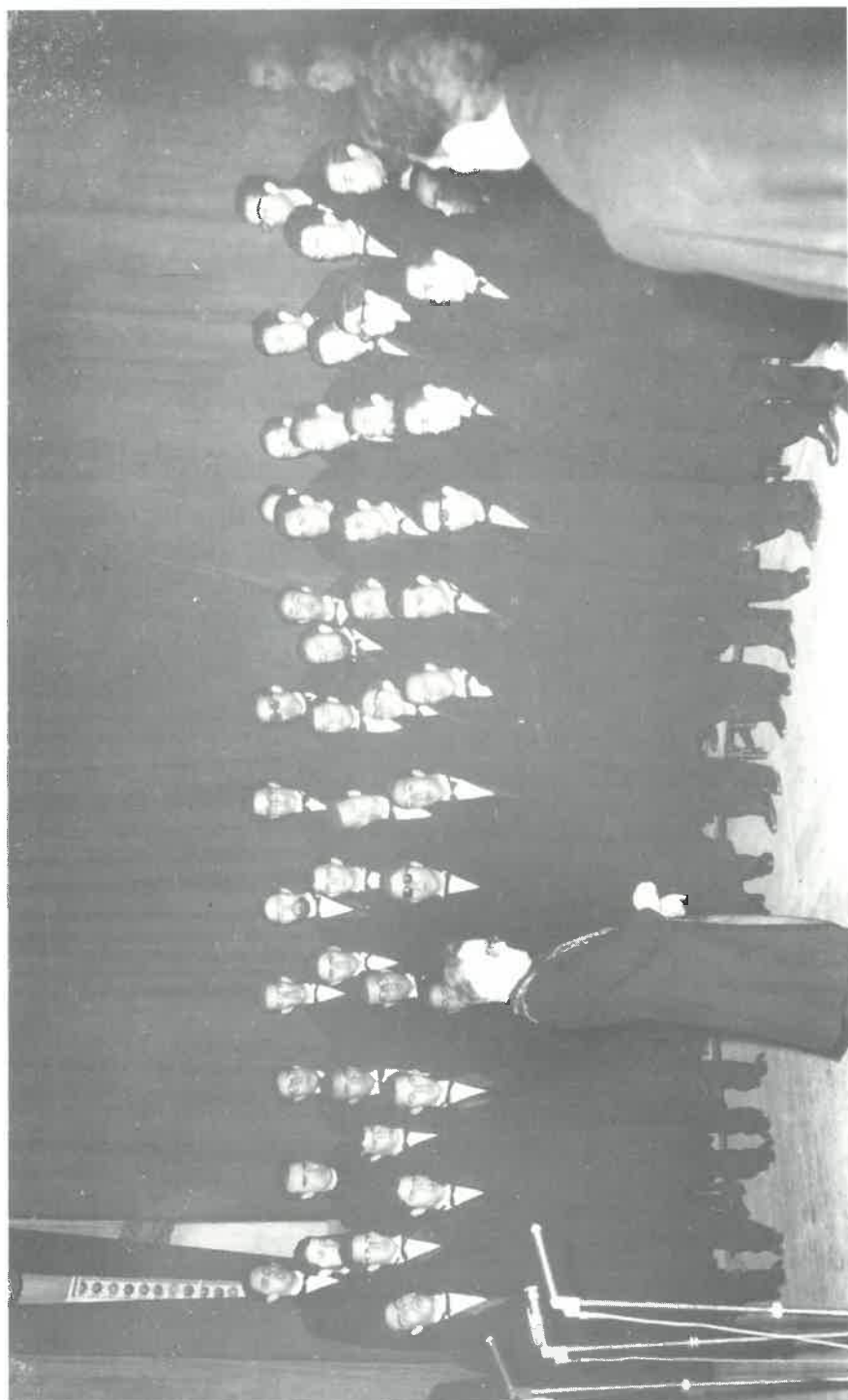
Possuía ainda um Grupo de Fados, do qual faziam parte os seguintes tocadores:

Jorge Godinho	Guitarra
António Nazareth	Guitarra
Durval Moreirinhas	Viola

Acompanhou esta embaixada em representação do Vice-Reitor em exercício, o Doutor Francisco Manuel Santos de Ibérico Nogueira, Professor de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina e como convidado de honra do Orfeon Académico de Coimbra o Eng.º Horácio de Moura, ilustre Governador Civil de Coimbra.



Dr. Manuel Raposo Marques, regente e Director Artístico do Orfeon Académico de Coimbra, aquando da sua digressão pelos arquipélagos da Madeira e Açores em 1960



O Orfeão Académico de Coimbra actuando no palco do Teatro Angrense.

Em Junho de 1960 comemorou-se condignamente nesta ilha o V centenário da morte do glorioso Infante D. Henrique, integrando-se no programa das comemorações um espectáculo de gala, realizado no Teatro Angrense a 20 do referido mês.

O programa obedeceu ao seguinte detalhe:

I PARTE

Apresentação Manuela Machado Cota

Saudação a Angra (Poema) Virginia Pereira

AO MAR!... Auto heroico e apoteótico de inspiração henriquina simbólica.

As primeiras cenas evocavam as horas solenes da partida gloriosa para o Mar, sob o olhar estimulante da Pátria eterna. E as demais cenas fixavam a luta do Bem e do Mal - Anjo e Demo - travada pela posse do Mar-Oceano.

II PARTE

Poema - Maria Manuela Serpa B. Silva

Orquestra Filarmónica de Angra, sob a regência de Raul Coelho

Quo Vadis - Ouverture - A. Scassola

O Galeão (poema) de Maria do Céu, declamado por Luís Filipe

Orquestra Filarmónica de Angra, sob a regência de Raul Coelho

No País místico do Egipto - Alberto W. Ketèlbey

Portugal de Sempre (Poema) de João Ilhéu, declamado por Virginia Pereira

Orquestra Filarmónica de Angra, sob a regência de Raul Coelho

Carmen de Bizet - Selecção de Raul Coelho

O Auto AO MAR!... foi encenado pelo seu autor Rev. Coelho de Sousa, pontado por Joaquim da Silva Pires Toste e a regulação do som a cargo de Francisco Rosa.

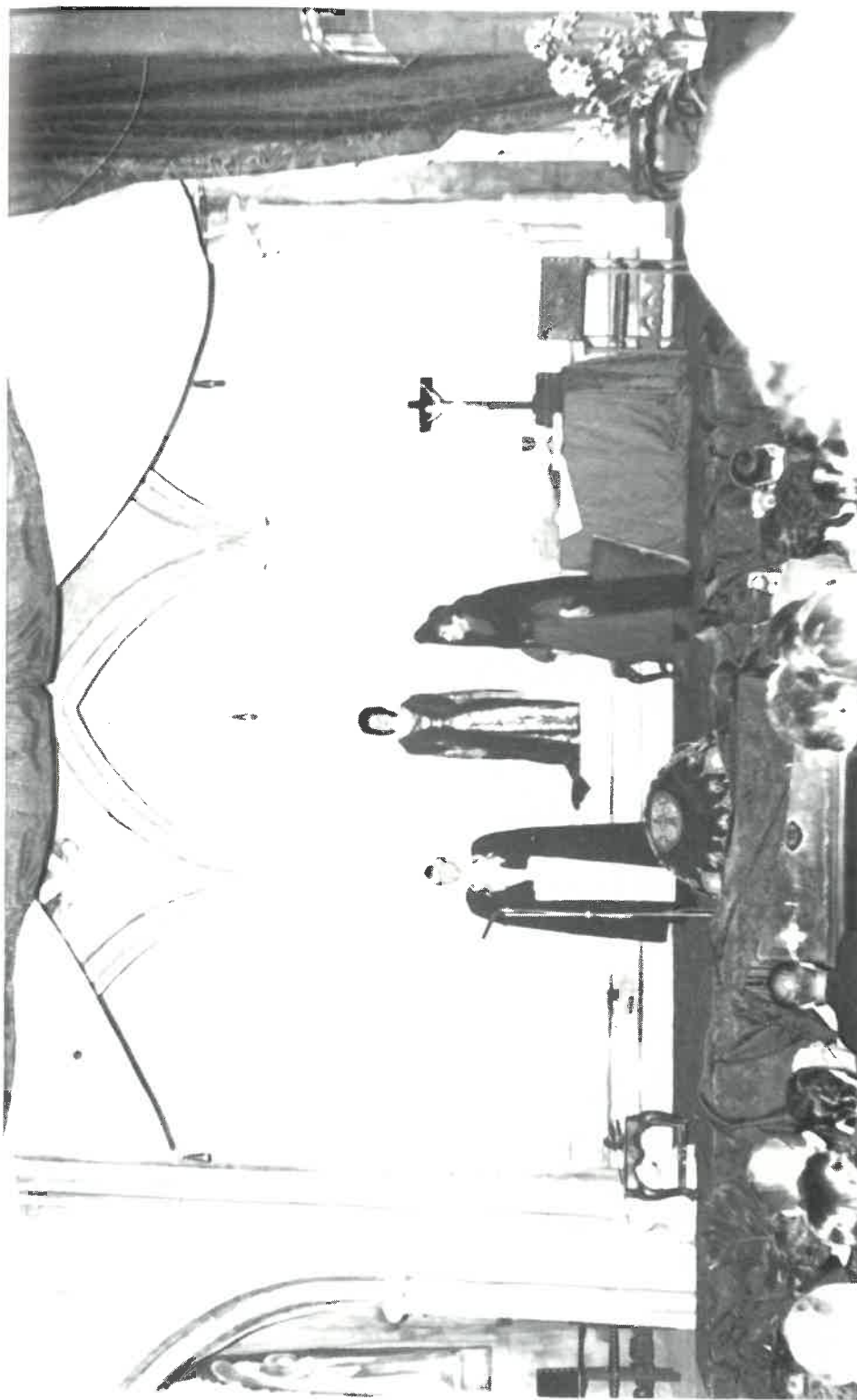
Foram intérpretes: Iracema Cota (Pátria), Luís Eduardo (Infante), Augusto Gomes (Frei João da Ribeira), João Machado (Anjo de Portugal), Durvalino Sarmento (Demo do Mar), Manuel Borges (Nobre Senhor), Mário Feitas (Serrano), Luís Filipe (Pagem-Arauto), ILHAS: Santa Maria, Raquel Freitas; S. Miguel, Maria Luisa Costa; Terceira, Maria Zita Teixeira Gomes; S. Jorge, Deodete Maria Alves Leal; Pico, Maria Teresa Franco Pato François; Faial, Maria Lusa Teixeira Gomes; Graciosa, Maria Isabel Figueiredo Gouveia; Flores, Maria Manuel S. Bettencourt; Corvo, Maria Margarida da Silva Ramalho.



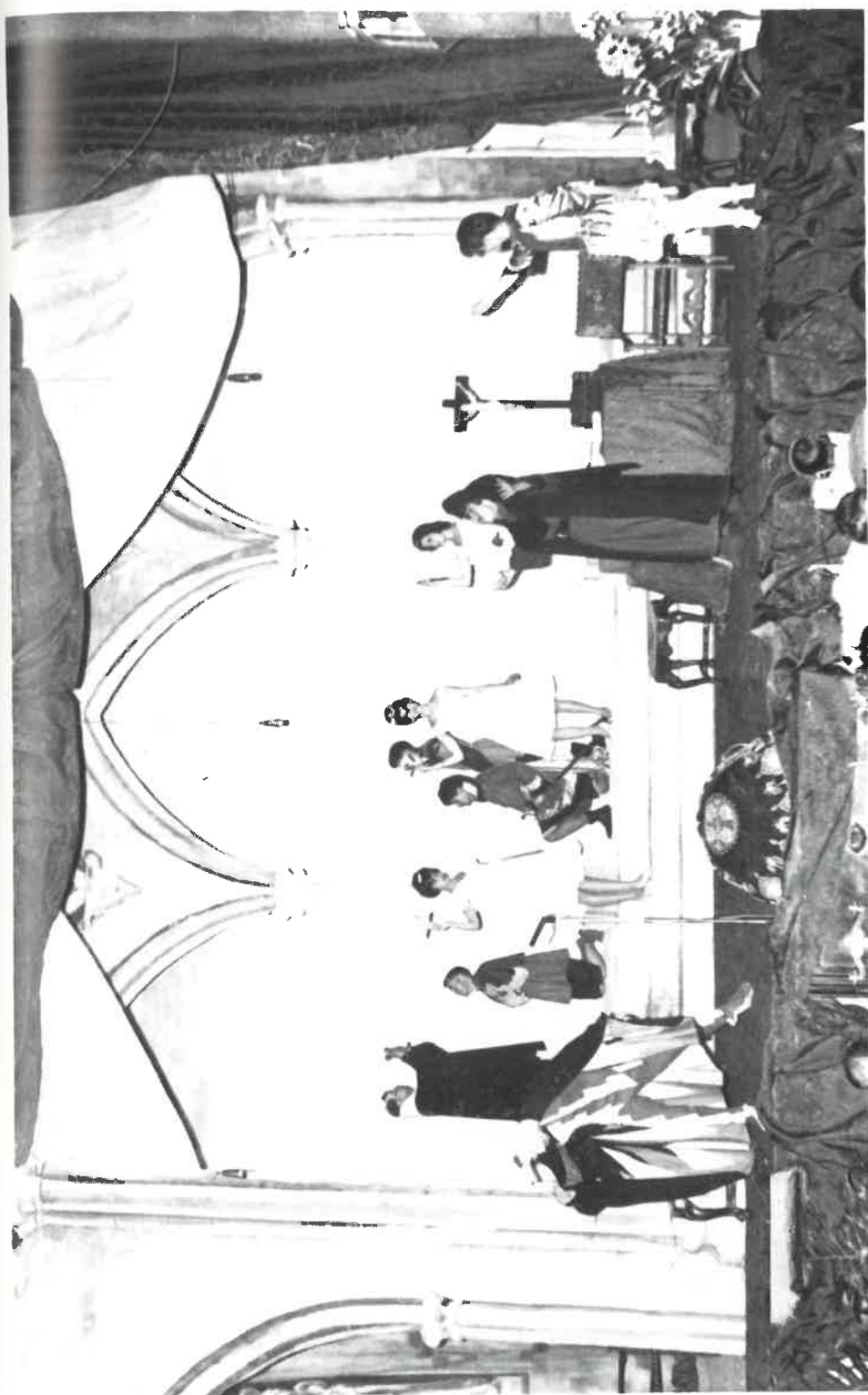
Rev' Coelho de Sousa, poeta, escritor, jornalista, pedagogo e dramaturgo, para além de alguns livros de poesia já publicados e duma vasta obra dispersa por jornais revistas, é autor das seguintes obras teatrais: Auto «Ao mar...», representado no Teatro Angrense, no Centenário Henriquino; «Angústia» (apologístico drama em 2 actos); «Promessa» (teatro regional) 4 actos; «Intriga Azul e Branca» (teatro crítico) 3 actos.



IRACEMA COTA, mulher bela e culta que deixou o seu nome ligado a diversas manifestações culturais da nossa terra, nomeadamente no campo do amadorismo teatral, onde se revelou desde as recitas liceais, uma invulgar actriz



Cena do Auto «Ao mar...» vendo-se em destaque: Iracema Cota (Pátria),
Luís Eduardo (Infante D. Henrique) e Augusto Gomes (Frei João da Ribeira).



Outra cena do Auto «Ao mar...».

A 9 de Outubro de 1961 realiza-se no Teatro Angrense um recital de canto com a actuação da Professora de Canto «Renate Von Schenckendorff» que frequentou a Academia de Hannover (Alemanha), onde concluiu com distinção o Curso de Canto.

Frequentou também a escola de ópera de Dresden, onde se diplomou como cantora de ópera. Em face de tais qualificações seria convidada para reger a cadeira de canto da Academia de Hannover.

Cantou nas óperas de Dermold, Gottigen e Munster e também se fez ouvir nos festivais de Wagner e de Handel respectivamente sob a regência de Elmandorf e de Fritz Lehmann.

E seria fastidioso enumerar todos os concertos realizados por esta consagrada cantora.

À data deste concerto leccionava canto na Academia de Música e Belas Artes da Academia da Madeira.

Este recital organizado pela Academia Musical da Ilha Terceira, teve o patrocínio da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e contou com a colaboração da Orquestra Filarmónica de Angra, sob a regência de Raul Coelho, tinha a seguinte constituição:

António Coelho	Flauta
João Ferreira dos Santos	Oboé
Manuel Perdigão Urbano Azevedo	Clarinetes
Franklin da Cunha Bettencourt	Trompetes
Eusébio da Cunha Ramos	
Diamantino Alberto Borges	Trompas
António de Medeiros Festa	
Dimas de Sousa Matos	Saxofones
Durval Augusto Pereira	
António Coelho da Silva	Trombone
José Moniz	Tuba
Mariano Correia de Lima	Tímpanos
Manuel Arraial Manuel Inácio Silveira Luís Soares Oldemiro Pimentel	Violinos
Ezequiel Mendes Bettencourt Tertuliano Vargas Humberto Bettencourt Alberto Azevedo	
Henrique Borba	Viola
Mário Coelho	Contrabaixos
Francisco Rosa	
D. Maria Cristina de Mesquita	Piano
D. Cecília Maria Coelho	Harmónica



RECITAL DE CANTO
DE RENATE VON SCHENCKENDORFF

COM A COLABORAÇÃO DA
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE ANGRA

Promovido pela
ACADEMIA MUSICAL DA ILHA TERCEIRA

Com o patrocínio da
CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

A REALIZAR NO TEATRO ANGRENSE,
A 9 DE OUTUBRO DE 1961, PELAS 21 HORAS

Programa do Recital de Canto de «Renate Von Schenckendorff».

No primeiro foi representado o drama em 3 actos «O Jogador», um original de Ugo Betti, com encenação do Dr. José L. Louro e Mestre Maduro Dias.

Ennio.....	Luís Louro
Ermete.....	Adolfo Lima
Iva.....	Lucília Kilberg
Alma.....	Margarida Sousa
Piera.....	Maria Luísa Parreira
Comissário Pinci.....	Weber Melo
Funcionário, criado e polícia.....	Fernando Maciel

O segundo serão, para além de uma palestra proferida pelo Eng' João Miguel dos Santos Simões, representante da Fundação Calouste Gulbenkian, contou com a colaboração do Orfeão do Seminário Maior e da Orquestra Filarmónica de Angra, sob a direcção dos Maestros: Rev. Dr. Edmundo Machado e Raul Coelho.

FIDALGO	Manuel Ilidio Mendes
TOLO	Avelino Toste
DIABO	Zeca Barbereia
ANJO	Lucilia Kilberg Vasconcelos

A 27 de Dezembro de 1976 apresentava-se, no Teatro Angrense, pela primeira vez, o Alpendre-grupo de teatro. «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) foi o texto escolhido por um grupo de pessoas que, desde Setembro do mesmo ano, prepararam este espectáculo recorrendo, apenas, à sua vontade e ao seu próprio e escasso dinheiro. E nem por sombras, nessa já longínqua noite de Dezembro/76, passou pela cabeça a qualquer elemento do grupo que, no ciclo de espectáculos para a reabertura do Teatro Angrense (1993/94), o Alpendre ainda existisse, com dezassete anos feitos de ininterrupta actividade.

Quem for capaz de rememorar o tempo decorrido, revendo todos os sobressaltos que ocorreram ao longo destes dezassete anos, verá que o Mundo, o País, a Região, a Terceira e Angra foram como que revestidos por uma espécie de diáfana obesidade que a tudo e todos enformou ou deformou. Quedemo-nos pela Terceira e Angra - 1976/1998: a evolução sócio-política que se foi sentindo, o desconcerto violento do sismo de Janeiro/80, a esperança e o desespero da reconstrução, o pacato sossego da ilha, o boom da palavra Cultura, a vaga da CEE, o genocídio de Timor, as raivas de África, o dismantelar da Europa de Leste, o Alpendre.

Fazendo por flutuar acima da mediana local, o Alpendre foi construindo os seus anos com generosidade própria de quem sabe que, em Teatro, nunca nada se sabe e que servir (o Teatro é a comunidade) não é só um gesto lírico. É sobretudo, o prazer lúdico de activar a coragem.

II Semana de Estudos Açorianos

TEATRO

ANGRENSE (Empresário Marcelo Pamplona)

Programa do espectáculo promovido pelo Instituto Açoriano de Cultura e integrado na II Semana de Estudos, realizado a 5 de Abril de 1963 no Teatro Angrense.

Foi assim com a quase meia centena de textos encenados e recitais de poesia e com participações especiais nas celebrações dos centenários de Herculano, da Batalha da Salga, da cidade de Angra; em factos tão relevantes como: Presidência Aberta, Semana de Estudos sobre a Problemática da Reconstrução, dupla presença no FITEI (Porto) e outra em Lisboa e ainda na América e no Canadá em palcos de universidades por ocasião de acontecimentos verdadeiramente significativos como o Simposium de Literatura Açoriana - Brown University e SMU.

Houve sempre uma preocupação na escolha dos textos, tendo em consideração a tentativa de apanhar o «comboio» do Teatro e o público a que se destinavam e destinam. Na já significativa lista de peças que o Alpendre representou, houve as que foram conseguidas e as menos ou mesmo nada conseguidas. Porém, bem mais foram os êxitos. De todas as encenações realizadas se tiraram ilações e com todas se aprendeu.

Os autores têm estado presentes, de forma regular, no Alpendre, ao lado de tantos outros de diversas nacionalidades. E tem-se procurado diversificar, optando-se, alternadamente, por clássicos e modernos. Gil Vicente, António José da Silva, Molière, Brecht, Garret e Anuóilh são nomes que dignificam o curriculum de qualquer grupo.

Apesar de se ter apresentado, pela primeira vez, em Dezembro/76, o Alpendre só em 1979 se transformou em sociedade por quotas em escritura de 31 de Outubro.

A 25 de Junho de 1985, o Governo Regional dos Açores concedeu ao Alpendre o estatuto de instituição pública.

Até ao presente, o Alpendre realizou cerca de meio milhar de espectáculos para uma plateia estimada em mais de 140.00 pessoas.

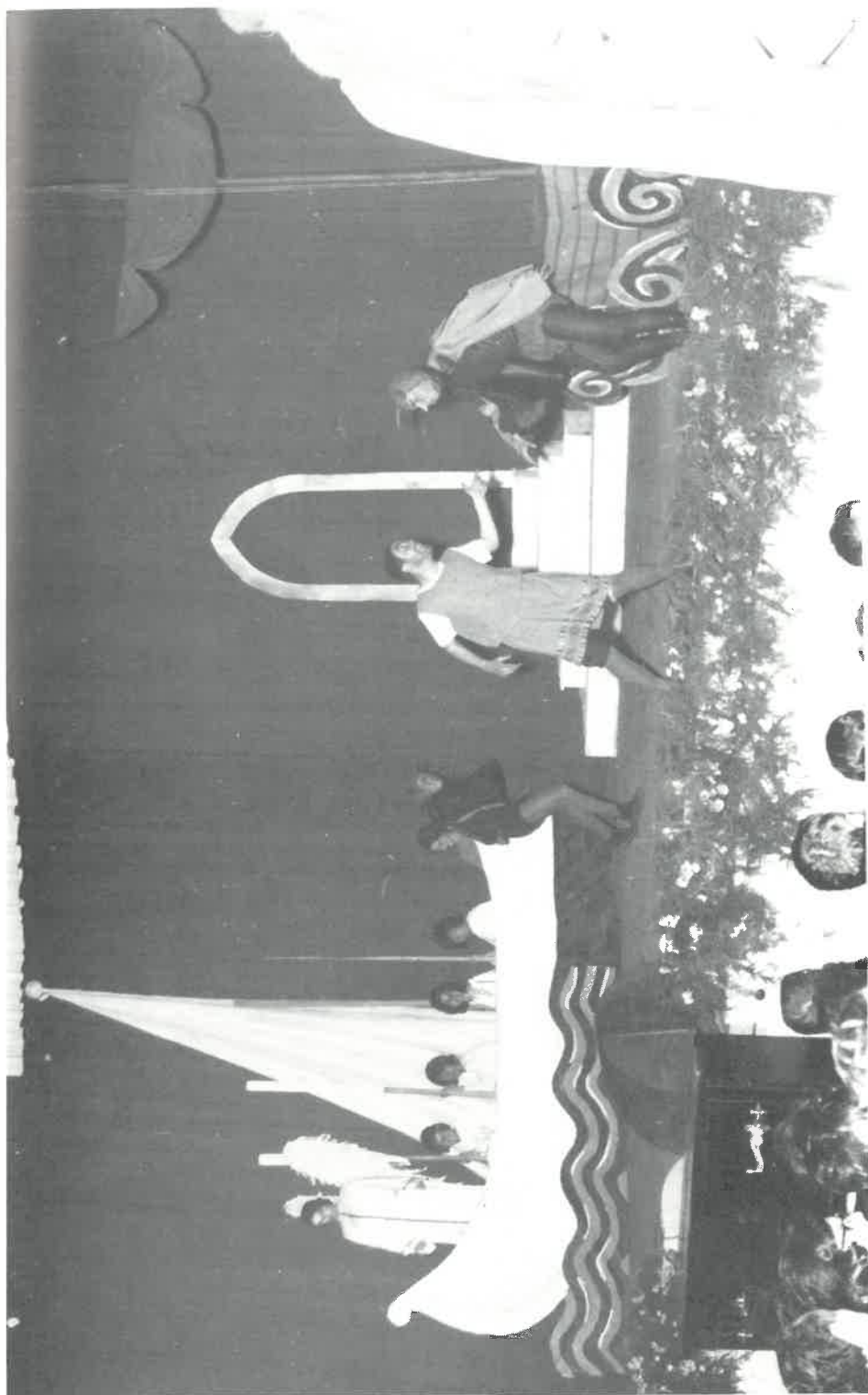
As peças encenadas pelo Alpendre de 1976 e 1993, foram: GUERRAS DO ALECRIME MANJERONA - António José da Silva, MANUEL, SEIS VEZES PENSEI EM TI, - Álamo Oliveira, NA MÃO DE DEUS - Recital de Poesia, A 10ª TURISTA, - Mendes de Carvalho, O LOBO DO VALE - Colagem de textos de Alexandre Herculano, AMAR SÓ POR AMAR, - Recital de Poesia, O SANTO MILAGROSO - Lauro César Muniz, ANTÍGONA - Jeal Anuóilh, O AUTO DA JUSTIÇA, - Francisco Ventura, PÊSSEGOS EM CALDA - Miguel Mihur, UM DIA DE VIDA - Costa Ferreira, O DIA SEGUINTE - Luiz Francisco Rebello, UMA HORTÊNCIA PARA BRIANDA - Álamo Oliveira, MISSA TERRA LAVRADA - Álamo Oliveira, NÃO PERECERÁS, Ó DESTRUÍDA - Recital e Poesia, A ILHA E O HOMEM - Recital de Poesia, QUANDO O MAR GALGOU A TERRA - Armando Côrtes-Rodrigues, NÃO SE PAGA, NÃO SE PAGA - Dario Do, O CIRCO FANTASIA OU O PALHAÇO TEIMOSO - Gualberto Gonçalves Silva, QUEM QUER COMPRAR ESTE POVO - Andrés Lizarraga, A CANTORA CARECA - Ionesco, SABEIS QUEM É ESTE JOÃO? - Álamo Oliveira, GENTE DAS BARCAS - Gil Vicente, FREI LUÍS DE SOUSA NINGUÉM - Almeida Garret, MORGADO DE FAFE EM LISBOA - Camilo Castelo Branco, D. QUIXOTE - António José da Silva/Norberto Ávila, AMOR MALDITO/BENDITO AMOR - Recital de Poesia, O GATO - Henrique Santana, AS SABICHONAS - Molière, UMA HORTÊNCIA PARA BRIANDA - Álamo Oliveira, VIAGEM A DAMASCO - Norberto Ávila, AUTO DA ALMA - Gil Vicente, AGORA E PARA SEMPRE AÇORES - Recital de Poesia, A CANTORA CARECA - Ionesco, JANGADA - Romeu Correia, ANTERO, ÀS VEZES REINALGUMA ILHA - Recital de Poesia, A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS - José Saramago, AS ESPINGARDAS DA MÃE CARRAR - Bertold Brecht, A ILHA MAIOR/ALMEIDA FIRMINO - Recital de Poesia, A CEIA DOS CARDEAIS - Júlio Dantas.



Na peça O JOGADOR, Luiza Parreira contracena com Lucília Kilberg de Vasconcelos.



Uma cena da peça O JOGADOR, vendo-se em primeiro plano Adolfo Lima, sentado, Dr. Luís Louro e à porta, Lucília Kilberg de Vasconcelos.



Cena do «Auto da Barca»



O LOBO DO VALE

HERCULANO. CENTENÁRIO. AÇORES

1978

ANGRA DO HEROÍSMO

Programa da peça «O Lobo do Vale», levada à cena no Teatro Angrense pelo «Alpendre» em 1978, em comemoração do Centenário de Alexandre Herculano.

Alpendre

grupo de teatro



AS SABICHONAS

molière

«As Sabichonas», peça de Molière, encenada pelo «Alpendre» e representada no Teatro Angrense.



Álvaro Oliveira, escritor, poeta, dramaturgo e encenador, co-fundador do grupo de teatro «Alpendre» e autor dos seguintes textos: «Um Quixote» - 1974, «Morte ou Vida do Poeta» - 1974, «Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti» - 1977, «Uma Hortênsia para Brianda» - 1981, «Sabeis Quem é Este João?» - 1984, «Missa Terra Lavrada» - 1984.



Pormenor cénico da peça ANTÍGONA, levada à cena no Teatro Angrense pelo «Alpendre» com encenação de Álvaro de Oliveira.



MISSA TERRA LAVRADA, original e encenação de Álamo de Oliveira.



FREI LUÍS DE SOUSA, o clássico do teatro português da autoria de Almeida Garrett, com encenação de Álamo de Oliveira.

Nos últimos anos, surgiu-nos, talvez, pela primeira vez, uma atriz semi-profissional, a marcar, com uma certa insistência, relevante presença no panorama teatral do nosso meio.

Refiro-me a Eduarda Reis, uma versátil atriz, que, ainda muito nova, deu os primeiros passos no Grupo Coral da Sé, ingressando depois no «Alpendre» do qual foi co-fundadora e onde criou as inesquecíveis figuras: *Sevandilha* / Guerras do Alecrim e Manjerona; *Teresinha* / O Santo Milagroso; *Maria Afonso* / O Auto de Justiça; *Madalena* / Missa Terra Lavrada; *Maria Parda* / Gente das Barcas; *Bombeiro* / A Cantora Careca.

Numa ânsia de ampliar os seus conhecimentos, participou em muitas acções de formação profissional, promovidas por entidades ligadas à cultura, tendo o ensejo de trabalhar com: José Saloio, Leandro do Vale, Álamo de Oliveira, Ruy de Matos, etc.

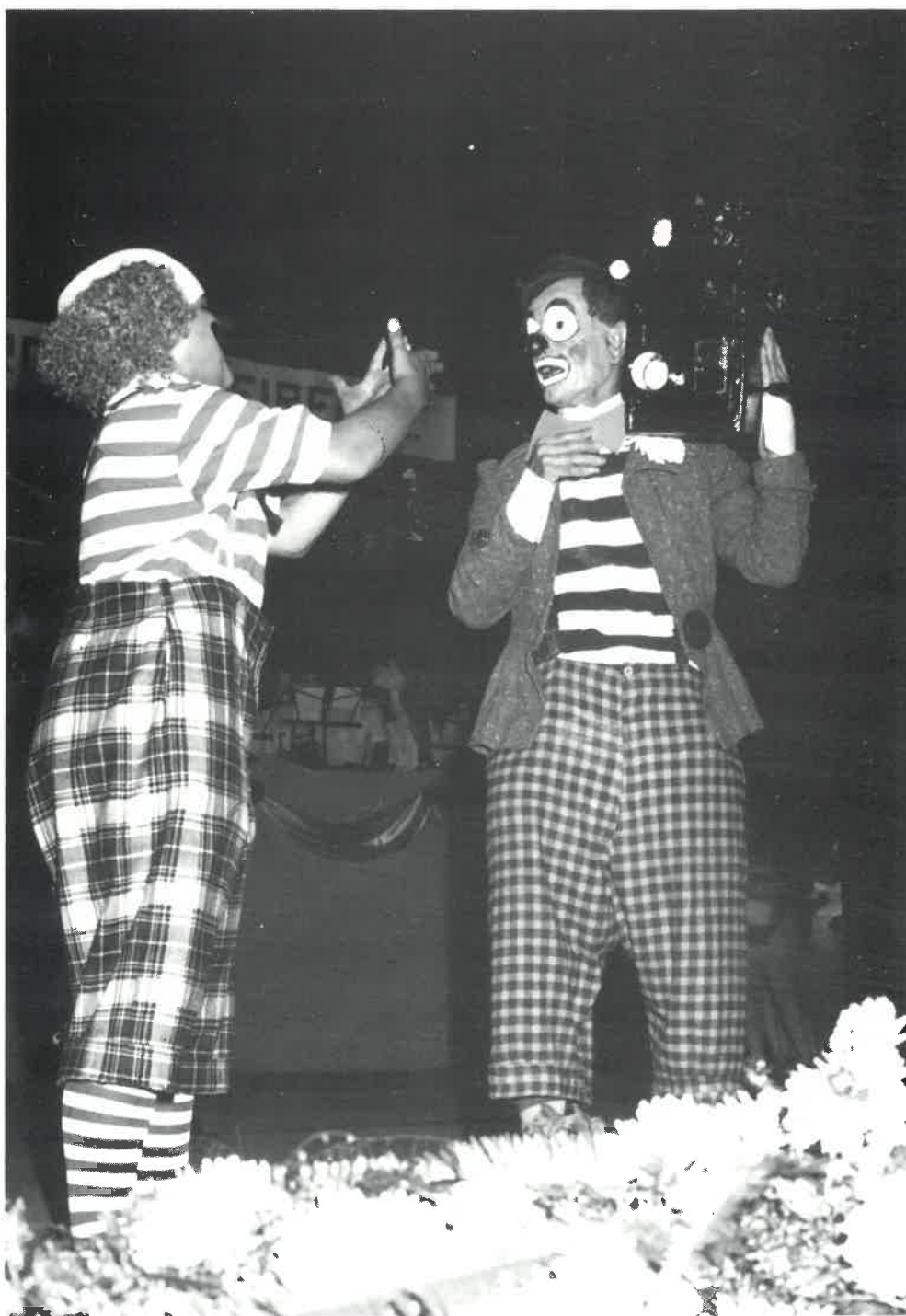
Merecendo-lhe especial atenção o Teatro Infantil, realizou nos últimos tempos vários espectáculos, onde pôs à prova as suas qualidades, quer como autora, encenadora e atriz, criando, com rara felicidade, o palhaço «Pintarolas».



Eduarda Reis numa cena da peça «O Gato», original de Henrique Santana.



A talentosa atriz Eduarda Reis.



Eduarda Reis, transfigurada no palhaço «Pintarolas», actuando numa festa infantil realizada no Teatro Angrense, tendo como parceiro o artista circense, Elvino Vieira, o palhaço «Bayard».

BALLET NO TEATRO ANGRENSE

Em 1967, numa iniciativa de professora americana Marlin Dubrik, surge no firmamento artístico da nossa ilha uma escola que se intitularia «Escola de Ballet Terceirense», mais tarde orientada por Antonieta Costa.

Esta escola fez a sua aparição em público com o bailado «Dança das Flores», interpretada por Maria Auta Barros, Madalena Avila, Manuela Areia, Manuela Brasil, Ana Maria Parreira, Helena Costa e Silva, Maria Jesus Toste e Helena Azevedo.

Em 1969, já sob a direcção de Antonieta Costa, seria encenada a fantasia «Alice no País das Maravilhas».

Em 1970 foram coreografados os bailados «A Gata Borralheira» e a «Dança das Cigarras».

Em 1974 a «Escola de Ballet Terceirense» promove no Teatro Angrense um espectáculo a favor da Liga Contra o Cancro, deliniado em três partes.

A primeira parte constava dos bailados: *dominós, pierrots, valsa, diabinhos e domingo em Nova York*.

Os bailados «dominós» e «pierrots», foram interpretados por: Margarida Couto, Emília Paes, Alexandra Manuela, M. José Lourenço, Teresa Borba, Luísa Brás, Cristina Fernandes, Natal Ramalho, Patrícia Santos, Gilberta Sousa, Fernanda Lemos, Madalena Montalverne, Rosa Bettencourt, Alexandra Simões, Paula Lima, Paula Aguiar, Inês Lemos, Luisa Mendonça e Luisa Lourenço.

Os restantes bailados estiveram a cargo de jovens americanas do Destacamento aquartelado na Base das Lajes.

A segunda parte foi preenchida com os bailados «lixo», «estrelas» e «diagonais», com bases musicais de Milford Graves, A. Lewin Richrei e Deek Purple, sendo intérpretes: Manuela Flores, Luisa Monjardino, Ana M. Rosa, Eduarda Rosa, Orlanda Avila, Beatriz Flores, Filomena

Mendonça, Suzana Avila, Isabel Toste, Manuela Martins, Isabel Leiria, Helena Martins, Luz Monjardino, Adriana Ourique, Rosa Oliveira, Conceição Costa, Maximina Barcelos, Palmira Fernandes e Teresa Lima.

A 30 de Novembro de 1972 estreia-se no Teatro Angrense o Grupo de Teatro Dançado «Espetrus», com o seguinte programa:

I Parte

PALAVRAS DE ÁRVORE (Poema de Álamô Oliveira e música de Maurice Ohana)

<i>Personagens</i>	<i>Intérpretes</i>
Voz da Árvore.	Zita Lima
Passaros.	Helena Azevedo e Péricles Ortins
Aranha.	Manuela Flores, Rosa Oliveira, Rui Natal e Hélio Machado
Sol.	Manuela Flores, Rosa Oliveira, Helena Azevedo, Péricles Ortins, Rui Natal e Hélio Machado

II Parte

MEUS AMIGOS

Interpretação a cargo de Helena Azevedo, Leonardo Melo, Margarida Pedro, João Carlos Pais, Luisa Monjardino, Duarte Nuno, Helena Martins, José Leite, Rosa Oliveira, Guilherme Simões, Conceição Costa, João Maria Leite, Isabel Leonardo e Álamô Oliveira.

III Parte

A BARCA DE NOÉ

<i>Personagens</i>	<i>Intérpretes</i>
Voz.	Leonardo Melo
Noé.	João Maria Leite
Multidão.	Todo o grupo

Este espectáculo foi patrocinado pela Academia Musical da Ilha Terceira, a Luminotécnica esteve a cargo de Joaquim Ponte, João Paulo Valadão e Rui Costa, os efeitos sonoros foram da responsabilidade de Eduardo Brito e Rui Natal Costa, a maquilhagem de Eduarda Rosa e Cristina Botelho, sendo as gravações efectuadas nos estúdios do Rádio Clube de Angra.

A 11 de Setembro de 1973 o Grupo «Espetrus» leva à cena «Um Quixote», um texto de Álamô de Oliveira, coreografado por Antonieta Costa e com fundos musicais de Jorge Peixinho, Morton Subotnick e Gyorgy Ligeti.

As interpretações e respectivas vozes, ficaram assim distribuídas:

QUIXOTE: - JOSÉ LEITE - Voz: - ANTÓNIO LUCIANO
 SANCHÔ PANÇA: - JOÃO LIMA - Voz: - BARTOLOMEU

TABERNEIRO: - JOÃO LEITE - Voz: - JOÃO ARLINDO
DULCINEIA: - MANUELA FLORES - Voz: - CECÍLIA COUTO
NARRADOR: - Voz: - ÁLAMO OLIVEIRA

COROS: Eduarda Rosa, Iracema Moniz, Luisa Brasil, Zita Lima, Carlos Soares, Eduardo Jorge e João Maria Brum.

EM CENA: Ana Maria Rosa, Jorge Bendito, Carlos Nunes, Conceição Costa, Eduarda Rosa, Helena Martins, Isabel Leonardo, Isabel Toste, Margarida Moniz, Paula Costa, Paulo Rosa, Péricles Ortins, Rui Brasil, Rosa Oliveira e Susana Avila.

Luminotécnica e cenários de: Péricles Ortins e João Leite.

Controladores e colaboradores: Jorge Bendito, Carlos Nunes, João Valadão, Joaquim Ponte e Tiago Costa.

Técnico de som: Luís Cordeiro.

Maquilhagem: Cristina Santos e Eduarda Rosa

Na temporada de 1975 o Grupo de Teatro Dançado «Espetrus», mais uma vez encena uma peça coreografada por Antonieta Rosa.

Trata-se de um texto de ÁlamO Oliveira, intitulado «Morte ou Vida» e no qual o autor faz a apologia da Arte, não pela Arte, mas pelo Homem.

A interpretação ficou assim distribuída:

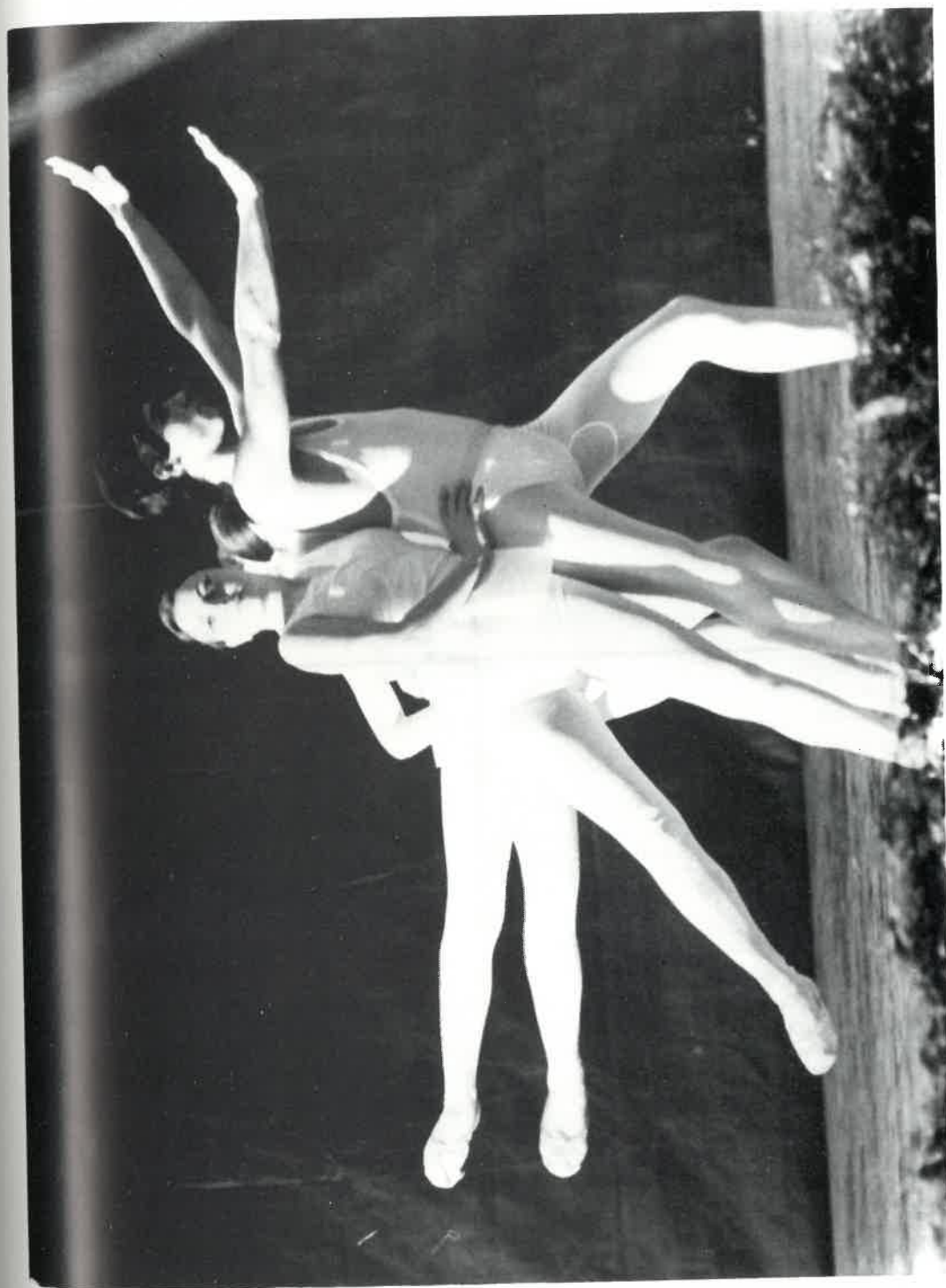
Narradora	Zita Lima
Poeta.	Paulo Augusto Costa
Pierrot	António Lopes
Columbina.	Isabel Trindade
1º Palhaço	Cristina Pereira
2º Palhaço	Francisco Lopes
3º Palhaço	Artur Lima
Eva	Teresa Lima
Abel	José Climaco
Caím.	Rui Nunes
Babel	Adriana Ourique
1º Senhor	Paulo Mendonça
2º Senhor	Fausto Cristovam
3º Senhor	Paulo Costa
4º Senhor	Guilherme Brasil
5º Senhor	João Leite
Povo	Conceição Costa, Evelina Teles, Fátima Fraga, Graça Toste, Helena Martins, Isabel Toste, Manuela Flores, Manuela Martins, Orlanda Ávila e Rosa Oliveira.



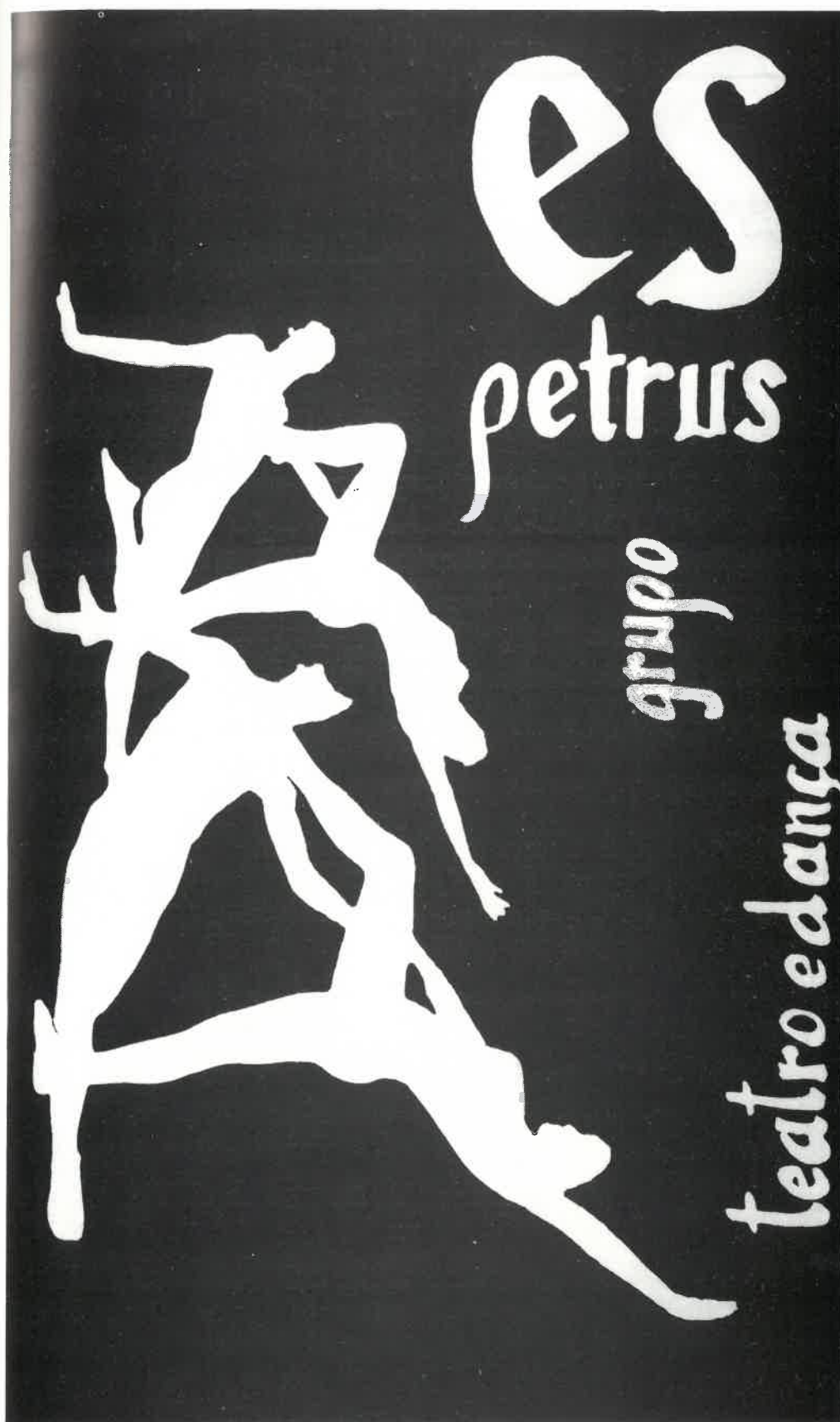
Dança das Flores.



Manuela Brás no bailado «Alice no País das Maravilhas».



Cena do bailado «Palavras de Árvores».



Programa do Grupo de Teatro Dançado «Espetruș».

NO ESPAÇO DE VINTE E QUATRO ANOS
O TEATRO ANGRENSE
CONHECE MAIS DOIS PROPRIETÁRIOS

A AQUISIÇÃO DO TEATRO ANGRENSE PELO EMPRESÁRIO MARCELO PAMPLONA

Por volta de 1961, o Empresário Marcelo Pamplona, ao tempo a explorar o Teatro Angrense, resolve concretizar um velho sonho - adquirir o Teatro Angrense - começando por comprar todas as acções, até se tornar o seu legítimo proprietário, conforme reza a escritura, que se transcreve: «Certifico que por escritura de hoje, exarada de folhas noventa e cinco a noventa e sete, do livro número oitenta e oito C. de notas para escrituras diversas, do primeiro cartório desta secretaria, a cargo do notário e Director, Dr. João Rodrigues Júnior, foi outorgada pelos respectivos liquidatários, ALBERTO AUGUSTO FERREIRA, casado, comerciante, ADALBERTO GASPAR DA COSTA, casado, guarda-livros bancário, «INSULA DIVINA - Sociedade Terceirense de Turismo, Limitada», representada pelo sócio e gerente MARCELO BORGES PAMPLONA, casado, empresário de espectáculos públicos, todos moradores nesta cidade, a DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE PROPRIETÁRIA DO TEATRO ANGRENSE, antes designada apenas por Sociedade do Teatro Angrense, sociedade por acções, constituída em mil oitocentos e sessenta e dois e aprovada por Alvará Régio de quatro de Junho daquele ano, hoje sociedade anónima de responsabilidade limitada, com o capital actualizado de mil duzentos sessenta e cinco contos cento sessenta e quatro escudos e oitenta centavos, representado por cento trinta e uma mil setecentos oitenta e oito acções distribuídas por duzentos sócios, tudo nos precisos termos das deliberações da Assembleia Geral de nove de Outubro de mil novecentos cinquenta e nove, que não foram impugnadas judicialmente.

Mais certifico que, pela mesma escritura e de acordo com as citadas deliberações, foi fixado o prazo de um ano para a liquidação dos haveres sociais, a contar desta data.

É certidão de narrativa, que extraí, está conforme ao original e nada mais se contém na citada escritura que contrarie o certificado. Angra do Heroísmo, 31 de Julho de 1964. O 3.º Ajudante da Secretaria, João Pereira Machado».

O TEATRO ANGRENSE VOLTA A MUDAR DE PROPRIETÁRIO, DESTA VEZ, PARA A EDILIDADE ANGRENSE

Decorreram 21 anos após a compra do Teatro Angrense pelo Empresário Marcelo Pamplona e as obras efectuadas periodicamente eram apenas as estritamente necessárias para a sua conservação, notando-se uma progressiva degradação do edifício.

Foi então que em 1985 a Edilidade Angrense, sob a competente e dinâmica presidência do Dr. Joaquim Carlos Vasconcelos da Ponte, resolveu adquirir o imóvel, efectuando-se diligências junto dos herdeiros do empresário Marcelo Pamplona.

Foram incumbidos pela Câmara para procederem à avaliação da nossa primeira casa de espectáculos, o Engenheiro Alberto Ourique, o Engenheiro Técnico João Alberto Miranda e o Engenheiro Técnico Paulo Vilela Raimundo, que apresentaram a 16 de Dezembro do mesmo ano, um Relatório, o qual avaliava o edifício em dezassete milhões de escudos.

Alguns trabalhos de beneficiação nas fachadas, foram efectuados pelos proprietários, tais como, introdução de montantes e cintas anti-sísmicas em betão armado, rebocos exteriores e pinturas, sob a direcção do Engenheiro Técnico Timóteo Santos, genro de um dos proprietários.

A 25 de Novembro de 1986, foi elaborado novo Relatório pelos Engenheiros Alberto Ourique, Marcelo Bettencourt e Engenheiro Técnico João Alberto Miranda que avaliou então o prédio em trinta e cinco milhões de escudos.

Entretanto foi recebida uma carta dos proprietários datada de 2 de Março de 1987, na qual era estipulado o preço mínimo de venda em trinta milhões de escudos, quantia que seria aceite em deliberação camarária de 5 de Março de 1987.

Em face de tal deliberação seria concretizada a compra por escritura pública, lavrada no dia 9 de Fevereiro de 1988, assinando como representantes dos proprietários, a viúva do Empresário Marcelo Pamplona, Rosa Espínola dos Santos Pamplona, seus filhos, Zuzete Eunice dos Santos Pamplona Maciel, Hélder dos Santos Pamplona, sua nora, Jesualda Trindade Alves Leal Pamplona e seu genro, Duartino Maciel e como representante da Edilidade, o Presidente Dr. Joaquim Carlos Vasconcelos da Ponte.

Regulamento para a utilização do Teatro Angrense, que mereceu a concordância por unanimidade da Câmara em Acta da Reunião de 29 de Outubro de 1987 e aprovado pela Assembleia Municipal de 15 de Dezembro do mesmo ano.

REGULAMENTO PARA UTILIZAÇÃO DO TEATRO ANGRENSE

PREÂMBULO

1 - O TEATRO ANGRENSE, como Teatro Municipal, é património colectivo, não podendo a sua utilização deixar de ser regulamentada, no sentido de se evitar, tanto quanto possível, quer a anarquia quer a discricionariedade absoluta por parte das entidades a quem cabe decidir em última instância sobre tal utilização.

2 - Passa agora a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo a ter um espaço privilegiado para levar a cabo as realizações que integram a sua política cultural;

Cria tal edilidade as condições de apoio aos grupos que, localmente, desenvolvem o seu labor;

Não esquecem os seus responsáveis que, apesar da sua qualidade jurídica, não deixa tal espaço de ser óptimo para a realização de outros espectáculos ou acontecimentos nos mais variados campos (v. g. artísticos, culturais, científicos, etc.), que escapam à sua alçada ou iniciativa.

3 - Havia por tal que hierarquizar objectivos e prioridades, formalizar regras vinculativas, providenciar para o futuro.

Tais as «ratios» deste regulamento.

CAPÍTULO I

PRINCÍPIOS

ARTIGO 1º (da decisão)

1 - Da possibilidade e condições de utilização do Teatro Angrense decide a presidência da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, sem qualquer espécie de recurso.

2 - Para a formação de tal vontade decisória socorrer-se-á a Presidência dos princípios e mecanismos descritos nos artigos seguintes.

ARTIGO 2º

(prioridades)

Na utilização do Teatro Angrense gozarão de prioridade, pela seguinte ordem:

- a) As realizações integradas na política cultural da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo ou por esta directamente apoiadas;
- b) As realizações da iniciativa dos grupos ou indivíduos que desenvolvem a sua actividade a nível local;
- c) As realizações propostas por grupos ou indivíduos não locais mas de fim não lucrativo;
- d) As realizações levadas a cabo por empresários.

CAPÍTULO II

DA FORMAÇÃO DA VONTADE

ARTIGO 3º

(parecer consultivo)

Para julgar da qualidade ou oportunidade dos projectos que lhe forem apresentados poderá a Presidência da Câmara Municipal munir-se dos pareceres do órgão ou órgãos internos que julgar convenientes ou necessários para fundamentar a sua vontade.

ARTIGO 4º

(audição das forças vivas)

O órgão ou órgãos designados pela Presidência nos termos do preceito precedente, antes de elaborarem o seu parecer e se o julgarem útil ou necessário, poderão ouvir as forças vivas locais que tenham conexão directa com a proposta em análise.

ARTIGO 5º

(norma especial)

A Presidência da Câmara Municipal tem poderes para interromper, suspender ou cancelar qualquer empreendimento em curso, seja qual for a fase de realização do mesmo, na ocorrência de caso fortuito, força maior ou qualquer outro tipo de circunstancialismo julgado pela Câmara como justificativo de tal tipo de decisão.

CAPÍTULO III

DAS CONDIÇÕES

ARTIGO 6º

(condições gerais)

1 - As entidades, indivíduos ou grupos, interessadas na utilização do Teatro Angrense deverão solicitar a mesma à Presidência da Câmara Municipal com a antecedência mínima de 30 (trinta) dias, salvo o disposto no n.º 2, devendo a sua solicitação ser acompanhada de um projecto de realização.

2 - O prazo citado no n.º 1 poderá ser encurtado pela Presidência, se esta assim o entender por bem, em presença de circunstâncias especiais ou excepcionais.

3 - Entende-se por projecto de realização, para efeitos do n.º 1, o mínimo de elementos essenciais que possibilitem a decisão da Presidência, nomeadamente o tipo de iniciativa a levar a cabo, o tempo previsto de utilização do espaço, o horário de utilização, as instalações necessárias utilizar para a realização, etc.

ARTIGO 7º

(empresários)

As entidades referidas no artigo 2º - 4 deverão ainda fazer acompanhar a sua solicitação de quaisquer elementos que, devido à natureza contratual, considerem úteis ou indispensáveis à decisão da Câmara, nomeadamente cláusulas contratuais que desejem ver negociadas ou aceites.

ARTIGO 8º

(renda)

1 - A cedência onerosa do Teatro Angrense sê-lo-á sempre por quantitativo superior em 40% (quarenta por cento) ao praticado pelas restantes casas de espectáculos do meio.

2 - No contrato a celebrar para arrendamento temporário do imóvel haverá sempre uma cláusula que obrigue o arrendatário ao pagamento antecipado da renda ajustada.



O Empresário Marcelo Pamplona que em 1964 adquiriu o Teatro Angrense.

O CINEMA NO
TEATRO ANGRENSE

Desconhece-se a data exacta em que se começou a projectar filmes no Teatro Angrense, sabendo-se contudo que já em Agosto de 1920 num espectáculo em que actuou o actor Jaime Zenóglia e que por essa altura existiu uma firma de exploração cinematográfica denominada «Santos & C», sabendo-se ainda que à data da inauguração do Teatro, ou seja a 19 de Março de 1926, funcionava a Empresa Cinematográfica Terceirense, da qual era sócio o conhecido livreiro-editor Manuel Joaquim de Andrade.

Há ainda a notícia da Empresa Santos & Vasconcelos que explorava o Salão Teatro.

As duas Empresas que por mais tempo e primeiramente exploraram o ramo cinema no Teatro Angrense foram a Empresa Cinematográfica Terceirense a Foto Cinema Açores.

As firmas eram constituídas por Manuel Joaquim de Andrade e pelo coronel António da Silveira Lopes.

Era tal o entusiasmo entre os angrenses pela sétima Arte, que se chegou a publicar em 1929 um jornal intitulado CINEMA, tendo como director Elvino Andrade, sendo composto e impresso na Tipografia Andrade e com redacção na sua residência, sita à rua de Jesus, 105.

E muito embora o cinema fosse mudo, o certo é que haviam películas de elevado nível técnico e artístico, sendo muito frequente as longas-metragens, em duas e mais sessões, a atingirem, por vezes, os doze episódios, tais como a película russa «A Avalanche», de Ladislau Vadga, com a interpretação do célebre actor russo Michael Varconyl e a bela actriz Mary Kild ou a francesa «A Volta Ao Mundo em 18 Dias», em duas sessões e doze episódios.

Um filme que despertou invulgar interesse naquela época foi «O Caminho da Força e da Beleza», grandiosa produção da U. F. A. de Berlim, dirigido por Wilhelm Pragner, baseado na obra científica do Dr. Nicolas Kauffmann, com a colaboração dos melhores professores da especialidade.

Esta película apresentava as maiores celebridades do desporto e do atletismo a demonstrarem e a revelarem as técnicas, os segredos dos seus «records»; bem como alguns dos notáveis homens da política a praticarem os seus desportos favoritos, mostando-nos o Rei e o herdeiro ao trono da Noruega praticando «Sky», Lloyd George jogando o «Golf», Balfour jogando o «Tennis» e Mussolini e Hauptmann entregues aos seus desportos favoritos.

O tema era tão bem tratado sob o aspecto artístico que a entrada para o banho quente (Tepiderium) de uma matrona romana, completamente nua, numa época de preconceituosos princípios, deixou de chocar a assistência, apresentando-se como um mero nu artístico, sem ferir qualquer sentimento de pudor; antes pelo contrário era apresentado aos educadores como um hino à beleza física e um chamamento à força e vitalidade de cada indivíduo.

Um pormenor interessante relacionado com a fase cinematográfica do Teatro foi a exibição de um documentário sobre a ilha Terceira, produzido pela Empresa Foto Cinema Açores, da qual era Director Técnico, António Luís Lourenço da Costa, um exímio fotógrafo conhecido pela alcunha do «Bico de Pena».

O Teatro era explorado pela Empresa Cinematográfica Terceirense, prova mais que evidente que chegaram a existir as duas empresas: Foto Cinema e Empresa Cinematográfica Terceirense.

A exibição deste documentário foi precedida de uma alocução proferida pelo então novel advogado Dr. Machado Pires e abrilhantado por uma orquestra.

Um outro documentário que despertou não menos interesse foi o denominado «Os Açoreanos na América do Norte» ou «Portugal na Califórnia», produção de «Carvalho Luso Film», sendo as filmagens de Angelo C. de Carvalho e notas históricas e explicativas do Consul Português na Califórnia, Euclides Goulart da Costa.

Em Abril de 1927 causou sensação o documentário cinematográfico filmado de bordo do dirigível Zepelin Z. R. S. que a 13 de Outubro de 1924 sobrevoou esta ilha a caminho do continente americano.

O documentário mostrava as diversas fases de construção do dirigível, com detalhes do

seu interior: ponte de comando, cabines para passageiros, quartos de banho, salas de estar, salas de jantar, etc.

Depois mostrava a travessia sobre a Suíça, os Alpes Austríacos, as Cataratas do Reno, Franckfurt, o Atlântico, incluindo a passagem sobre a nossa ilha Terceira e finalmente a chegada ao continente americano.

Outro documentário que deu brado naquele tempo, foi uma corrida de toiros em Barcelona com os célebres *diestros*, Gallito, Belmonte e Gaona.

O primeiro documentário desportivo surgiu no écran do Teatro Angrense em 1927 e dava-nos os desafios de futebol entre as selecções do Porto e Lisboa e o Portugal-França.

As grandes metragens apresentavam-se quase sempre em duas jornadas, ou seja, em dois dias, tais como «O Corcunda», extraído da obra do grande escritor Paul Feval, a relatar-nos a supertuosidade do reinado de Luís XIV e dos primeiros tempos da Regência; «A Volta ao Mundo em 18 dias», interpretado pelo célebre artista William Desmond, a desenrolar-se em 12 partes; «A Porteira da Fábrica» ou «Os Milhões do Criminoso», extraído da obra de Xavier Montepin, em dois dias, contando com a interpretação dos afamados artistas: Gabril Signoret, Susanne Deopres, Genevieve Félix e Hery Beaudin.

Não menos sensacionalistas eram os filmes de aventuras protagonizados por Richard Talmadge, o célebre «Ricardito», o herói dos anos vinte, valente, esperto, justiceiro, afrontando com excepcional valentia todos os perigos, servindo-se da sua força e destreza.

Seria deveras fastidioso enumerar os filmes exibidos no Teatro Angrense, que, quando referido nas suas funções de *cinema*, era designado simplesmente por «Angrense».



Elvino Andrade, filho mais velho de Manuel Joaquim Andrade e que tinha a seu cargo a publicidade das Empresas Cinematográfica Terceirense e Foto Cinema Açores. Foi director do jornal CINEMA e do desdobrável PANORAMA.



Manuel Andrade, filho mais novo de Manuel Joaquim de Andrade, encarregado da bilheteira e do pessoal.

CINEMA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Jesus, 105

*Anunciam-se todas as publicações literárias
mediante um exemplar.*

Editor e Administrador
ELVINO ANDRADE

ANGRA DO HEROISMO
ILHA TERCEIRA — AÇORES

COMP. E IMP. NA TIPOGRAFIA ANDRADE
Rua de Jesus, 105

*ASSINATURA: 4 números, 1\$875.
ANÚNCIOS: Contracto especial.*

JUSTA HOMENAGEM

Como Agostinho de Campos, illustre jornalista, que todos nós conhecemos, eu direi, "que bom que é admirar, agradecer e dizer bem". Na verdade como é bom depois da nossa admiração, tributarmos o reconhecimento, com palavras de inteira justiça!

Vem esta introdução a propósito duma local publicada há dias no diário "União" e que diz ter, sido

paisagem, a beleza e a alegria dos nossos costumes, a cadencia sentimental do nosso viver ordeiro. E o Senhor Monis que via pouca a pouco apagar-se a chapamaisfiel da fotografia tirada á alma da gente açoreana,

do considerado orfeon de Angra, como ainda deixou ir até mais longe num intuito admiravel de patriotismo essa bela produção que levou um artista a dizer "como é linda a musica portuguesa !..."

A acção do Senhor Monis tem-se intensificado num meio aonde as dificuldades surgem de momento para momento e só a sua persistên-



Cabeçalho do Jornal CINEMA, que se publicou em Angra no ano de 1929.

O Programa

PUBLICAÇÃO GRATUITA

Propriedade, Direcção e Edição

DA

Empresa Cinematográfica Terceirense

Redacção e administração

Rua de Jesus n.º 76 1.º D.

Composição e Impressão

Tipografia Angrense

Teatro Angrense

DOMINGO, 28 DE NOVEMBRO, DOMINGO

VIVA EL-REI



JACKIE COOGAN
num prodigio de trabalho

Em vigor as disposições
do costume

Desdobrável intitulado «O Programa», publicado pela Empresa Cinematográfica Terceirense, no qual eram publicitados os filmes a exhibir nas próximas semanas.



MANUEL JOAQUIM DE ANDRADE, o dinâmico Tipógrafo, Livreiro, Editor e Empresário, ligado ao historial do Teatro Angrense, por ter sido sócio das Empresas Cinematográficas Terceirense e Foto Cinema Açores.



Entrada para uma sessão de cinema infantil.



Inauguração de uma nova máquina cinematográfica no Teatro Angrense, vendo-se à esquerda o representante da firma fornecedora e à direita o Dr. Francisco Lourenço Valadão (representante da Direcção Geral dos Espectáculos), o Empresário Marcelo Pamplona e o Dr. Candido Forjaz, ao tempo, Governador Civil do Distrito.



Aspecto da assistência, vendo-se ao fundo o antigo botequim.

Sonho de Valsa

Grandioso successo da actualidade que a Empreza Cinematografica
traz a Angra do Heroismo

QUATRO ENCHENTES CONSECUTIVAS

— NO —

TEATRO MICAELENSE

DOMINGO	O SONHO DE VALSA	ÀS 8 HORAS
29 de Janeiro		— DA —
::: de 1928 :::		::: NOITE :::

É EXIBIDO EM PREMIER

— NO —

TEATRO ANGRENSE

Sublime produção e adaptação ao cinema pela importante

CASA PRODUCTORA ALEMÃ

UNIVERSUM--FILM AKTIENGESELLSCHAFT

(U. A. A.)

Da popular opereta de OSCAR STRAUSS

e da Novela de HANS MULLER intitulada

“NUX, O Principe Consorte”

Mise-en-scene de LUDWIG BERGER

Fotografia de WERNER BRAUDES

Scenarios de RUDOLF BAMBERGER

DISTRIBUIÇÃO

Eberhard XXIII, duque de Flausenthurm
Princesa Alice, sua filha
Pedro Fernando, arquiduque d'Austria
Nicolau, Conde Preny. (denominado NUX, seu ajudante)
Rockhoff de Hoffrock, grão mestre da corte em Flausenthurm
Mlle de Koeckeritz, dama de honor da princeza Alice
Franzi Steingruber, regente da Orquestra das DAMAS VIENENSES
denominada «AS ONDINAS DO DANUBIO»
Steffi, Bassistin

Jacob TIEDTKE
Mady CHRISTIANS
Carl BECKERSACHS
Willy FRITSCH
Julius FALKENSTEIN
Mathilde SUSSIN

Xénia DESNI
Lydia POTECHINA

LUXUOSA APRESENTAÇÃO

SONHO DE VALSA que tem esplendida interpretação de todos os artistas, entre os
quais merecem especial referencia, **Mady Christians**, no papel de **Princesa Alice**, **Xénia
Desni** no de **Franzi** e **Willy Beckersachs** no de **Nux**, tem tecnica irrepreensivel e foto-
grafia primorosa

SONHO DE VALSA esteve em exhibição durante mais de dois meses nos principais
cinemas de Londres e foi acolhida com enormissimo sucesso em Paris, apesar de ser uma fita
alema.

Comedia em 9 Partes — 3300 metros — ESPECIAL

FILM DE SUCESSO ABSOLUTO

Faz parte da sessão um film Portuguez — Em vigor as disposições do costume

Se depois de começar o espectáculo este tiver de suspender por motivo comprovado
de força maior não ha direito a reclamação

PREÇOS (Moeda Forte) — Camarotes, 20\$00 — 16\$00 — 12\$00 — 10\$00 — 7\$00 — 6\$00

Balcão, 5\$00 — Fauteuil de orquestra, 3\$50 — Fauteuil simples, 3\$00

Cadeiras e Superiores, 2\$50 — Geral numerada, 2\$00 — Outras filas, 1\$50

Programa do filme alemão «O Sonho de Valsa», uma produção da Universum, Film Aktiengesellschaft.

TEATRO ANGRENSE

Quinta-feira, 10 de Novembro de 1927

EMPRESA CINEMATOGRAFICA TERCEIRENSE

ENTRADA ÀS OITO HORAS

PRINCIPIA ÀS OITO E MEIA

**A PORTEIRA
DA
FABRICA**

SETE JORNADAS

VINTE E DUAS PARTES

**OS MILHÕES
D.O.
CRIMINOSO**

Exibição das primeiras **SETE PARTES** deste emocionante
cine-romance extraído da famosa e popularissima
obra do conhecido escritor

Xavier de Montepin

Sexta Jornada — **NA PISTA DOS CRIMINOSOS** — 3 partes

Setima Jornada — **O FINAL DUM PESADELO** — 3 partes

Sensacional interpretação de:

Gabriel Signoret — Susanne Després
Genevieve Felix — Henry Baudin

**O Film que maior e mais justificado successo
- tem alcançado em todos os principais
cinemas do paiz**

Colossal realisação cinematografica, cujo exito não aceita paralelo e onde tudo,
absolutamente tudo, pode ser apontado como modelo, desde o misensene
que é impecavel á mais infima particularidade

O maior reclame para este film que é a fiel adaptação da obra de

XAVIER DE MONTEPIN

está no facto do seu **ENTRECHO** ter feito a fortuna
de um dos seus maiores romancistas
do ultimo seculo

É exibido tambem nesta sessão o engraçado film em duas partes

BOBY E AS GORGETAS

FAZ PARTE DA SESSÃO UM FILM PORTUGUEZ

Em vigor as disposições do costume

Se depois de começar o espectáculo este tiver de suspender por motivo
comprovado de força maior não ha direito a reclamação

PREÇOS — (Moeda Forte) — Camarotes, 20\$00 — 16\$00 — 12\$00 — 10\$00
7\$00 — 6\$00. — Balcão, 5\$00. — Fauteuil de orchestra, 3\$50.
Fauteuils simples, 3\$00. — Cadeiras e Superiores, 2\$50.
Geral numerada, 2\$00. — Outras filhas, 1\$50

Programa da «Porteira da Fábrica» ou «Os Milhões do Criminoso», filme extraído da obra de Xavier Montepin.

TEATRO ANGRENSE

EMPRESA CINEMATOGRAFICA TERCEIRENSE

Segunda-feira, 9 de Janeiro de 1928

Entrada às 7 e meia — Principia às 8 horas

EPOCA DOS GRANDES FILMS JURAMENTO DE LAGARDÈRE

Terceira e ultima Epoca da Extraordinaria Produção Cinematografica

Realizada por **Jean Kemm** com colaboração

de **M.me Henriette Kemm**

Adaptação maravilhosa do celebre e conhecido romance intitulado

“O CORCUNDA”

(LE BOSSU)

Original do escritor francês

PAUL FEVAL

1817-1887

FILM GENUINAMENTE FRANCÊS EM 3 EPOCAS -- 15 PARTES

3.ª Epoca — O Triunfo de Lagardère — 6 partes

Scenários Luxuosísimos — Riquíssima Indumentaria
correspondente ao rigor da época

(final do reinado de Louis XIV e primeiros
tempos da REGENCIA)

época faustuosa e “rafinée,,



TOURADA EM BARCELONA

Reprise desta interessante pelicula que deixou
a melhor impressão na sua estreia



Trabalho maravilhoso dos **DIESTROS**

GALLITO--GAONA e BELMONTE

Faz parte da sessão um film Portuguez — Em vigor as disposições do costume

Se depois de começar o espectáculo este estiver de suspender por motivo comprovado
de força maior não ha direito a reclamação

PREÇOS (Moeda Forte) — Camarotes, 20\$00 — 16\$00 — 12\$00 — 10\$00 — 7\$00 — 6\$00

Balcão, 5\$00 — Fauteuil de orquestra, 3\$50 — Fauteuil simples, 3\$00

Cadeiras e Superiores, 2\$50 — Geral numerada, 2\$00 — Outras filas, 1\$50

Q U I N T A - F E I R A

MISS PORTUGAL

A mulher mais bonita de Portugal

Programa do filme «Juramento de Lagardère», extraído da célebre obra «O Corcunda» original do escritor francês

Paul Feval, incluindo um documentário tauromáquico com os célebres diestros Gallito, Gaona e Belmonte.

TEATRO ANGRENSE

EMPRESA CINEMATOGRAFICA TERCEIRENSE

DOMINGO, 22 de Janeiro de 1928

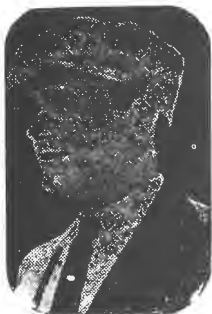
Entrada ás 7 e meia — Principia ás 8 horas



Reaparição do celebre atleta saltador
RICHARD TALMADGE
(RICARDITO)

Na celebre produção em 5 actos

UMA MISSÃO PERIGOSA



Ricardito, filho de um rico detentor de uma mina é encarregado por seu pai de averiguar as causas do desaparecimento successivo de grandes quantidades de minério que não chegam ao seu destino. Ricardito parte para a sede da mina no firme proposito de descobrir os autores do roubo.

Na casa do representante de seu pai, trava relações com Carmen Navarro, sobrinha daquele e com o encarregado da mina, individualidade sem escrúpulos e que disputa o coração da joven milionaria.

Uma pseudo emboscada de bandidos mexicanos, preparada por Carmen com os proprios servos de seu tio e a titulo de brincadeira, faz com que Ricardito, senhor do estratagemas, demonstre a sua prodigiosa agilidade e força herculea. No entanto e logo depois Ricardito tem de haver-se com autenticos bandidos, chefiados pelo encarregado da mina que quer apoderar-se dele custe o que custar.

Após lutas violentissimas, saltos incomparaveis filhos de uma assombrosa acrobacia Ricardito é detido para logo depois correr em auxilio de Carmen e de seu tio a quem os bandidos, pertendem raptar para ficarem senhores da situação.

A fenomenal agilidade de Ricardito tudo vence finalmente, até mesmo o apaixonado coração da jovem com quem casa.

São estes os traços gerais desta empolgante película.

OUTRA ESTREIA DE GRANDE RISADA

UM BÉBÉ QUE PROMETE

Autentica fabrica de gargalhada em dois actos interpretada por crianças e varios animais, como ursos, leões, cães etc.

Inicia a sessão o magnifico film documentario
em uma parte

GAUMONT 94

Faz parte da sessão um film Portuguez — Em vigor as disposições do costume

Se depois de começar o espectáculo este tiver de suspender por motivo comprovado de força maior não ha direito a reclamação

PREÇOS (Moeda Forte) — Camarotes, 20\$00 — 16\$00 — 12\$00 — 10\$00 — 7\$00 — 6\$00

Balcão, 5\$00 — Fauteuil de orquestra, 3\$50 — Fauteuil simples, 3\$00

Cadeiras e Superiores, 2\$50 — Geral numerada, 2\$00 — Outras filas, 1\$50

Programa do filme «Uma Missão Perigosa», interpretado por Richard Talmadge, o «Ricardito», como era vulgarmente conhecido entre a juventude dos anos vinte, que o tinham como seu ídolo preferido.

ALGUNS PROFISSIONAIS E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
QUE, DE ALGUM MODO, ESTIVERAM LIGADOS
AO TEATRO ANGRENSE, A FUNCIONAREM COMO APOIOS

O bom funcionamento de uma casa de espectáculos exige um quadro de funcionários que vai desde o gerente à simples mulher da limpeza, passando por bilheteiros, arrumadores, fiéis de armazém, electricistas, projeccionistas, porteiros, etc.

Mas para além destas especificidades profissionais, deparamos ainda com estabelecimentos que, por prestarem serviços inerentes ou simplesmente por se encontrarem situados em locais adjacentes, muito bem se poderão classificar de apoios.

E por acharmos que uns e outros são partes integrantes de estabelecimentos com tais características, faremos uma sucinta resenha evocativa de alguns profissionais e bem assim estabelecimentos que ficaram ligados ao historial do nosso velho, mas sempre belo Teatro Angrense.



Mestre Ernesto Teixeira, electricista no Teatro Angrense, durante longo anos.



Henrique Ferreira dos Santos, encarregado da distribuição de programas e colocação de cartazes durante 45 anos.



Os porteiros do Teatro Angrense nos anos quarenta. Da Esquerda para a Direita: 1º plano (de pé) Alfredo Gonçalves Pereira e Duartino Maciel (projeccionista), (de cócoras) Augusto Fagundes e Henrique Renato. 2º Plano: José Araújo, Francisco F. Santos, Manuel Matos, João Cardoso Alves Bettencourt, Manuel Botelho (chefe), Carlos Rodrigues, Edmundo S. Rodrigues e António Vicente, a aparecer somente a cabeça, o electricista Gilberto de Sousa, que prestou serviço da sua especialidade no Teatro Angrense, durante algum tempo.



Tipografia e Livraria Andrade, onde durante muitos anos foram impressos programas, bilhetes, o desdobrável «Programa» e o jornal «Cinema».



O «Restaurante Gaspar» (Casa de Pasto), popular e movimentado estabelecimento, célebre pelas especialidades, «bifes do Gaspar» e «feijão com bacalhau» e que durante largos anos sociou o apetite devorador de uma juventude despreocupada que a ele acorria nos intervalos dos espetáculos no Teatro Angrense.

Da esquerda para a direita: Manuel e José Gaspar (irmãos e proprietários do restaurante), Manuel Alves (empregado) e um comerciante vizinho, conhecido pela alcunha de «Porta Aberta».

RESTAURANTE GASPAR

Rua da Esperança, em frente ao Teatro
Fornece almoços e jantares para fóra.

Ceias todas as noites

Preços baratíssimos, maximo aceio.

Em noites de espectáculo, menús variadíssimos e
para todos os paladares.

Recebe comensais mediante contrato especial.

CAFÉ, VINHOS, CERVEJA e LICORES

— NA —

LEITARIA CONFIANÇA

Sempre grande sortimento
em doces frescos.

Especialidade em massa
folhada, pasteis, queijadas
de nata, rolos d'ovos,
covilhetes e bolos de arroz.

A's terças e sextas a deli-
ciosa massa sovada.

Anúncios do Restaurante Gaspar e Leitaria Confiança (pre-
sentemente Leitaria Regional), no desdobrável «Programa».



A bilheteira do Teatro Angrense, vendo-se os cartazes a anunciar a 3ª Semana da exibição ao domingo e em duas sessões do popular filme português «Sol e Touros». No exterior os funcionários da bilheteira, Jorge Santos e António Gomes. Exerçeram também as mesmas funções: Manuel Andrade, Gilberto Jarroca, Gabriel Melo, Duarte Melo, Tomé Espínola, Jaime e Helder Pamplona.



LEITARIA REGIONAL, que outrora teve a denominação comercial «Leitaria Confiança» e que desde há muitos anos vem fornecendo, durante os intervalos, os frequentadores do Teatro Angrense.



PASTELARIA ATHANÁSIO, estabelecimento impregnado do odor acentuado das especiarias, à mistura com os deliciosos doces que a doçaria conventual nos legou e onde alguns espectadores do Teatro Angrense se abasteciam nos intervalos.

Quintal do Seminario

1 = 25,00
 Zona Teatro = 351,54
 Camarins = 138,00
 TOTAL = 514,54

Planta do Teatro Angrense elaborada pelo punho do autor do projecto, Coronel Eduardo Gomes da Silva.

Rampa do Mercado

Teatro Angrense

Corredor de comunicação

Vão do palco

Cabine Elect.

Camarins

Retrete

Toilette p. Gentes

Retrete

Passagem para Continuos

Quintal do Seminario

Quintais

Planta da 1ª Ordem

Locação
 14 camarotes de lado - 10
 6 camarotes de frente - 48
 Tribuna - 10
 Balcão - 13
 Total - 71

Escala 1/100

Gratão da Escada

Casas Particulares

Rua D. Eduardo Gomes

MOSTRA DE CINEMA PORTUGUÊS

Um acontecimento que marcou sobremaneira no panorama cinematográfico deste velho «burgo», foi sem dúvida, a Mostra de Cinema Português, realizada de 23 a 30 de Maio de 1987 no Teatro Angrense, iniciativa do INATEL, com a colaboração do Cine Clube da Ilha Terceira, e ainda com o apoio da Câmara Municipal e Secretarias Regionais da Educação e Cultura e do Trabalho.

A Mostra constou dos seguintes filmes:

- SILVESTRE** Realização: - João César Monteiro
Diálogo: - Maria Velho da Costa e João C. Monteiro
Fotografia: - Acácio de Almeida
Som: - Vasco Pimentel e Paola Porru
Música: - Música Popular Portuguesa
Produção: - V. O. Filmes
Intérpretes: - Maria de Medeiros, Teresa Madruga, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, José Maria Sanchez, João Guedes, Ruy Furtado, Raquel Maria, Cucha Cafalheiro, Rogério Vieira e Afonso Vasconcelos.
- A ESTRANGEIRA** Realização: - João Mário Grilo
Argumento: - Michael Graham, João Mário Grilo e Teresa Azevedo
Cenários: - Maria José Branco e Isabel Branco
Música: - António Vitorino de Almeida
Produção: - V. O. Filmes
Intérpretes: - Fernando Rey, Teresa Madruga, Carole Courtois, Maria de Medeiros, Mariana Vilar, Simone de Oliveira, Artur Semedo, Diogo Dória, etc.
- ANA** Realização: - António Reis e Margarida Cordeiro
Fotografia: - Acácio de Almeida e Elso Roque
Produção: - António Reis e Margarida Cordeiro
Intérpretes: - Ana Maria Martins Guerra, Octávio Lixa Filgueiras, Manuel Ramalho Eanes, Aurora Afonso e Mariana Margarido.
- JOGO DE MÃO** Realização: - Monique Rutler
Argumento: - Edgar Gonçalves Preto, Eduardo Guerra Carneiro e Monique Rutler
Fotografia: - Mário Barroso
Cenários: - Fernando Filipe
Música: - Luís Cília
Produção: - Paisà
Intérpretes: - Júlio César, São José Lapa, Orlando Costa, Zita Duarte, Teresa Roby, João Calvário, Carlos Wallenstein, Isabel de Castro, José Fonseca e Costa, etc.

NINGUEM DUAS VEZES. . Realização: - Jorge Silva Melo
Argumento: - Jorge Silva Melo, Luísa Neto Jorge,
Miguel Lobo Antunes e João Canijo
Produção: - Grupo Zero, Paisà, Janus Film und Fer-
nesehen Azul
Intérpretes: - Michael Konig, Luís Miguel Cintra,
Manuela de Freitas, José Mário Bran-
co e Grischa Huber.

UM ADEUS PORTUGUÊS. Realização: - João Botelho
Argumento: - João Botelho e Leonor Pinhão
Fotografia: - Acácio de Almeida
Som: - Vasco Pimentel, Pedro Caldas e Joaquim
Pinto
Música: - Olivier Messian e Canções Populares
Africanas
Décor e Guarda-roupa: - António Lima e Jasmim
de Matos
Intérpretes: - Ruy Furtado, Isabel de Castro, Maria
Cabral, Fernando Heitor, Cristina
Hauser, João Perry, Henrique Viana,
Cremilda Gil, António Peixoto e Ana
Mar.

A MOURA ENCANTADA. Realização: - Manuel Costa e Silva
Argumento: - António Borges Coelho
Fotografia: - Mário de Carvalho
Som: - Carlos Alberto Lopes e João Diogo
Música: - Pedro Caldeira Cabral e Janita Salomé
Produção: - Manuel Costa e Silva
Intérpretes: - Luís Varela, Teresa Goucho, Vitorino
Salomé, Adelaide João, António As-
sunção, Maria do Céu Guerra, etc.

UMA RAPARIGA NO VERÃO. Realização: - Vítor Gonçalves
Argumento: - Vítor Gonçalves
Fotografia: - Daniel Del Negro e Mário de Carvalho
Som: - Pedro Caldas
Música: - Andrew Poppy
Produção: - Trópico Filmes, Sociedade de Pro-
dução, Lda.
Intérpretes: - Diogo Dória, Isabel Galhardo, Joa-
quim Leitão, José Manuel Mendes,
João Perry, Virgílio Castelo, Mada-
lena Pinto Leite e Alexandra Gui-
marães

ORQUESTRAS QUE ACTUARAM
NO TEATRO ANGRENSE

Muitas foram as orquestras locais que actuaram no Teatro Angrense, executando as partituras de operetas, revistas, actos de variedade e fantasias, ou ainda animando os espectáculos de cinema nos inícios e intervalos.

No tempo do cinema mudo era ao cornetim da orquestra que cabia simular o toque de clarim nas cargas sobre o inimigo.

E na busca que efectuámos para a elaboração do presente trabalho, há frequentes menções às seguintes orquestras:

Lira Angrense
Brindes de Sala
Tuna Musical Angrense
União Operária Musical Angrense
Orquestra de Álvaro Sequeira
Orquestra de João das Neves
Terceto Henrique Vieira
Orquestra João Carlos da Costa Moniz
Orquestra Henrique Vieira
Orquestra Alberto Cunha
Orquestra Manuel Reis
Orquestra Filarmónica de Angra



Orquestra João Carlos da Costa Moniz. Da esquerda para a direita, 1º Plano (sentados): Reis e Almeida, João Moniz, Manuel Rosário e Pedro Parreira. 2º Plano (de pé): Manuel Reis, António Moniz, José Bettencourt, Magalhães, Gil Amarante, Raimundo Canto e Castro, Quirino e Francisco Canto e Castro.



Orquestra Filarmônica de Angra, sob a regência de Maestro Raul Coelho.

O RÁDIO CLUBE DE ANGRA
NO TEATRO ANGRENSE

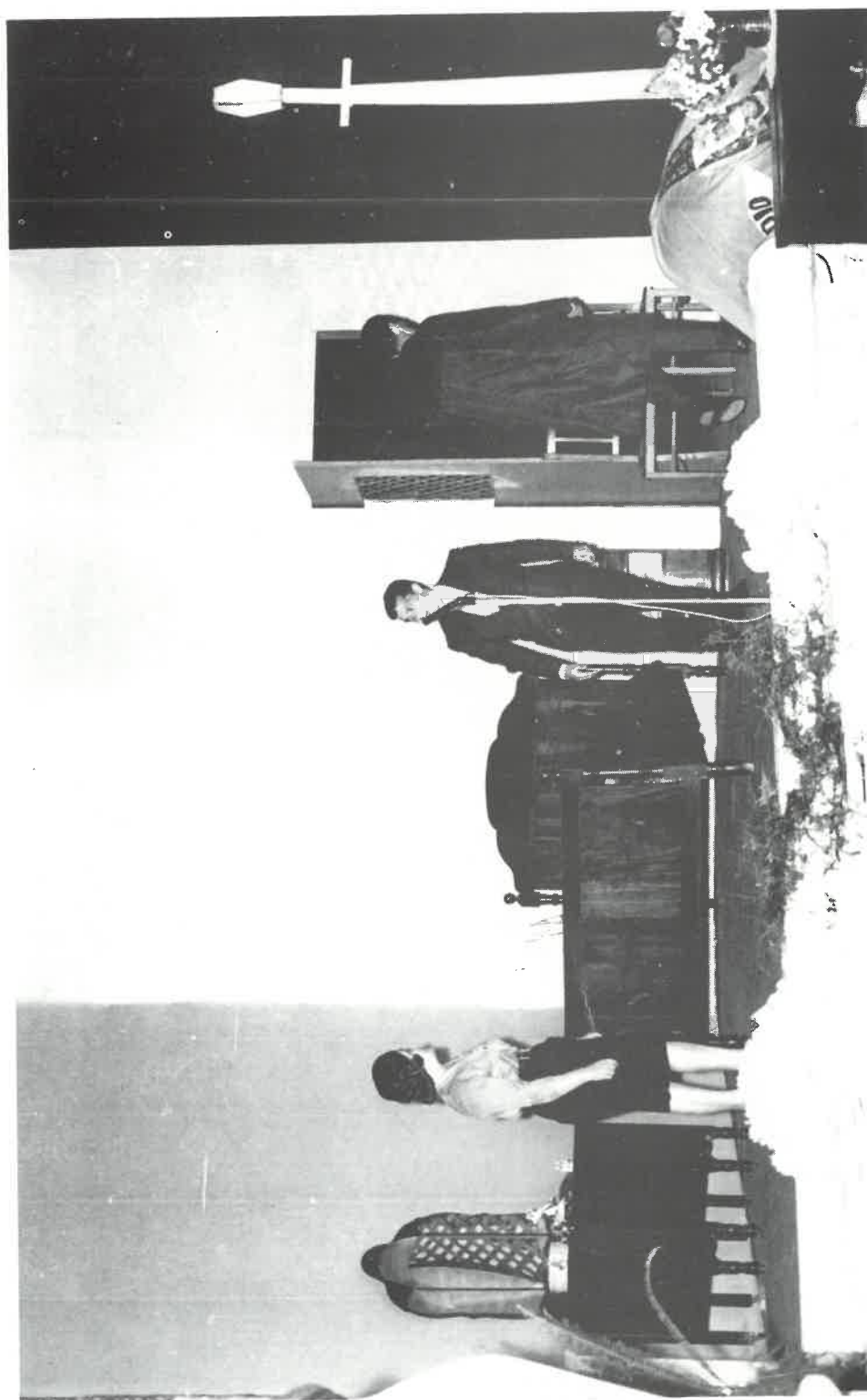
Muitas foram as vezes que o Rádio Clube de Angra foi ao Teatro Angrense, quer festejando aniversários, quer em «Festivais de Rádio», ou ainda nos célebres «Cabazes de Natal», onde eram sorteados cinco cabazes bem sortidos, a contribuirem para alegrar sobremaneira a consoada dos contemplados.

Tais exhibições a decorrerem num ambiente festivo e familiar, constavam de rábulas, apontamentos teatrais, 4ilusionismo, canções, folclore e agrupamentos musicais, organizados, por assim dizer, com «a prata da casa».

Havia nesses espectáculos o ensejo de pôr à prova os seus locutores, testando-os como apresentadores e ainda oportunidade de revelação para alguns artistas amadores do nosso meio.

Em 1980 actuaram num Festival do Rádio Clube de Angra, os artistas: Maria Armada, António Variações, Lenita Gentil, Nicolau Breynner, Maria Pessanha e Artur Agostinho.

Em 1983, no 35º Aniversário do Rádio Clube de Angra, após ter sido entrevistado na sede da «Voz da Terceira», actuou no Teatro Angrense o célebre artista da Rádio Televisão Brasileira, Tony Ramos.



Festa da Rádío no Teatro Angrense, numas Sanjoaninhas - 62, onde foi apresentada a peça
«O Amor Entrou de Roldão», original de Eduardo F. Gomes da Silva, com interpretação de

Elisa Maciel, Manuel Matos, Jorge Armindo e Fernando Maciel.



Cena de «O Primeiro Beijo», original de Júlio Dantas, representado no Teatro Angrense, em festa de aniversário do Rádio Clube de Angra, no dia 3 de Abril de 1973. Foram intérpretes: Eduarda Rezendes, Maduro

Dias (filho), Nélson Barcelos, Francisco Gonçalves, Alberto Borba e Ildeberto Rocha.

MATINÉS REGINA

AS MATINÉS DA «REGINA»

Todos os anos, pela época carnavalesca, o comerciante Alberto Ferreira, representante da conceituada firma «Regina», organizava no Teatro Angrense ou no Salão Caridade (Salão da Cozinha Económica), em «matiné», concursos infantis, onde eram eleitas as cinco crianças mais bem fantasiadas.

Para além dos prémios atribuídos, havia farta distribuição de guloseimas pela petizada.

Estes espectáculos, onde muitas vezes actuavam palhaços, ilusionistas, malabaristas e cançonetistas, entrou em linha de tradição com a designação de «Matinés Regina».



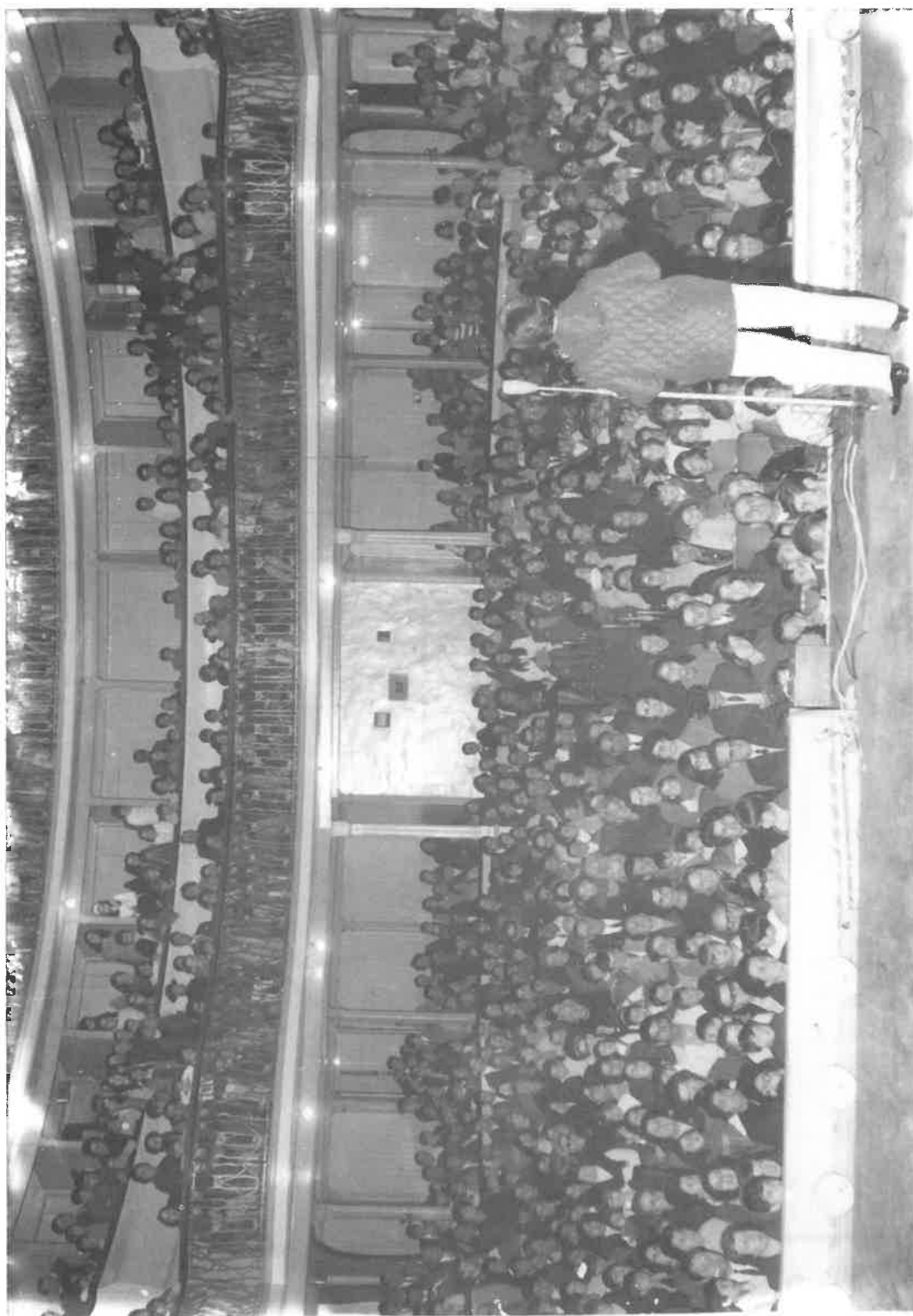
A Gata Borralheira.



O Distribuidor de Gás.



Uma Tia do Monte.



O Teatro Angrense numa matiné «Regina».



No palco do Teatro Angrense, numa matiné «Regina», o dinâmico comediante Alberto Ferreira com um buliçoso friso de crianças fantasiadas.

I e II ENCONTROS DE COROS NA ILHA TERCEIRA

Nos dias 27 e 28 de Maio de 1988, realizou-se no Teatro Angrense o I Encontro de Coros da Ilha Terceira, actuando no primeiro espectáculo, os seguintes coros:

Coro Infantil do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
Coro da Academia Musical da Ilha Terceira
Coro da Casa do Povo da Terra-Chã
Coro das Lajes do Pico

No segundo espectáculo exibiram-se os seguintes coros:

Coro Camarata da Igreja Adventista do 7º Dia
Coro da Casa do Povo da Terra-Chã
Coro das Lajes do Pico
Coro da Academia Musical da Ilha Terceira

Os coros foram dirigidos por Manuel Emílio Porto (Lajes do Pico), Luisa Alcobia Leal (Academia Musical da Ilha Terceira), Tibério Franco (Casa do Povo da Terra-Chã), Carlos Baptista (Camarata da Igreja Adventista do 7º Dia).

Cantaram-se peças de música clássica, música popular, passando pelo folclore açoriano, géneros musicais modernos e espirituais negros.

A 22 de Abril de 1989 realizou-se no Teatro Angrense o II Encontro de coros da Ilha Terceira, actuando o Grupo Polifónico da Casa do Povo da Terra-Chã e o Coro da Academia Musical da Ilha Terceira, sendo o primeiro dirigido por Luís Soares e o segundo por Luisa Alcobia Leal.

O Grupo Polifónico da Casa do Povo da Terra-Chã, apresentou-se o seguinte programa:

I PARTE

- | | |
|-----------------------------------|--|
| DÓ - RÉ - MI | - (do filme «Música no Coração»)
Harm. Carlos Santos |
| SWING LOW, SWEET CHARLOT | - (Espiritual Negro)
Arranjo para 4 vozes mistas de Luis Soares |
| CLIMBING UP THE MOUNTAIN | - Espiritual Negro
(autor Francis Lai) |
| LOVE STORY (where I begin) | - Arranjo para 4 vozes mistas de Luis Soares |
| KALINKA | - Folclore Russo |

II PARTE

RAPSÓDIA REGIONAL TERCEIRENSE

Olhos Pretos
Branca Flôr
Meu Bem
Estudante
Lira
Chamarrita
Saudade
Bravos

- Arranjo para 4 vozes mistas de Luis Soares

O Coro da Academia Musical da Ilha Terceira, apresentou um programa, assim delineado:

PANIS AGELICUS	- Mário Sampayo Ribeiro	(1967)
PAVANE (Belle qui tiens ma vie)	- T. Arbeau	(1589)
JE NE L'OSE DIRE	- P. Certon	(1572)
MATTONA MIA CARA	- Orlando di Lasso	(1532/1594)
ECHO	- " " "	" "
O MA JOIE (Salmo 121)	- Michel Corboz	
O SARI-MARÉS (Holandesa)	- Harm. de César Geoffray	
BALAIÓ	- Heitor Villa-Lobos	(1887/1959)
ROSA AMARELA	- " " "	" "
DON SOLIDON (pop. da Estremadura)	- Harm. de Maya dos Santos	
SAUDADE (do Faial)	- " " Emílio Porto	
O TANCHÃO (de S. Miguel)	- " " " "	
A LIRA (de S. Jorge)	- " " " "	
O MEU BEM (da Terceira)	- " " Carlos Moniz	
OS BRAÇOS (" ")	- " " Emílio Porto	

INAUGURAÇÃO DO TEATRO
APÓS A SUA REMODELAÇÃO

Quase 68 anos volvidos a 5 de Novembro do ano em curso eis que surge a inauguração do nosso Teatro Angrense, submetido durante cinco anos a aturadas obras de restauro.

Marco da nossa cultura, orgulho dos angrenses, por ele desfilaram as proeminências do teatro nacional, os valores do amadorismo teatral da nossa ilha e o escol da nossa intelectualidade.

Antecedendo a exibição da Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a regência do maestro Jean-Marc Burfin, que preencheu o programa, usaram a palavra, o Presidente da Edilidade, Dr. Joaquim Carlos Vasconcelos da Ponte e o Presidente do Governo Regional, Dr. Joaquim Bosco Mota Amaral.

Compareceram ainda como convidados de honra, o Dr. Paulo Teixeira Pinto, Secretário de Estado da Presidência, Alberto Romão Madruga da Costa, Presidente da Assembleia Legislativa Regional, os titulares das Secretarias sediadas na ilha Terceira e demais entidades representativas.

Mantendo a mesma traça arquitectónica, ressurge porém renovado e equipado com os mais sofisticados equipamentos, apto a servir e acompanhar as insaciáveis exigências do progresso.

Assim, fica apetrechado com uma mesa de mistura computadorizada, a permitir um controlo de luzes e som, com incidência nos efeitos cénicos.

Mas para além destes sofisticados equipamentos dispõe ainda de um posto de transformação e sistemas complementares de ar condicionado, detecção de incêndios, rede telefónica, etc.

Um projector «Kinoton FP 38», para filmes de 35 e 16 mm., um sistema de som «Dolby» Stereo «A» e Stereo «SL», e ainda 4 cabines de tradução simultânea, a permitir um eficaz apoio à realização de congressos, colóquios, seminários ou conferências.

A aquisição de um piano de cauda marca «Steinway» Mod. 274 e a construção de um fosso para a orquestra com capacidade para 30 músicos, são outras inovações a enriquecerem e valorizarem o seu apetrechamento.

Fica ainda dotado com 6 camarins individuais com casa de banho privativa, 6 camarins de ocupação múltipla, balneários, sanitárias para artistas e 8 instalações sanitárias para o público, 3 bares e 3 vestiários.



Alçado principal do Teatro Angrense



Alçado lateral esquerdo voltado a poente (escadas de acesso ao Mercado Municipal Duque de Bragança)



Momento em que o Dr. Joaquim Vasconcelos da Ponte, tendo ao seu lado o Presidente do Governo Regional, proferia o seu discurso.



Orquestra Metropolitana de Lisboa, em plena actuação.



Pormenor do Teatro Angrense vendo-se os camarotes destinados às autoridades.



Num dos intervalos o Secretário Regional da Educação e Cultura Dr. Aurélio da Fonseca e Senhora, conversando com o Presidente da Edilidade Angrense Dr. Joaquim Ponte.



Vista parcial do lado direito do Teatro Angrense.

RESUMO CRONOLÓGICO DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM O TEATRO ANGRENSE

1851

4 de JANEIRO

Por acordo N° 532 do Conselho do Distrito proferido em Sessão de 4 de Janeiro de 1851, é dado conta de um Ofício da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, datado de 29 de Dezembro do ano transacto, o qual justificava a necessidade da construção nesta cidade de um teatro condigno, solicitando, para tal efeito, o aforamento de um terreno sito na rua da Esperança, pertença de um tal António Tomé da Fonseca, que se mostrou receptivo à cedência.

Foi neste terreno que existiu em 1539 um armazém de mercadorias importadas da Índia e no qual deflagrou o surto da peste que viria a assolar toda a ilha, vitimando milhares de pessoas, ficando tão infausto acontecimento conhecido na história, pelo *ano do mal*.

Esta pretensão camarária mereceu do Conselho a sua plena aprovação.

1855

10 de JULHO

E como quatro anos volvidos Angra continuava sem teatro, a Sociedade Filarmónica Angrense forma uma Comissão com a finalidade de meter ombros ao empreendimento, solicitando à Municipalidade o seu apoio.

OUTUBRO

Iniciavam-se as obras do que viria a ser o nosso Teatro Angrense.

1859

13 de MARÇO

Nomeada uma Comissão de accionistas incumbida de acelerar as obras do Teatro, iniciadas em Outubro de 1855.

1860
22 de NOVEMBRO
Inauguração do Teatro Angrense.

1882
15 de ABRIL
Estreia da Peça «O Mártir do Japão».
Autor: - Dr. José Maria Leite Pacheco
Música: - Eduardo Augusto de Sousa Ribeiro

1890
8 de JULHO
Estreia da Peça «Honra e Pátria»
Autor: - Frederico Augusto Lopes da Silva

1892
14 de MARÇO
«Fidalgos e Plebeus»
Autor: - Alfredo Luís Campos

1906
26 de FEVEREIRO
«Cousas Terceirenses»
Organização: Lawn Ténis Club

1908
5 de JANEIRO
«O Vaudeville» (Peça Infantil)
Autor: - José Maria Coelho de Lima
Música: - João da Neves

1910
7 de FEVEREIRO
«Espiga Mágica»
Autor: - Gregório Medina

17 de OUTUBRO
«Processo da Moda»
Autor: - Alfredo Sampaio
Música: - João Lopes

30 de DEZEMBRO
«O Dedo do Rei» (Fantasia)
Autor: - Gregório Medina
Música: - João das Neves

1912
20 de MARÇO
«Amor e Política»
Autores: - Doutores Luís Ribeiro e Oscar Cardoso

6 de OUTUBRO

«Lágrimas e Sorrisos» (Comédia)

Autor: - Messia Guiod de Castro

1913

«Cosmorama» (Revista)

Autor: - Alfredo Sampaio

Música (Adaptação): - Gabriel das Neves

6 de MARÇO

«Rosas e Crisântemos» (Revista)

Libreto e Partitura: - Dr. António Lino

Chefe de Banda: - João Lopes

1914

30 de ABRIL

«O Processo do Rasga» (Peça Infantil)

Autor: - Moniz Barreto

1918

17 de FEVEREIRO

Convocação da Assembleia Geral da Sociedade Proprietário do Teatro Angrense para dar conhecimento aos accionistas dos trabalhos efectuados pela Direcção, no sentido de obter meios para se proceder e iniciar a construção de um novo teatro.

1926

19 de MARÇO

Inauguração do novo e elegante Teatro Angrense pela Companhia Maria Matos - Nascimento Fernandes, com a peça «O Último Bravo».

1926

8 de JULHO

«Flores e Bandarilhas» (Revista)

Autores: - Frederico Lopes (pai) e Frederico Lopes (filho)

Música: - Chefe de Banda, Cap. Piedade Vaz

1927

12 de FEVEREIRO

«Com Papas e Bolos» (Revista)

Autor: - Clemente Ramos Moniz Pamplona

Música: - João das Neves

1928

8 de FEVEREIRO

«Água Corrente»

Autor: - Frederico Lopes (João Ilhéu)

Música: - Henrique Vieira da Silva

1930

JULHO

Torneio Artístico Açoriano

1938

24 de MAIO

«Orfeão de Angra»

Regência: - Pe. José de Avila

1946

18 de MAIO

«E Tudo o Tempo Mudou...» (Revista)

Autores: - Pinto Enes e Eduardo Melo

1949

«Coisas do Arco da Velha» (Revista)

Autor: - Eduardo Melo

Música: - Prof. Manuel Maria de Melo

1953

JUNHO

«Companheiros da Alegria»

JUNHO

«Serão Cultural»

Organização: Comissão das Festas da Cidade

Academia Musical

Mocidade Portuguesa

1954

30 de NOVEMBRO

«Orquestra Filarmónica de Angra» e «Recital»

Organização: - Comissão das Celebrações Garreteanas

1955

ABRIL

«Tuna Académica de Coimbra»

1960

22 de ABRIL

«Orfeão Académico de Coimbra»

JUNHO

«V Centenário da Morte do Inf. D. Henrique»

Colaboração: - Orquestra Filarmónica de Angra

Auto «Ao Mar...», Original do Rev. Coelho de Sousa

Recital de Poesia

1976

27 de DEZEMBRO

Apresentação do Grupo de Teatro «Alpendre», com a peça «Guerras de Alecrim e Man-
gerona».

Autor: - António José da Silva (O Judeu)

1993

5 de NOVEMBRO

Inauguração do Teatro Angrense após a sua remodelação. ,

ALGUMAS DAS COMPANHIAS TEATRAIS E AGRUPAMENTOS DE VARIEDADES
DO CONTINENTE E RESTANTES ILHAS DOS AÇORES
QUE ACTUARAM NO TEATRO ANGRENSE

1860

22 de NOVEMBRO

Inauguração do Teatro Angrense - Companhia Teatral Porfírio Martins

1866

Variedades com a pianista Menricheta Sauretti e o presdigitador Sezinando

1868

25 de JUNHO

Companhia Teatral Portuguesa (Opera Cómica)

Estreia: «O Tio Brás»

1869

1 de MARÇO

Companhia Lírica Dramática Espanhola

Estreia: «El Juramento»

1872

Agrupamento Teatral Ivo Whiton Pereira

1873

Prestidigitador Miguel da Fonseca

1873	Companhia Carolina Falco - César de Lacerda	1900 12 de
1888	Companhia Dramática Taveira	1900
1888 7 de MARÇO	Variedades: Maria Antonieta (ilusionista e concertista) J. C. Gomes (prestidigitador) Gabriel Aman Neuser (violinista) Orquestra Local: «Lira Angrense»	1902
1893	Companhia Dramática Portuguesa Direcção: Santos Júnior	1903 21 de
1895	Companhia «Santos Júnior»	1903 5 de
1895 27 de MARÇO	Companhia «Justino Marques»	1903
1895 MAIO	Companhia de Ópera Cómica Portuguesa	1903
1895 30 de JUNHO	Companhia de «Vaudeville» do Teatro da Rua dos Condes Estreia-se com a «Marechala»	1903 12 de
1897 13 de JANEIRO	Companhia de Zarzuela D. Ramon Navarro	1903 12 de
1897 27 de OUTUBRO	Companhia de Zarzuela D. Rafael Queralt	1903 19 de
1898	Companhia de Variedades Francisco Franco	1903 2 de
1899	Troupe Artística Excentro-Cómica Burlesco-Mímica	1903
1899	Companhia da Sociedade de Artistas Dramáticos Portugueses	1903 2 de

1900

12 de JUNHO

Companhia do Teatro Príncipe Real de Lisboa
Estreia-se com a «Dama das Camélias»

1900

Companhia da Sociedade de Artistas Dramáticos

1902

Companhia de Zarzuela e Ópera Espanhola
Direcção de Navarro e Lopez

1903

21 de MARÇO

Mr. Lovenquis (Faquir)

1903

5 de ABRIL

Companhia «Rosas e Brazão»

1903

Companhia do Ginásio de Lisboa
Direcção de Leopoldo de Carvalho

1903

Concertos pelo violinista Chevalier Brindis de Salas e do Professor Luís Maria Xavier

1904

Companhia Ernesto do Vale

1905

12 de MARÇO

Companhia Dramática Portuguesa

1905

12 de JULHO

Companhia Ângela Pinto
Estreia-se com a peça «Zázá»

1906

19 de ABRIL

Companhia Dramática Portuguesa

1906

26 de JULHO

Companhia de Ópera Cómica do Teatro D. Amélia

1907

26 de FEVEREIRO

Companhia Dramática Maria Falcão

1908
Companhia de Artistas Portugueses
Direcção de Manuel Matos

1909
27 de JULHO
Companhia de Artistas do Teatro D. Amélia

1909
MARÇO
Companhia de dramas e comédias e «vaudevilles» do Teatro «Águia de Ouro», do Porto.
Direcção de Alves da Silva

1912
MARÇO
Companhia de Opereta, Comédia e Variedades
Direcção de Adriano Mendonça

1912
JUNHO
Companhia Portuguesa de Sport e Variedades
Direcção de Adriano Mendonça

1913
10 de FEVEREIRO
Companhia de Ópera e Opereta do Teatro Avenida, de Lisboa
Direcção artística: Leopoldo Froes
Direcção musical: Cruz Brás

1913
MARÇO
Grupo de Amadores Faialenses

1913
Companhia Italiana Vitaliani-Duse

1914
10 de JULHO
Companhia de Carlos de Oliveira

1915
Companhia de Zarzuela Espanhola
Direcção de Narciso Ibanez

1919
3 de ABRIL
Companhia de Opereta, Alta Comédia e Revista
Direcção: Emília Berardi - Jaime Zenóglio

1919
16 de A

1919
OUTO

1919
DEZI

1920
20 de

1920
3 de

1926
19 d

1920
31 d

192

19
15

19
16

1
2

1919

16 de AGOSTO

Companhia Adelina Abranches
Direcção de António Sacramento

1919

OUTUBRO

Grupo de Variedades (artistas Rusel de Madame Tina de Petrel)

1919

DEZEMBRO

Companhia de Opereta Magda Arruda

1920

20 de MARÇO

Companhia Dramática Carlos Oliveira

1920

3 de ABRIL

Companhia de Opereta Magda Arruda

1926

19 de MARÇO

Companhia Maria Matos - Nascimento Fernandes (Inauguração do Teatro)

1926

31 de MAIO

Companhia de Opereta e Zarzuela Almeida Cruz

1927

Baronesa Norka Roskaia (Dançarina e Concertista de Violino)

1927

15 de JUNHO

Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro
Estreia-se com a peça «Amanhecer»

1927

16 de ABRIL

Manuel Pinto (Cantora Lírica)

1927

21 de ABRIL

«Troupe Carelli and Fátimas»

1927

28 de ABRIL

Récita dos Estudantes do III Ano da Faculdade Médica do Porto

1927

ABRIL

Companhia Teatral Lucília Simões - Eurico Braga

1927

2 de JUNHO

Trio «Amores les Camps»

1927

2 de JULHO

«Hermanos Muños» (Cançonetistas e Bailarinos)

1927

Companhia de Teatro Ligeiro Ilda Stichini

1928

17 de FEVEREIRO

Duo «Bellinis» (Cançonetistas e Bailarinos)

1928

Grupo Dramático dos Estudantes do III Ano da Faculdade Médica de Coimbra.

1928

Recital da Cantora Beatriz Baptista com a colaboração da Banda Regimental sob a Regência do Chefe Piedade Vaz

1928

4 de ABRIL

Companhia Lucília Simões - Eurico Braga

1928

ABRIL

Companhia de Revistas e Variedades Stichini - Santos

1928

ABRIL

Círculo Bandolista da Madeira
Regente: Maestro Carlos

1928

14 de ABRIL

Companhia Teatral Chaby Pinheiro

1934

14 de JANEIRO

Companhia Societária de Revista e Opereta
Direcção: José Dubini

1935

29 de AGOSTO

Lanterna Mágica (Revista)

Autor: - José Barbosa

Música: - Ilídio de Andrade

Organização: - Grupo Dramático do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio de Ponta Delgada.

1935

29 de DEZEMBRO

Companhia de Revista Eva Stachino

Estreia-se com a revista «Peixe Espada»

1936

Concerto pelo tenor KJOLNER e o barítono PAULO AMORIM

1936

FEVEREIRO

Orfeão Académico de Comibra

Regência: - Dr. Raposo Marques

1936

16 de AGOSTO

Octávio de Matos (Cómico-Excêntrico-Musical)

1936

30 de DEZEMBRO

Academia do Liceu Antero de Quental de Ponta Delgada

1938

14 de JUNHO

Companhia Teatral Adelina - Aura Abranches

1938

14 de AGOSTO

No País da Graxa (Revista)

Autor: - José Barbosa

Organização: - Club Desportivo Santa Clara

1938

5 de OUTUBRO

Grupo Teatral da Ilha do Faial

Estreia-se com a peça «Alegrias do Lar»

1938

29 de OUTUBRO

Ramo de Hortênsias (Revista)

Autor: - Victor Cruz

Música: - Maestro Evaristo P. de Sousa

Organização: - Micaelense Foot-Ball Club

1942

16 de JULHO

Companhia de Comédias Brunilde Judice - Alves da Costa

1943

26 de JUNHO

Aura Abranches - Manuela Bonito (Sarau de Arte)

1952

29 de JUNHO

Companhia Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro

Estreia-se com a peça «Romanço»

1953

Companheiro da Alegria (Espectáculo Musical com a finalidade de eleger um
cançonetista de cada distrito do país, para finalmente se
apurar o melhor)

Organização: - Igrejas Caeiro

1953

SETEMBRO

Tuna Académica da Universidade de Coimbra

1960

Orfeão Académico de Coimbra



AUGUSTO GOMES

CURRÍCULO LITERÁRIO: - Contista de mérito, alcançou prémios sucessivos em Jogos Florais, sendo alguns dos seus contos, dignos de figurarem na Antologia do Conto Açoriano, reunidos no livro editado pela Direcção Regional dos Assuntos Regionais e intitulado «Perdoe Pelo Amor de Deus».

A «Cozinha Tradicional da Ilha Terceira», que já vai na 3ª edição, foi considerada pela crítica, uma das melhores, senão a melhor, monografia gastronómica publicada no nosso país e uma das melhores da Europa.

«Filósofos da Rua», repositório de figuras populares, quadros pitorescos e retalhos da história angrense, retrata o autor, com rara felicidade, a vivência deste pacato *burgo* há uns anos atrás, obtendo assinalado êxito a revelar-se numa 3ª edição.

Incumbido pela Direcção Regional dos Assuntos Regionais de proceder ao levantamento gastronómico dos Açores, publica a segunda obra gastronómica «Cozinha Tradicional da Ilha de S. Miguel».

O seu último livro «A Alma da Nossa Gente» tem tido grande aceitação do público, a revelar-se um novo sucesso livreiro.

Teve assídua colaboração na imprensa local, tendo mantido no Rádio Clube de Angra, no programa «Panorama», uma rubrica intitulada «À laia de conversa».

CURRÍCULO TEATRAL: - Homem de teatro, integrou o elenco das revistas de Eduardo Melo, «De Vento em Popa» e «Sabe-se Lá», ensaiando «Fatias Douradas».

Escreveu, encenou, ensaiou e interpretou as revistas da sua autoria, «Alagado Pingando», «Em Mangas de Camisa», «Talvez te Enganes» e «Faz-me Cócegas», sendo ainda da sua autoria a opereta «Amor Campestre», representada pelo Grupo Teatral do Posto Santo.

Foi ensaiador no Liceu Nacional, Escola Comercial, Seminário Diocesano, além de exercer a mesma actividade em muitas sociedade recreativas.

INDICE REMISSIVO

Algumas Palavras.	5
Apresentação	7
Palavras do Autor.	9
Pormenores Circunstâncias que terão despertado o gosto dos terceirenses para a arte de representar	11
A primeira casa de espectáculos nesta ilha com estruturas de teatro.	15
O Teatro Angrense após a sua total remodelação	43
A Récita de Gala Comemorativa da Inauguração	45
Maria Matos	49
Manuel Fernandes Nascimento	49
O Perfil do seu Construtor.	51
Um acidente sem consequências	61
A lógica de uma explicação	65
Ballet no Teatro Angrense	225
No espaço de vinte e quatro anos o Teatro Angrense conhece mais dois proprietários.	237
A aquisição do Teatro Angrense pelo empresário Marcelo Pamplona	239
O Teatro Angrense volta a mudar de proprietário, desta vez, para a Edilidade Angrense.	239
Regulamento para utilização do Teatro Angrense	240
O Cinema no Teatro Angrense.	245
Alguns profissionais e estabelecimentos comerciais que, de algum modo, estiveram ligados ao Teatro Angrense, a funcionarem como apoios.	269
Mostra de Cinema Português	287
Orquestras que actuaram no Teatro Angrense	291
O Rádio Clube de Angra no Teatro Angrense	299
As Matinés «Regina»	307
I e II Encontros de Coros na Ilha Terceira	317
Inauguração do Teatro após a sua remodelação.	321
Resumo cronológico dos principais acontecimentos relacionados com o Teatro Angrense.	335
Algumas das Companhias Teatrais e Agrupamentos de Variedades do Continente e restan- tes Ilhas dos Açores que actuaram no Teatro Angrense	339
Augusto Gomes (Notas Biográficas).	347

INDICE DAS GRAVURAS

Palácio do Conde da Praia, onde Funcionou um teatro popular	13
João Pereira Forjaz Sarmento de Lacerda	18
Os irmãos João e Gabriel das Neves	25
Francisco de Paula Moniz Barreto	27
Dr. Luis da Silva Ribeiro.	28
Dr. António Lino	30
Dr. Joaquim Bartolomeu Flores	35
Programa da peça «As Diplomadas»	37
Conde Sieuve de Meneses	39
Orquestra Henrique Vieira da Silva	40
Diogo Paim de Bruges	46
Tomé de Castro.	46
Programa do último espectáculo realizado pela Companhia Maria Matos - Nascimento Fernandes	47
Coronel Eduardo Gomes da Silva	53
O Teatro Angrense visto do palco	59
O velho Pano de Boca do Teatro Angrense	61
O Policia Marçal	62
Aspecto do Balcão em Récita de Gala	63
O Teatro Angrense em fase de obras	65
Programa do espectáculo realizado pelos artistas «Les Marroccs»	67
Programa da Companhia de Zarzuela Almeida Cruz	69
Programa da revista de critica regional «Flores e Bandarilhas»	73
O Chefe de Banda Capitão António Piedade Vaz	75
Caturra Sénior «Frederico Lopes, Pai»	77
Caturra Júnior «Frederico Lopes, Filho»	77
Elenco da revista «Flores e Bandarilhas»	79
Programa do espectáculo da célebre bailarina Norka Roskaya	81
Programa do espectáculo do tenor Lomelino Silva	82
Grupo Dramático do Lusitânia Sport Club	85
Programa da estreia da opereta «Água Corrente»	89
Angelo Teixeira.	91
Carlota Pereira	93
Florival Sancho	95
Isabel Maria Rocha	97
Momento simbólico em que Angelo Teixeira entregou a Florival Sancho o desempenho do papel de «Ti Miguel» na opereta «Água Corrente»	98
Os amadores Florival Sancho e Gilberto Jarroca numa cena da «Água Corrente».	99
Dr. Henrique Ferreira de Oliveira Brás.	101
Orquestra Pitagórica do Liceu Nacional Padre Jerónimo Emiliano de Andrade.	105
Maria Eduina	107
José Cruz	109

Francisco Gonçalves Leonardo	121
Coplas da revista «E Tudo o Vento Mudou...»	123
Interior do programa da revista «E Tudo o Vento Mudou...»	125
Pinto Enes	127
Eduardo Melo	129
Ricardo Melo	133
Programa da peça «Romance» do reportório da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro	137
Programa da tragédia «Antígona» do reportório da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro	139
João Fernandes	141
João Fernandes na época em que alcançou o 1º prémio dos «Companheiros da Alegria»	143
Programa da Companhia de comédias Vasco Santana	145
Maria Armanda Sieuve de Lima	147
Margarida Arminda Borba	147
Cena da parte recitativa da récita comemorativa do Centenário Garreano	149
José Henrique Franco	151
Programa da peça «Esta Noite Choveu Prata» do reportório do artista João Villaret	153
Programa da Tuna Académica da Universidade de Coimbra	157
Programa do Serão Cultural realizado no Teatro Angrense em Junho de 1958	159
Raul Coelho da Silva	161
Augusto Gomes	163
Programa da opereta «Glória ao Divino»	165
No Largo da Igreja, cena da opereta «Glória ao Divino»	167
O Regresso da Ceifa, outra cena da opereta «Glória ao Divino»	169
Mestre Francisco Maduro Dias	171
Maria Letícia Mourato	173
José Pedro Belo Soares	175
José Ferreira Toste	175
Dr. Manuel Raposo Marques	177
O Orfeon Académico de Coimbra actuando no palco do Teatro Angrense	179
Padre Coelho de Sousa	183
Iracema Cota	185
Cena do Auto «Ao Mar...»	187
Outra cena do Auto «Ao Mar...»	189
Programa do Recital de Canto de «Renate Von Schenckendorff»	193
Programa do espectáculo promovido pelo IAC II Semana de Estudos	197
Cena da peça «O Jogador»	201
Outra cena da peça «O Jogador»	203
Cena do «Auto da Barca»	205
Programa da peça «O Lobo do Vale»	207
«As Sabichonas» peça de Molière encenada pelo Alpendre	209
Álamo Oliveira	211
Pormenor da peça ANTIGONA, encenada pelo Alpendre	213
«Missa Terra Lavrada», encenada pelo Alpendre	215
«Frei Luis de Sousa», encenada pelo Alpendre	217
Eduarda Reis numa cena da peça «O Gato»	219

Eduarda Reis	221
Eduarda Reis transfigurada no palhaço «Pintarolas»	223
Dança das Flores	229
Manuela Brás no bailado «Alice no País das Maravilhas»	231
Cena do bailado «Palavras de Árvores»	233
Programa do Grupo de Teatro Dançado «Espetrus»	235
O Empresário Marcelo Pamplona	243
Elvino Andrade	248
Manuel Andrade	248
Cabeçalho do Jornal CINEMA	249
Desdobrável intitulado «O Programa»	251
Manuel Joaquim de Andrade	253
Entrada para uma sessão de Cinema Infantil	255
Inauguração de uma nova máquina cinematográfica no Teatro Angrense	257
Aspecto da Assistência	259
Programa do filme alemão «O Sonho da Valsa»	261
Programa da «Porteira da Fábrica» ou «Os Milhões do Criminoso»	263
Programa do filme «O Corcunda»	265
Programa do filme «Uma Missão Perigosa»	267
Mestre Ernesto Teixeira	271
Henrique Ferreira dos Santos	271
Os Porteiros do Teatro Angrense	273
Tipografia e Livraria Andrade	275
O Restaurante Gaspar	277
Anúncios no desdobrável «Programa»	279
A Bilheteira do Teatro Angrense	281
Leitaria Regional	283
Pastelaria Atanásio	283
Planta do Teatro Angrense	285
Orquestra João Carlos da Costa Moniz	295
Orquestra Filarmónica de Angra	297
Festa da Rádio no Teatro Angrense	303
Cena de «O Primeiro Beijo»	305
A Gata Borralheira	309
Uma Tia do Monte	311
O Distribuidor de Gás	311
O Teatro Angrense numa matiné «Regina»	313
No palco do Teatro Angrense numa matiné «Regina»	315
Alçado principal do Teatro Angrense	325
Alçado lateral esquerdo voltado a poente	327
O Dr. Joaquim Vasconcelos da Ponte proferindo o seu discurso	329
Orquestra Metropolitana de Lisboa	329
Pormenor do Teatro Angrense vendo-se o camarote das autoridades	331
O Secretário Regional da Educação e Cultura conversando com o Presidente da edilidade angrense	331
Vista parcial dos Camarotes	333
Augusto Gomes	347

ERRATA

Pág.	Onde Se Lê	Deve Ler-se
21	Jaime Silva, Fregoli	Jaime Silva, o Fregoli
23	extraordinário	extraordinário
45	in-	inau-
301	4ilusionismo	ilusionismo
309	espect□É□culos	espectáculos
323	usavam a palavra	usaram da palavra

FICHA TÉCNICA

Título : «O TEATRO ANGRENSE
ELEMENTOS PARA A SUA HISTÓRIA»

Autor : AUGUSTO GOMES

Editor : CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO -
DIVISÃO DE ASSUNTOS CULTURAIS E RELAÇÕES PÚBLICAS
Paços do Concelho, Praça Velha, 9700 Angra do Heroísmo
Telefones : (095) 22131/2/3 - Fax : (095) 22107

Capa : Gabinete de Criação e Desenho da Tipografia Angrense

Fotocomposição, impressão e acabamento :



TIP. AÇOR, LDA.
Rua do Salinas, 40-42
Telefone : (095) 22749 - Fax : (095) 22474
9700 Angra do Heroísmo

Tiragem : 1000 ex.

I. S. B. N. - 972 - 9135 - 09 - 6

Depósito Legal n.º 72449/93

Mun. de Angra do Heroísmo



9215





Câmara Municipal de Angra de Heroísmo